

Universidade de Lisboa



**O Quotidiano das Trincheiras na 1ª Grande Guerra:
um exemplo prático**

Marco António Loureiro Lourenço

Mestrado em Ensino de História no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino
Secundário

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada orientado pelo Professor
Doutor Miguel Corrêa Monteiro

2020

Dedicatória

.

Aos meus avós, felizmente ainda os tenho todos comigo.

Agradecimentos

Este “canto” do presente relatório é destinado a todos que me ajudaram não só no meu percurso académico, mas um pouco por toda a minha vida, não havendo nenhuma ordem de importância, pois todos foram importantes de diferentes maneiras.

Primeiro agradeço ao professor doutor Miguel Monteiro, no fim da licenciatura apesar de querer ser professor, não sabia se era a melhor opção, e foi o professor que ao falar sempre no Mestrado em Ensino, me fez ganhar consciência e tomar a decisão acertada de me inscrever no Mestrado. Também quero agradecer a sua boa vontade, e disponibilidade e paciência, nunca irei esquecer as suas aulas, que eram ricas em conselhos e também da boa disposição a que sempre nos habituou.

Em segundo lugar agradeço à professora Adélia Prata pela sua receção maravilhosa, pela sua amabilidade, por nos ter dado liberdade, pelas suas correções e críticas construtivas nos momentos certos, e por ter contribuído positivamente para esta primeira experiência como professor.

Agradeço em seguida a todos os meus colegas de mestrado, pois todos me ajudaram quando precisei, mas fica um especial agradecimento ao Louis, ao Samuel à Rosário e à Rita que é um exemplo para todos nós, pois mostrou-nos que não existe impossíveis.

Quero agradecer aos meus pais por todo o investimento que fizeram e mim, e por terem sempre lutado para dar um melhor futuro quer a mim, quer ao meu irmão, já que a vida não lhes deu possibilidade para ter esse futuro.

Por fim quero agradecer há minha namorada, Inês Castanho, por todo o apoio emocional que me deu, pela paciência que teve comigo ao longo destes 2 anos e por me mostrar sempre o lado mais positivo da vida.

A todos um eterno obrigado.

Índice

Dedicatória.....	I
Agradecimentos	II
Abreviaturas.....	V
Siglas	V
Resumo	VII
Abstrat	VIII
Índice de Figuras	IX
Índice de Gráficos.....	XI
Índice de Anexos	XII
Introdução	1
I PARTE - Enquadramento Teórico	3
1.1 Teorias Educacionais: Piaget e Vygostky.....	4
1.2 A importância do ensino da História	8
1.3 O Quotidiano do CEP nas trincheiras: um exemplo prático	12
II PARTE - Contexto Escolar	24
2.1 A história do agrupamento escolar	25
2.2 O espaço circundante da escola	28
2.3 Caracterização da turma 9º B.....	29
III PARTE - Prática de Ensino Supervisionada.....	36
3.1 Reuniões e aulas em conjunto com a professora cooperante.....	37
3.2 Aulas Lecionadas	38
1ª Aula Lecionada: 7 de Outubro de 2019	38
2ª Aula Lecionada: 14 de Outubro de 2019	44
3ª Aula Lecionada: 21 de Outubro de 2019	53
4ª e 5ª Aulas Lecionadas: 23 de Outubro de 2019	59
7ª e 8ª Aulas Lecionadas: 30 de Outubro de 2019	74

9ª Aula Lecionada: 4 de Novembro de 2019.....	83
10ª Aula Lecionada: 5 de Novembro de 2019.....	89
11ª Aula Lecionada: 18 de Novembro de 2019.....	93
Considerações Finais	102
Bibliografia/Obras citadas	104
Anexos	106

Abreviaturas

Dr. – Doutor

P. – Página.

Pp.- Páginas

Pág. Página

S.d- Sem data

Apud – Citado por

EB - Escola Básica

JI – Jardim de Infância

Séc. – Século

Min. – Minutos

Doc. – Documento

D. – Dom

In. – Em

Coord. – Coordenação

Siglas

CEP - Corpo expedicionário português

ZDP – Zona de Desenvolvimento Proximal

NEE – Necessidades Educativas Especiais

EUA – Estados Unidos da América

PWP – Power Point

SDN – Sociedade Das Nações

TPC – Trabalho Para Casa

NEP – Nova Política Económica

URSS - União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

Nota: As referências bibliográficas e as citações estão de acordo com estilo APA
(American Psychological Association)

Resumo

O Relatório de Prática de Ensino Supervisionada reflete-se sobre o tema *O Quotidiano das Trincheiras na 1ª Grande Guerra – um exemplo prático*, tema de História Contemporânea, inserido nos conteúdos programáticos do 9º ano, correspondente ao domínio I: *A Europa no limiar do século XX*, e do subdomínio: *Apogeu e declínio da influência europeia*. Esta proposta foi aplicada na nossa prática de ensino supervisionada, no decorrer do trabalho de intervenção letiva, no percurso do Mestrado em Ensino de História no 3.º Ciclo do Ensino Básico e do Ensino Secundário na Escola Básica dos 2º e 3º ciclos Dr. António Augusto Louro, no Seixal.

Com o tema do quotidiano das trincheiras, pretendemos evidenciar as vivências que os soldados experienciaram nos dois anos de guerra, explorando, as duras condições de vida, demonstrando exemplos destas vivências. Usamos o exemplo prático do CEP, mais propriamente, a ação dos soldados portugueses nos palcos da Primeira Guerra, abordando o lado mais humano, visto que para além, dos problemas habituais que os soldados têm que enfrentar, este corpo militar em questão, passou por grandes dificuldades, devido a vários fatores, como a geografia do seu setor ser impeditiva das mínimas condições de higiene, o equipamento inadequado para essa mesma geografia para o esforço que foi a guerra das trincheiras e a alimentação pouco nutritiva. Fatores estes, que levaram muitos soldados às camas dos hospitais, estes também com fracas condições, impedindo os soldados de cumprirem a sua função tirando-os da linha da frente, ou permanecendo mas com a saúde debilitada.

Estes momentos de tristeza e angústia interligavam-se também com momentos de distração e de evasão da guerra, pois quando a guerra não exigia ação bélica, os soldados passavam o tempo de variadíssimas formas, por exemplo, fazendo jogos entre os aliados, nas linhas mais recuadas, onde o espaço era mais aberto, cantar e dançar, entre outros. Sendo o momento de lazer preferido, o ler e escrever cartas para os seus entes queridos, aproximando-os e até os transportando (no imaginário) para os seus lares.

Com este tema é nosso objetivo acima de tudo sensibilizar os alunos e consciencializá-los, que as guerras não têm lados positivos, pois há muito sofrimento envolvido, dando-lhes assim uma visão mais alargada da vida destes soldados, visto que, no programa de História esta temática é abordada de forma muito sucinta.

Palavras-chave: Primeira Guerra Mundial; Trincheiras; Dia a dia dos soldados.

Abstrat

The Supervised Teaching Practice Report reflects about the subject “The everyday life in the Trenches of World War I – a practical example, Contemporary History theme, included in the programmatic subjects of 9th grade, corresponding to domain I: Europe at the threshold of the 20th century, and the subdomain: Apogee and decline of European influence. This proposal was applied in our supervised teaching practice, during the teaching classes in the course of Master in History Teaching in the Basic Education and Secondary Education, in the Dr. António Augusto Louro Basic School, in Seixal.

With the theme of everyday life in the trenches, we intend to highlight the experiences the soldiers experiences in the two years of war, exploring the hard living conditions, and demonstrating examples of these experiences. We use the practical example of the CEP, more properly, the action of the Portuguese soldiers on the stages of the First War addressing a more personal view, since in addition to the usual problems, which soldiers have to face, this military body in particular, went through great difficulties, due to several factors, such as the geography of their sector, being extremely lacking in regards to hygiene conditions, the inadequate equipment for that same geography and for the effort that was the trench war and the low nutritious food. These factors, which led many soldiers to hospital beds, also with poor conditions, preventing soldiers from fulfilling their function, taking them out of the front line, or remaining but in poor health.

These moments of sadness and anguish were also interconnected with moments of distraction and avoidance of war, because when war did not require warlike action, soldiers spent their time in many different ways, for example, playing games among the allies, in the most distant lines, where the space was more open, singing and dancing, among others. Spending quite some time reading and writing letters to loved ones, bringing them together and even transporting them back (in the imagination) to their homes.

With this theme it is our objective above all to sensitize students and make them aware, that wars do not have positive sides, because there is a lot of suffering involved, thus giving them a broader view of the lives of these soldiers, since, in the History program this theme is approached very succinctly.

Keywords: World War I; Trenches; Soldiers' daily lives.

Índice de Figuras

Figura 1- Estádios de Desenvolvimento Cognitivo (retirado de Norman & Sprinthall, 1993,p. 102).....	5
<i>Figura 2 – Atividade Mediada (retirado de Fino Carlos Nogueira, 2001, p.276)</i>	<i>6</i>
Figura 3- “Triângulo Pedagógico”, retirado de Janes José Cristiano Mendes (2017, p.9)	12
Figura 4- Escultura sinal de Hélder Batista	27
Figura 5 - O espaço físico Agrupamento de escolas Dr. António Augusto Louro (retirado do Projeto Educativo 2018-2021 (p. 9).....	28
Figura 6 - PWP: Povos Eslavos dentro do império Austro-húngaro	40
Figura 7 – PWP: Política das alianças militares em vésperas de Primeira Guerra Mundial.....	41
Figura 8 – PWP: A Primeira Guerra Mundial: frentes do conflito.....	45
Figura 9 – PWP: Mapa da Europa: fases e frentes da Grande Guerra.....	46
Figura 10 - PWP: Armas utilizadas na Grande Guerra	48
Figura 11 - PWP: Referente às armas químicas	49
Figura 12 - PWP: Representação de uma trincheira.....	50
Figura 13 - PWP: Perdas Territoriais Alemãs	55
Figura 14 - PWP: Mapa Geopolítico Europeu pós Primeira Guerra Mundial	56
Figura 15 – Os Mutilados de Guerra (pintura de Otto Dix)	61
Figura 16 – Mulheres a trabalharem na indústria	61
Figura 17 – PWP: Esquema Concetual sobre o Triângulo Financeiro	64
Figura 18 – PWP: Concorrência Internacional.....	67
Figura 19 – Caricatura relativa às características da sociedade russa antes da revolução	69
Figura 20 - Imagem alusiva ao Domingo Sangrento	71
Figura 21 – Doc. da petição dos Operários ao Czar, 1905	71
Figura 22 – PWP: As causas da Revolução de Fevereiro.....	75
Figura 23 – PWP: O eclodir da Revolução de Outubro	77
Figura 24 - PWP: As medidas da NEP	82
Figura 25 - Doc. relativo à Legislação Laboral na Europa (1891-1913).....	85
Figura 26 – PWP: Contraste de imagens durante e depois da guerra.....	86
Figura 27 - PWP: Irmãos Lumière e o seu cinematógrafo	91
Figura 28 - Doc.: Balança comercial portuguesa	94

Figura 29 – Doc. relativo à dívida pública portuguesa.....	95
Figura 30 - Ilustração de 1911 alusiva à proclamação da República Portuguesa.....	99

Índice de Gráficos

Gráfico 2 - Caracterização dos alunos quanto ao género	31
Gráfico 1 - Caracterização dos alunos quando à idade.....	31
Gráfico 3 - Encarregado de educação dos alunos.....	31
Gráfico 4 - Profissões dos Encarregados de Educação.....	32
Gráfico 5 - Habilitações Académicas dos pais dos alunos	32
Gráfico 6 - Agregado Familiar dos alunos	32
Gráfico 7 - N.º de Irmãos de cada aluno.....	33
Gráfico 8 - Meio de Transporte utilizado	33
Gráfico 9 - Passatempos favoritos dos alunos	34
Gráfico 10 - Repetição de ano	34
Gráfico 11 - Ingressão no Ensino Superior	34
Gráfico 12 - Conteúdo Programático favorito.....	35

Índice de Anexos

Anexo 1 - Questionário Anónimo feito à turma 9º A.....	107
Anexo 2 – Planificação 1ª Aula.....	110
Anexo 3 – PWP: Rivalidades Económicas e Tensões Nacionalista.....	111
Anexo 4 - Mapa: Política de alianças militares	111
Anexo 5 - Doc.: Rivalidade anglo-germânica	112
Anexo 6 – Planificação 2ª Aula.....	113
Anexo 7 - Mapa: As frentes de batalha na Europa	114
Anexo 8 - Doc.: As trincheiras	114
Anexo 9 – PWP: Soldados dentro de uma trincheira	115
Anexo 10 – PWP: Imagem da doença pé de trincheira	115
Anexo 11 – PWP: soldado num abrigo	116
Anexo 12 - Doc.: O dia-a-dia dos soldados portugueses na frente de batalha em França	116
Anexo 13 – Planificação 3ª Aula.....	117
Anexo 14 – Doc.: Quadro que regista a assinatura do tratado de Versalhes	118
Anexo 15 – PWP: Os 14 pontos de Woodrow Wilson.....	118
Anexo 16 – PWP: Objetivos da Sociedade das Nações	119
Anexo 17 – Planificação 4ª Aula.....	120
Anexo 18 - Doc.: Evolução da Inflação	121
Anexo 19 – PWP: Crianças empilham marcos alemães 1923.....	121
Anexo 20 - Doc.: Efeitos da guerra na situação económica da Europa e na dos EUA	122
Anexo 21 - Doc.: Desenvolvimento económico e financeiro dos EUA	122
Anexo 22 – Doc: Produção das potências europeias antes e após a I Guerra Mundial	122
Anexo 23 – Planificação 5ª Aula.....	123
Anexo 24 – PWP: Taylorismo.....	124
Anexo 25 - Doc.: Linha de montagem	124
Anexo 26 - Doc.: Operário a trabalhar na construção do Empire State Building	125
Anexo 27 – Planificação 6ª Aula.....	126
Anexo 28 - Planificação 7ª Aula.....	127
Anexo 29 – PWP: Medidas do Governo Provisório.....	128
Anexo 30 - Doc.: Ditadura do Proletariado	128
Anexo 31 – Planificação 8ª Aula.....	129

Anexo 32 – PWP: Medidas do Comunismo de Guerra	130
Anexo 33 - Doc.: Produção agrícola e industrial da Rússia	130
Anexo 34 – Planificação 9ª Aula	131
Anexo 35 – PWP: Burguesia no tempo da Belle Époque.....	132
Anexo 36 - Doc.: Mudanças na sociedade do após guerra.....	132
Anexo 37 - Doc.: Desafios do nosso tempo em matéria de igualdade de géneros	132
Anexo 38 – Planificação 10ª Aula	133
Anexo 39 – PWP: Rádios da década de 20	134
Anexo 40 – PWP: Caracterização da Cultura de Massas	134
Anexo 41 – Ficha de trabalho.....	135
Anexo 42 – Planificação 11ª Aula.....	138
Anexo 43 – PWP: Situação económica e social portuguesa nos finais séc. XIX.....	139
Anexo 44 – PWP: Ideias republicanos	139
Anexo 45 – PWP: Duas perspetivas sobre o regicídio	140
Anexo 46 – PWP: Proclamação da República	140
Anexo 47 - PWP: Cronologia da queda da República à Implantação da República	141

Introdução

O Relatório de Prática de Ensino Supervisionada aqui apresentado foi produzido na Unidade Curricular Iniciação à Prática Profissional III, incluída no último semestre do Mestrado em Ensino de História no 3.º Ciclo do Ensino Básico e do Ensino Secundário da Universidade de Lisboa, e reflete-se sobre a prática profissional feita na Escola Básica dos 2º e 3º ciclos Dr. António Augusto Louro, ao 9º ano, com a orientação do Professor Doutor Miguel Monteiro, e da professora cooperante Adélia Prata.

O presente relatório representa as aprendizagens tidas nestes dois anos de mestrado de ensino, pois apresenta temáticas que foram lecionadas nas aulas tanto no Instituto da Educação, como na Faculdade de Letras, no entanto, foca-se mais no trabalho realizado no agrupamento de estágio.

A nossa ação letiva fez-se em 11 aulas na escola acima mencionada, os temas por nós lecionados, foram toda a problemática da Primeira Guerra Mundial, os antecedentes, as fases e frentes do conflito e as transformações do pós-guerra, ainda lecionamos 1 aula referente ao tema da crise da Monarquia Constitucional até à Implantação da República. Estes temas correspondem aos domínios didáticos do, Apogeu e Declínio da Influência Europeia, As Transformações Políticas, Económicas, Sociais e Culturais do Após Guerra e Portugal da 1ª República à Ditadura Militar. Salientar que estes temas foram escolhidos por nós, isto porque, a professora Adélia Prata deu-nos liberdade para escolhermos os temas das nossas aulas.

Este trabalho está dividido em 3 partes, sendo que a primeira tem um teor teórico, onde estão presentes as teorias da aprendizagem usadas por nós nas nossas aulas, assim como os seus autores, uma abordagem da importância do ensino da história, e por fim, o tema por nós escolhido, “O Quotidiano das Trincheiras na 1ª Grande Guerra – um exemplo prático”. O tema escolhido vai ao encontro daquilo que para o mestrando é o que faz a disciplina de história ser especial, o facto de se poder falar de temas delicados que afetaram a humanidade, como é o caso da Primeira Guerra Mundial, abordando assim a vida dos soldados nos dois anos de guerra.

A segunda parte aborda o contexto escolar, isto é, a escola onde foi realizado o estágio, assim como, o meio geográfico envolvente da mesma, sendo este ponto a nosso ver importante, para se perceber em que meios os alunos estão inseridos, beneficiando assim a ação didática. Conta ainda com a caracterização da turma do 9º A, turma por nós

lecionada, sendo esta caracterização o resultado das aulas que lecionámos e de um questionário feito à turma.

O último capítulo do Relatório de Prática de Ensino Supervisionada será dedicado ao trabalho desenvolvido com a turma durante o terceiro semestre do Mestrado em Ensino de História no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, na Escola Básica dos 2º e 3º ciclo Dr. António Augusto Louro. No capítulo em questão estarão presentes as descrições das aulas, os métodos e as estratégias que foram utilizados nessas aulas, assim como, a reação dos alunos a estes métodos e estratégias. Por fim estará presente no relatório as devidas conclusões, juntamente com uma reflexão crítica, ao trabalho elaborado.

I PARTE

Enquadramento Teórico

1.1 Teorias Educacionais: Piaget e Vygostky

Neste segmento, temos o objetivo de dar a conhecer, as teorias, bem como os teóricos da aprendizagem utilizados nas aulas, nomeadamente Jean Piaget e Lev Vygotsky, abordando cada teoria de forma sucinta.

Jean Piaget considerava que os indivíduos adaptam-se ao seu meio envolvente, por isso o seu intelecto, conhecimento ou aprendizagem, molda-se consoante as suas experiências e vivências durante a sua vida, Piaget considera então a inteligência “como algo dinâmico, plástico, que se desenvolve, que não está definida à nascença, e por isso mesmo, depende dos desafios e das vivências, inerentes ao meio social que a pessoa está inserida” (Carvalho Carolina e Conboy Joseph, 2013). Para haver esta adaptação do indivíduo ao meio social, Piaget mencionou dois processos, a assimilação e a acomodação. Sendo que o primeiro é o processo cognitivo, que um indivíduo incorpora um dado sensorial às estruturas cognitivas já existentes. O segundo processo, tem que ver com a mudança das estruturas cognitivas, com o objetivo de aceitar algo de novo do meio envolvente.

Piaget foi ao desencontro da Psicologia Educacional, pois refere que a aprendizagem é algo abstrato e não complexo, assim “Piaget propunha que se começasse por investigar a criança em vez de adoptar a perspectiva oficial de Thorndike segundo a qual se deveriam investigar as «leis» da aprendizagem em abstracto” (Norman & Sprinthall, 1993, p.90). Este pedagogo com a observação de crianças e com estudo da mente humana chegou aos estádios de desenvolvimento cognitivo, segundo ele, este desenvolvimento efetua-se em estádios que se desenvolvem ao longo do tempo. Piaget considerava a cognição como um:

“processo ativo e interativo. A mente, em linguagem corrente, não é uma simples folha de papel em branco na qual o meio escreve; mas também não é um dispositivo completamente separado” (Norman & Sprinthall, 1993, p.102).

Temos que ver também que a cognição é um processo “ativo e não passivo”.

O currículo nas escolas deve-se adaptar ao nível de desenvolvimento das crianças, pois se assim não acontecer, prejudica esse mesmo desenvolvimento. É por isso, de extrema importância o professor ter a perceção do estado de desenvolvimento cognitivo que se encontram os seus alunos. “A pessoa afecta o meio e o meio afecta a pessoa, simultaneamente”. (...) “A criança não é um organismo vazio, nem a aprendizagem consiste em encher passivamente um recipiente vazio” (Norman & Sprinthall, 1993, p.

102). Para haver conhecimento, tem que sempre haver uma interligação entre o indivíduo e o meio envolvente, é por isso que o aluno deve ter um papel ativo dentro da sala de aula, onde esteja presente a interação com o professor.

O professor deve então ter algumas preocupações na visão de Piaget, segundo Carvalho Carolina e Conboy Joseph (2013), o docente deve preocupar-se com a resposta do aluno, pois cabe ao professor não só fazer a correção dessa resposta, como também perceber o que levou ao aluno responder de determinada maneira. É dever dos professores e educadores fazerem atividades variadas com os seus alunos, para que estes consigam desenvolver competências de compreensão e de interação com o mundo ao seu redor. Os professores também não deverão acelerar o processo de desenvolvimento cognitivo das crianças (não se pode ensinar a uma criança do 1º ciclo assuntos do 2º ou 3º), tem que se respeitar a idade de aprendizagem. Juntamente com isto, o professor terá que ter a percepção que dentro de uma sala de aula, apesar da mesma idade, nem todos os alunos estão no mesmo patamar cognitivo, e por isso, terá que ter em atenção e às desigualdades cognitivas dos seus alunos.

Assim, os professores conseguirão entender o modo de pensamento dos seus alunos e adaptar as suas estratégias de ensino ao nível cognitivo dos mesmos.

Depois de estudar alguns padrões de desenvolvimento nas crianças até à sua adolescência, Piaget estabeleceu 4 estádios do desenvolvimento cognitivo consoante a idade, de acordo com o quadro representado em baixo.

Idade	Estádio
0-2	Sensório-motor
2-7	Intuitivo ou pré-operatório
7-11	Operações concretas
11-16	Operações formais

Figura 1- Estádios de Desenvolvimento Cognitivo (retirado de Norman & Sprinthall, 1993,p. 102)

Em cada estágio há uma forma diferente de pensamento, sendo que há um desenvolvimento desse mesmo pensamento quando a criança evolui de um estágio para outro, só é possível a passagem entre estágios, quando a criança adquire novo conhecimento e evolui as suas formas de pensar, “Cada estágio constitui uma transformação fundamental dos processos de pensamento - comparado com o estágio

precedente, um salto para a frente, um importante avanço no conhecimento” (Norman & Sprinthall, 1993, p.102).

Contemporâneo de Jean Piaget, também Vygotsky dedicou-se à psicologia educacional, segundo ele a aprendizagem é o impulsionador do desenvolvimento. Refere que é a interação entre indivíduos, que proporciona o desenvolvimento da cognição, Carvalho Carolina e Conboy Joseph (2013) referem que “assim o social ganha uma importância central para a compreensão do desenvolvimento” (...) e que “as interações sociais são um elemento crucial do desenvolvimento cognitivo”. Nomeadamente nas crianças ou jovens, que em sala de aula, através da interação com o professor, ou mesmo com outros colegas que são mais competentes e experientes, que ajudam na apropriação daquilo que Vygotsky chama de ferramentas (a atividade externa) que podem ser objetos do dia-a-dia, que usamos para modificar o nosso meio ambiente, e os signos (a atividade interna), por exemplo a linguagem. Estes são os dois elementos mediadores que fazem com que haja uma ação humana sobre o mundo, sendo que os indivíduos ganham conhecimento “através da atividade mediada por essas ferramentas (e signos), as quais unem a mente com o mundo real dos objetos e dos acontecimentos” (Fino Carlos Nogueira, 2001, p. 276), podemos perceber isto, na ilustração do quadro abaixo:

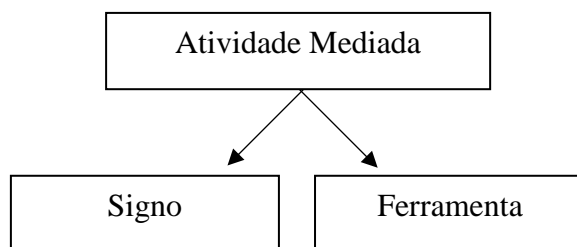


Figura 2 – Atividade Mediada (retirado de Fino Carlos Nogueira, 2001, p.276)

Para Vygotsky o conhecimento é alcançado do exterior para o interior, isto é do interpsicológico para o intrapsicológico, daí a importância da interação social, ou seja de os indivíduos interagirem entre si, pois “É ao colaborar e ao discutir com outros sujeitos que se consideram novas alternativas e reelaboram ideias pessoais, criando-se assim possibilidade de apropriação dos conhecimentos” (Carvalho Carolina e Conboy Joseph, 2013, p. 90).

Um dos tópicos mais relevantes na teoria de Vygotsky é a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), que representa o distanciamento entre uma atividade ou exercício que uma criança pode fazer sozinha, e aquilo que consegue fazer com o

auxílio quer de colegas com mais aptidões para fazerem determinada atividade ou exercício, quer pelo professor.

Para Vygostky a educação pode ser espontânea ou reativa, a primeira tem que ver com crianças de idade pré-escolar, onde a aprendizagem acontece devido ao facto de a criança querer aprender por ela própria, normalmente são atividades do dia-a-dia, no entanto, é fundamental que o adulto estimule esta aprendizagem, para ela se concretizar. A educação reativa por sua vez é normalmente imposta pelo programa de um professor ou mesmo da escola, aqui a criança já tem idade escolar.

Carvalho Carolina e Conboy Joseph (2013) referem alguns pontos de vista para os professores segundo a visão de Vygotsky, no que toca à zona de desenvolvimento proximal, o docente deverá realizar atividades para que os seus alunos as consigam realizar individualmente e simultaneamente as realizem com a ajuda de outros. Sendo que estas atividades escolhidas pelo professor têm que respeitar sempre a ZDP dos seus alunos, as indicações dadas para estes conseguirem fazer determinado exercício não deverão ser muito complicadas, o professor terá que mediar os diferentes saberes.

No trabalho entre pares o professor deverá pôr alunos com maiores e menores capacidades dentro do grupo, pois assim, os alunos menos capacitados poderão aprender com os alunos que têm mais aptidão, melhorando assim o desempenho de ambos, sendo que aqui a linguagem utilizada é um fator importante, pois a linguagem entre alunos é mais próxima que a linguagem entre professor e aluno. Outro fator importante é o diálogo que se tem, na execução de um exercício, assim é possível um melhor esclarecimento de conceitos, e por conseguinte, uma melhor aprendizagem.

As teorias de Piaget e Vygotsky apresentam algumas semelhanças, ambos referem que a aprendizagem é algo gradual, e que há medida que a criança vai crescendo, os novos conhecimentos tornam-se mais complexos e os dois concordam com o facto de a criança, dever ter um papel ativo na sua aprendizagem.

No entanto também apresentam diferenças nas suas teorias, Piaget refere que o desenvolvimento cognitivo já está formado, e é motivado pela maneira como as crianças se adaptam a novas experiências, para além disso este desenvolvimento é “universal”, e por isso, igual para todas as crianças, enquanto Vygotsky, refere que o desenvolvimento cognitivo é impulsionado pelas experiências e interação social, e que o desenvolvimento não é igual para todos, e por isso, difere consoante a cultura e o tempo. Piaget explica que as crianças aprendem através da autodescoberta, ao passo que Vygotsky refere, que as crianças para aprenderem e se desenvolverem precisam de orientação. O pedagogo suíço

explica que as crianças só aprendem quando estiverem prontas, por sua vez Vygotsky diz que as crianças podem aprender a qualquer momento devido à ZDP. Para finalizar Piaget defende que a linguagem é o resultado do desenvolvimento cognitivo e Vygotsky contrapõe dizendo que a linguagem é chave para desbloquear esse mesmo desenvolvimento.

De salientar que não procurámos usar exaustivamente apenas estas duas correntes teóricas, pois a nosso ver, todas as teorias de aprendizagem contribuem para o bom trabalho do professor na sala de aula.

1.2 A importância do ensino da História

A escola ao longo dos séculos sofreu variadíssimas alterações, se até meados do século passado a escola apenas era maioritariamente frequentada pela alta sociedade, a verdade é que isso mudou, e hoje em dia, todas as crianças e jovens independentemente do seu estrato social vão à escola, apesar de persistem algumas desigualdades sociais.

A escola tem o propósito de dar uma educação de modo que a criança quando adulto seja competente, fazendo-se valer dos conhecimentos que adquiriu ao longo da sua escolaridade, e aplicá-los no seu dia-a-dia, assim, o ensino da História aparece como um grande contributo e uma parte fundamental desses conhecimentos.

Tal como a escola e a educação, também o ensino da História sofreu alterações, no decorrer dos séculos, a História foi muitas vezes ensinada com o objetivo de influenciar de maneira conservadora o pensamento da população, engrandecendo grandes figuras e as suas ações, deturpando a verdade histórica. A aula tinha como centro o professor, sendo os alunos autênticos “imitadores”, do que o docente transmitia, não tendo assim a liberdade para desenvolver o seu próprio pensamento, já que a resposta do aluno a uma pergunta feita pelo professor deveria ser dada de forma rápida, privilegiando-se a memorização de cor. Assim “toda a conversação ocorrida na aula consistia em perguntas e respostas a breves perguntas factuais – perguntas que exigiam uma boa capacidade de memorização de cor, e a capacidade de formular a resposta nos mesmos termos utilizados pelo professor” (Norman & Sprinthall, 1993, p.9).

A história inserida nas ciências sociais, infelizmente ainda hoje, é na mente de muitos uma disciplina que não tem grau de dificuldade, pois apenas se decora datas e acontecimentos, por isso, não entendem a sua utilidade, sendo assim descreditada.

Contudo sabemos que a História é, e vai muito mais além que simples memorizações, se a escola tem o objetivo de formar cidadãos exemplares, a disciplina de História (não sendo a única), tem um papel fundamental nessa formação. Os alunos instruídos historicamente obtêm aptidões variadas, têm uma melhor compreensão do presente, “uma vez que não há nada no presente que não possa ser melhor compreendido através do passado” (...) pois “com ela, a compreensão do presente adquire maior riqueza e relevância” (Prats Joaquín, 2006, p.196). Isto é assim, pois o passado influencia sempre o presente e o futuro, por isso, a história é formativa, porque ajuda a refletir sobre os problemas atuais, tendo em conta o passado.

A disciplina de história é rica em temas, temas esses, que podem ir da política, à conquista de direitos, como a emancipação feminina abordado nas nossas aulas, tocando em assuntos da ordem social e económica que ocorreram no decorrer dos séculos. O aluno com a aprendizagem histórica terá o conhecimento das bases sociais, desenvolvendo uma consciência crítica do mundo, percebendo que as suas vivências são sempre fruto do curso da história. Ao aprenderem os encontros (pacíficos ou não), que se fizeram ao longo dos séculos entre as várias culturas e nações, os alunos podem construir uma melhor interação e tolerância em relação ao outro, e aos seus pontos de vista, tendo um comportamento mais aberto e de aceitação em relação à diferença.

A relação com as origens também está relacionada com a aprendizagem histórica, na medida em que o aluno ao ter conhecimento de história reconhece o seu país e os seus antepassados, uma vez que “ter uma consciência das origens permite que, quando adultos, possam compartilhar valores, costumes, ideias etc.” (Prats Joaquín, 2006, p.196), realçando mais os valores ditos em cima.

Para além destes valores éticos, o ensino da História é benéfico, isto porque pode proporcionar debates, ou trabalhos com exposição oral, o que faz desenvolver nos alunos a sua oralidade e comunicação perante os outros. Através da leitura e interpretação de documentos, mapas, gráficos etc., que são essenciais na disciplina de História, o aluno desenvolve uma maior reflexão, assim como o seu espírito crítico, a opinião pessoal e a organizar e fazer o tratamento da informação, preparando-o para exercer a sua cidadania, esta, que está atualmente tão presente no currículo das escolas.

A História como refere Prats (2006, p.197), enriquece outras áreas de saber, pois estas estão sempre relacionadas à História, seja o estudo dos progressos científicos, a música etc. Tudo isto espelha a importância desta disciplina, que traz aos alunos uma

multiplicidade de saberes e competências, ultrapassando o decorar datas e acontecimentos importantes, rótulo frequentemente dado à História.

A aprendizagem histórica terá, no entanto, que ter sempre em consideração o estágio em que se encontram os alunos, indo ao encontro do conhecimento prévio do mesmo, acrescentando depois nova informação, a partir desse conhecimento, em concordância com Piaget, devendo haver uma “seleção de conteúdos e os enfoques didáticos às necessidades educativas e capacidades cognitivas dos estudantes” (Prats Joaquín, 2006, p.195).

Temos que ver que a disciplina de História, por si só não fornece aos alunos as capacidades referidas em cima, isto porque tem que haver uma conciliação entre a disciplina e o trabalho do professor, que se torna no aspeto mais importante, para a transmissão de conhecimentos.

Se na obra “A Ilha Pedagógica”, Miguel Monteiro salienta a modernidade da escola, no sentido em que esta não deve fazer face às novas necessidades que surgem, suportando-se em estruturas obsoletas, também o professor tem que se adaptar às novas realidades, pois os alunos já não são meros recetores do docente, nem do manual. Os educandos acompanham o desenvolvimento que o mundo sofre todos os dias, tendo por isso, os professores que estarem atentos a essa evolução, conciliando as suas aulas com a mesma, para conseguirem cativar os seus alunos, pois o manual já não é a única ferramenta utilizada pelos alunos para o estudo. O professor não deve então fazer uma “mera reprodução dos programas ou das interpretações dos autores de manuais” (Alves Luís Alberto Marques, 2009, p.22).

Se queremos uma melhor compreensão das aprendizagens, e uma maior participação dos alunos, o docente deverá ter alguns cuidados dentro da sala de aula, a exposição deverá ser feita com moderação, dando-se mais voz ao aluno, tendo o professor que dar “uma nova “roupagem” na exposição didática” (Monteiro Miguel Corrêa, 2017, p. 244), o docente deve utilizar várias metodologias, assim como uma nova linguagem, que se adegue não só aos alunos, mas também aquilo que está a ser ensinado. Em relação à linguagem, e pegando nas palavras de Miguel Corrêa Monteiro (2017, p.244-245), o professor deverá procurar:

- “selecionar as mensagens mais significativas para o alunos (considerando os seus interesses, capacidades, e o contexto cultural do educando) e a linguagem correspondente;
- utilizar períodos curtos, na ordem direta, um falar pausado e bem articulado, com boa dicção;

- utilizar uma linguagem gramaticalmente correta (evitar o uso de gírias), animada, expressiva e ocasionalmente enfática;
- utilizar espontaneamente o circunlóquio didático, facilitando a compreensão da mensagem”.

Não havendo nenhum método específico para o ensino da história, o professor deve ter em conta algumas estratégias, e tal como a linguagem pegamos nas palavras de Miguel Corrêa Monteiro (2017, p.245), onde o autor refere as metodologias basilares que o professor deve seguir:

- “a) O método deve ser ativo e estimular operações mentais do educando (ativismo);
- b) O método deve corresponder a uma real necessidade psicológica do aluno, que tem que estar motivado (funcionalismo);
- c) O método deve garantir o real domínio do conteúdo (assimilação e integração);
- d) O método deve facilitar a transferência da aprendizagem (aplicação dos conhecimentos);
- e) O método deve ser aplicado dentro de um clima de autêntica liberdade do educando”.

Acreditamos assim, que se o professor conseguir concretizar este tipo de metodologias e linguagem na sala de aula, a aprendizagem por parte dos alunos será concretizada, centrando-os mais na sala de aula, em detrimento do professor, e facilitando “a construção do seu próprio conhecimento”. O professor tem ainda que passar ao aluno que também ele é um sujeito da história.

Achamos importante realçar, que como está presente na alínea C, isto é, o domínio dos conteúdos científicos por parte do professor, sem eles, um docente não pode exercer a sua profissão, mas para além deste detalhe rigoroso científico, o professor deve “trazer consigo” a pedagogia e a didática, que se tornam essenciais na formação, centrando-se o professor no meio, pois ele é o mediador entre o aluno e o conhecimento científico. Esta teoria pode ser representada no chamado “triângulo pedagógico”, tanto falado nas aulas do Professor Doutor Miguel Monteiro (Janes José Cristiano Mendes, 2017, p.9).



Figura 3- “Triângulo Pedagógico”, retirado de Janes José Cristiano Mendes (2017, p.9)

Os alunos têm que ter a sua consciência histórica, cabendo ao professor potenciar essa consciência, o aluno para além de saber factos científicos, também tem que ter um pensamento histórico. Isto é relevante na medida em que com o pensamento e consciência histórica, há uma perceção do presente, como um desenvolvimento contínuo do passado, havendo sempre uma interligação entre os dois.

Assim com este método de trabalho, é possível aos educandos terem as suas próprias ideias, e terem uma reflexão sobre as mesmas, ouvindo consequentemente as ideias dos seus pares, desenvolvendo o pensamento crítico, já referido em cima, para que ele ultrapasse a realidade escolar, e esteja presente no dia-a-dia.

1.3 O Quotidiano do CEP nas trincheiras: um exemplo prático

No desenvolvimento da Iniciação à Prática Profissional, iremos abordar no enquadramento teórico, o quotidiano dos soldados nas trincheiras, com especial atenção para o CEP, (corpo expedicionário português). Achamos este tema importante, pois ao longo destes dois anos letivos, de prática supervisionada, nas nossas aulas sempre que pudemos usámos a nossa disciplina, para conscientizarmos os alunos para aquilo que foram os problemas da humanidade.

Reconhecemos que o programa de história é bastante extenso, e que não se pode abordar todos os temas pormenorizadamente, no que diz respeito ao tema da Grande Guerra, o programa do 9º ano, dá mais relevância às questões políticas e económicas, no antes e pós-guerra, abordando também as questões sociais, mas depois do conflito. Assim a condição das pessoas durante a guerra é apenas abordado de forma sucinta, tendo em vista isto, tentámos passar aos alunos a problemática que foi viver dentro das trincheiras

e espaço envolvente, para que estes se sensibilizassem, a par com este sofrimento dos soldados, também passámos aos alunos que os soldados tiveram momentos de lazer e de diversão.

O tema em questão enquadra-se na unidade temática “*A Europa e o mundo no limiar do séc. XX*”, e a subunidade “*O Apogeu e declínio da influência europeia*”, na aula das fases e frentes da Grande Guerra, iríamos abordar as trincheiras, e a vida dos soldados, por isso, decidimos falar do caso dos soldados portugueses, deixando as questões das razões de Portugal ter entrado na guerra para outra aula, que acabou por ser lecionada não por mim, mas pela professora Adélia. Salientar que no manual, esta temática das condições do CEP nas trincheiras se resume apenas a um documento.

Não tendo como temática o porquê da política que fez Portugal entrar na guerra, mas sim o quotidiano do CEP nas trincheiras, torna-se necessário no entanto fazer um pequeno enquadramento para o leitor perceber um pouco dos antecedentes que levaram Portugal para a guerra.

A República ainda com poucos anos de existência queria-se afirmar, isto porque a existência de opositores ao novo governo e à participação de Portugal na guerra na Europa, era notória, o governo queria assim “atenuar ou adiar os conflitos político-sociais existentes na sociedade portuguesa” (Marques Isabel Pestana, 2016, p.18), pretendendo ainda dar mais fortalecimento, assim como uma identidade própria ao Partido Republicano afirmando o seu poder político, conduzindo a sociedade como refere Isabel Pestana Marques a um esforço coletivo, ou seja, a guerra.

Portugal queria também voltar a ter um estatuto europeu. Ainda havia as questões das colónias, mas não abordámos essa temática, visto que seria abordado em outra aula, e assim não fugimos do tema principal.

É importante referirmos que Portugal entra na guerra em 1917, a favor da Tríplice Entente, isto é, no lado dos aliados França e Inglaterra, depois de longas e difíceis negociações com os seus futuros aliados, pois a Inglaterra, principalmente, reconhecia as fragilidades do nosso país, e não queria que Portugal fosse um estorvo atrapalhando a sua campanha em França, temendo ter que “suportar financeiramente todo o esforço de guerra e a própria economia” (...), para além disso também não queria “ter de armar, treinar, abastecer e transportar qualquer força militar significativa” (Telo José António, s.d., p.14). O que acabou por acontecer.

No entanto depois da declaração de guerra que a Alemanha fez a Portugal, os preparativos para a entrada do nosso país no conflito intensificaram-se, a partir de 1916.

A declaração deveu-se ao governo português ter atendido o pedido britânico, na “apreensão de todos os navios mercantes alemães fundeados em portos portugueses, a fim de serem colocados ao serviço da nossa causa comum” (Ferreira David, p. 372).

A instrução dos soldados como forma de preparação para a guerra, foi feita em Tancos em 1916, com a chegada de homens vindos um pouco por todo o país. A divisão que aqui se reuniu chamou-se “Divisão de Instrução”, esta instrução, “ficou conhecida como «o milagre de Tancos», devido ao curto espaço de tempo em que se realizou” (Proença Maria Cândida, 2015, p. 640). Esta instrução em Tancos tornou-se insuficiente, para aquilo que era o esforço de guerra, por isso, uma nova instrução, os soldados portugueses iriam receber, mas desta vez já em França, estando a cargo dos oficiais ingleses. Os soldados do CEP acostumaram-se às armas novas usadas na guerra de trincheiras, acabando esta atividade em Julho de 1917.

Explicámos também aos alunos em que setor se encontrava o CEP os cerca de 55 mil soldados enviados para França, sendo este um dos fatores que tornou mais amarguosa a estadia dos portugueses nas trincheiras, por ser um local bastante pantanoso e húmido. Os portugueses viveram os dois anos da guerra na zona da Flandres, (para dar uma melhor imagem ao leitor), o setor situava-se no vale do rio Lys, “entre Armentières e La Bassée e Merville e Béthune” (...) “estendia-se por uma longa frente, que ao longo da guerra, oscilou entre uma dimensão máxima de 11 Km e mínima de 4 Km” (Teixeira Nuno Severiano, 2017, p.463).

No que toca às medidas e disposição das trincheiras portuguesas, referimos que nada diferiam da dos aliados, não eram linhas retas, mas sim em forma zigzagueada, composta por três linhas, sendo que cada linha servia um propósito, tal como, os homens que nelas lá se colocavam. O *front*, ou o *front line*, como era chamada a linha da frente, situava-se:

“junto à «terra de ninguém», era composta por duas linhas de trincheiras, uma frente – a linha A – protegida por faixas de arame farpado e uma outra a, 300 a 800 m à retaguarda – a linha B -, constituída por uma trincheira robusta e contínua, igualmente protegida por arame farpado e ladeada pela artilharia pesada; (...) de seguida “dispunha-se a linha intermédia, a chamada «linha das aldeias»: cerca de 3000 m à retaguarda da linha A, era composta por um misto de aldeias em ruínas e fortificações de campanha constituída, no fundo, uma linha de reserva” (Teixeira Nuno Severiano, 2017, p.464).

Referir que não demos estes detalhes todos aos alunos, mas foi nesta citação que nos baseámos para abordar esta temática.

Considerámos dar relevância à Geografia da Flandres, salientando o solo pantanoso e clima húmido, para os alunos perceberem que os portugueses tiveram que lidar com a abundância de água, que surgia a poucos centímetros do solo, (cerca de 50 a 60 cm) e lama, o que dificultou a escavação das valas que faziam as trincheiras, bem como a sua reparação.

“A água (...) aparecia por todos os lados, surgia do solo, brotava de mil sítios, escorria das paredes de terra, e forçava a nossa gente a estar dia e noite enterrada em lama, os pés gelados, os membros entorpecidos”. Havia no seio das tropas do CEP, uma função para escoar esta água e aliviar a “dor” dos soldados, eram os Valadores, no entanto era uma tarefa praticamente impossível.” (Marques Isabel Pestana, 2016, p. 95, apud Vieira Quirino Monteiro & Melo, p. 79).

Esta citação de um relato de um soldado representa bem o que era viver na trincheira, vivendo os portugueses como “anfíbios”. Por isso, muitas vezes as trincheiras portuguesas não eram altas, fazendo com que os soldados andassem encolhidos, para não mostrarem a cabeça ao inimigo e sujeitarem-se a levarem um tiro de um *sniper*. Para além disso, as trincheiras eram pouco largas, o que dificultava as tropas se movimentarem com todo o equipamento militar. Para o leitor ter uma noção, em vez da normal “largura de três homens, muitas vezes era difícil cruzar dois homens devido a existir espaço só para um” (Marques Isabel Pestana, 2016, p. 92).

Para além destes problemas logísticos, também destacámos que estar constantemente com o corpo molhado, trazia consequências para a saúde. O inverno português pouco se compara com o inverno francês, o primeiro é um país que apesar de fazer algum frio no inverno, e de existirem temperaturas negativas, (poucas vezes ou apenas em algumas regiões) o sol tem tendência a raiar. Já o segundo o inverno atinge temperaturas negativas em praticamente todo o território, tendo a agravante do inverno de 1917, ter sido mais agressivo que o costume. Ora para além dos portugueses não estarem preparados para o clima totalmente díspar da Flandres, enfrentá-lo com o corpo molhado, agravava mais a situação. A grande maioria lidou com a neve pela primeira vez, onde as temperaturas chegavam aos 10 e por vezes aos 30 graus negativos.

Estas condições afetaram o físico e o psicológico das tropas portuguesas, que adoeceram muito, o que fez com que depressa se lotassem os hospitais. Destacando-se neste sentido as doenças pulmonares, como a tuberculose, e as constantes febres deixavam os soldados incapazes de fazerem o seu serviço. Mas o viver todos os dias na

lama e água não afetava apenas os pulmões, traria também problemas na pele, como o exemplo da sarna, ou do pé de trincheira.

Ora também torna-se importante explicar que as condições higiénicas não ajudaram na prevenção e na não propagação destas doenças, os soldados portugueses não foram muito disciplinados no toca à higiene, no que diz respeito à limpeza das trincheiras, e na sua própria higiene, sendo isso alvo de chacota dos soldados ingleses, que andavam sempre bem higienizados, Brun (2014, p.42), refere que “nunca nem mesmo nas trincheiras um súbdito da sua majestade britânica deixaria de se barbear todos os dias”, já dos portugueses não se poderia dizer o mesmo.

Com estas condições de imundice, aliadas à falta de higiene que os soldados tinham, propiciou o crescimento de parasitas, e estes são ratos, piolhos, pulgas larvas e outros mais, o fardamento por exemplo era propenso aos piolhos, pois estes “se reproduziam muito favoravelmente em tecidos de lã, principal material de confeção dos capotes” (Araújo Francisco M. s.d., p.92). Para além destes parasitas serem transmissores de doenças, também, estragavam os materiais usados pelos soldados, como por exemplo as fardas que eram roídas.

A nosso ver foi importante explicar aos alunos que a imagem bélica acompanhou sempre a campanha portuguesa, os soldados tiveram que se adaptar a ela no seu dia-a-dia, a ver os destroços provocados pelos bombardeamentos (mais evidente nas zonas próximas da linha da frente), assim como os corpos dos seus camaradas a definharem, com isto, não só falámos de algumas armas, bem como as finalidades do seu uso. Uma das inovações da Grande Guerra foi precisamente o material bélico, aos portugueses foram apresentadas as espingardas *Lee-Enfield* e a metralhadora *Lewis*. Os morteiros, podiam ser de curto, médio, ou longo alcance atingindo entre 100 a 500 metros, destruindo assim trincheiras inteiras, eram outro horror dos soldados, dos pesados aos ligeiros nenhum deles era amado, pois muitos foram os soldados que viram os seus camaradas a serem desfeitos por esta arma, “diziam que os morteiros desenterravam os mortos e enterravam os vivos” (Marques Isabel Pestana, 2016, p.110).

Outra arma inovadora desta guerra foi a tão temida bomba de gás, esta, muitas vezes não era detetada, e os soldados só se apercebiam do gás, quando este já tinha sido respirado, fazendo com que muitos caíssem adormecidos no chão devido à asfixia, era portanto uma arma silenciosa, mas muito eficaz. Os gases usados como os obuses de fosfogénio franceses, ou, granadas de iperite (gás mostarda), provocavam a quem não tivesse colocada a máscara antigás, “irritação dos olhos, faces violáceas, tosse

espasmódica contínua, irritação da garganta e laringe seguida de asfixia mortal ou por graves lesões pulmonares” (Marques Isabel Pestana, 2016, p.111). É importante referir que as doenças mentais também atingiram os soldados, sobretudo devido ao dia a dia mortífero, e às condições existentes.

As doenças foram a maior causa de baixas hospitalares no seio dos soldados portugueses, em especial de foro pulmonar, contudo as armas também incapacitaram com relevância: Os ferimentos ocorriam com a natural ação bélica:

“a maioria dos ferimentos e traumas eram resultantes das explosões e estilhaços das granadas, mas a grande surpresa mortífera desta guerra fora a novidade dos gases tóxicos por esse mesmo método, com graves danos nos sistemas respiratório, circulatório, gástrico e nervoso” (Araújo Francisco M. s.d., p.91).

Estes novos gases provocaram a segunda maior causa das baixas ao hospital pelos soldados portugueses. A também fraca instrução e a indisciplina dos portugueses na utilização do equipamento bélico (como a máscara de gás, que servia muitas vezes de cabeceira, provocando furos neste equipamento) e de veículos, criaram muitos acidentes desnecessários, sendo a infantaria seguida da artilharia a sofrerem mais danos, devido à sua constante posição dianteira nas trincheiras.

O que não facilitou a vivência das tropas portuguesas, e que nós quisemos passar aos alunos foram os equipamentos, estes não estavam preparados para enfrentar o clima e temperatura da Flandres já referido em cima. Por exemplo as fardas, com a sua cor acinzentada estavam constantemente manchadas de terra enlameada, suja das chuvas e poeiras, sendo alvo de chacota inglesa, estes que usavam um verde que para além de protegerem da sujidade, ainda servia de camuflagem. Outro fator foi a pouca impermeabilização da mesma, objeto de protesto das tropas portuguesas.

Os capacetes de ferro, que os portugueses chamava “chapéus de ferro”, eram de fraca qualidade não servindo a sua função de amortecimento de pedras, tiros ou projéteis vindos do céu. O pouco calçado disponível estragava-se muito nas caminhadas, devido ao material não ser o mais adequado para o solo da Flandres, a má utilização deste equipamento pelos soldados também não ajudou esta situação, por exemplo, danificavam as solas das botas, “para facilitar a penetração das pás no solo, as praças empurravam-nas com as botas, e por isso, as solas eram cortadas pela folha metálica das pás” (Marques Isabel Pestana, 2016, p.153).

Referir apenas ao leitor, que houve algumas melhorias nos fardamentos dos expedicionários portugueses, no entanto tornaram-se insuficientes para uma melhoria da campanha e da própria saúde dos soldados, seja por culpa dos próprios interesses do governo, da deficiência dos transportes (que foi uma constante) ou da incorreta utilização do equipamento por parte dos soldados. Isto levou a que as tropas usassem equipamentos deteriorados, por longos períodos de tempo, contribuindo para a propagação das doenças já referidas.

A par com o equipamento militar, a alimentação dos soldados portugueses também levantou problemas, isto aconteceu, pois coube ao Governo Britânico distribuir a ração alimentar ao CEP, esta era nutritiva e equilibrada, no entanto, não era aquela a que os portugueses estavam habituados, devido às diferenças gastronómicas dos dois países e também à falta de alimentos frescos, como a carne. Os portugueses tiveram então que se acostumar a alimentos novos, como o *corned beef* (carne entalada), bolachas, *pickles* e chá. Em Brun (2014, p.30) é possível ver a insatisfação portuguesa, quando ele refere que “Folgadinho soube que a carne de vaca metida em latas se chamava *corned beef*, e que há muita gente que se entretém a enfiar vinagre, cebolas, e mostarda dentro de fracos a que chamam depois *pickles*” (...) “não percebeu a graça que tudo aquilo podia ter”.

Portanto os soldados portugueses viram-se privados de alimentos como o bacalhau, feijão, couve, batatas, etc..., no entanto, o alimento que se sentiu mais falta entre os expedicionários do CEP, foi o pão, que era (e ainda hoje é) indispensável na alimentação portuguesa, não que não houvesse, mas havia em poucas quantidades, chegando-se a partilhar um pão por dois ou mais soldados.

As refeições dos soldados foram piorando e ficando mais pobres quer a nível nutritivo, quer a nível qualitativo, isto porque, com o decorrer da guerra, o suprimento de rações foi comprometido, devido a problemas de produção e fornecimento britânico, para além disso, o governo português também não conseguiu medidas para solucionar o problema, e ainda se juntavam os problemas dos transportes, os alimentos chegavam à primeira linha estragados, isto resultou em problemas de nutrição, que prejudicaram algumas tarefas dos expedicionários portugueses. Vale a pena também termos em atenção, que todo o continente estava em guerra, e que a falta de alimentos era uma realidade, não só para os soldados, mas para a população.

Quando a comida faltou, os homens, arranjavam outras maneiras de conseguir alimentos, o mais comum era o roubo, roubavam as pequenas hortas, galinhas, vinho da

população local da linha das aldeias, ou então roubavam os camaradas (o pão era um alimento muito roubado entre soldados), outros aproveitavam os bosques e os rios, caçando e pescando alguns animais.

A nosso ver foi importante, explicarmos aos alunos que apesar de toda a correria que era a guerra das trincheiras, e de as tropas estarem praticamente sempre ocupadas, principalmente as da linha da frente, existiriam também momentos de descanso, em que cada um tentava ocupar o tempo consoante as suas habilidades, ou preferências.

No *front line*, as atividades eram diferentes da retaguarda, muito devido ao espaço envolvente, na linha da frente as atividades eram levadas a cabo por cada um, devido a não haver locais de entretenimento. Assim a confraternização entre camaradas estava sempre presente, variados eram os temas de conversa, que poderiam ir de feitos realizados em combates, família, sedução feminina conseguidas na retaguarda etc..., também jogavam muito jogos de cartas, como a sueca ou a bisca (Marques Isabel Pestana, 2016,p.219).

Os mais habilidosos construíam objetos, como o fabrico “tinteiros com granadas de mão não rebentadas, outros adaptando espoletas velhas a pisa-papéis novos, outros ainda transformando cartuchos gastos em lapiseiras de fantasia” (Brun André, 2014, p.23). Os soldados que tinham jeito para a carpintaria, construíam mobílias para melhorar os seus abrigos, este mobiliário era feito através da madeira “dos caixotes de *corned beef*. Aparecem inesperadas aptidões, decoradores insuspeitados, e consegue-se ali na *trincha* dar a certos buracos um pouco de luz e de alegria” (Brun André, 2014, p.115). Outros ainda construíam instrumentos com mestria, com objetos encontrados (por exemplo os fios usados nas comunicações, eram aproveitados para cordas de guitarra) e assim a música também entrava pela trincheira a dentro, com o som do harmónio ou de uma guitarra, dando lugar a autênticos recitais (dentro do possível), cantando e tocando músicas tradicionais portuguesas.

É relevante explicar ao leitor, que os soldados tinham um sistema de rendição, o *roulement*, os soldados estavam seis dias na linha da frente, e depois desses seis dias, vinham descansar e recuperar forças para a linha das aldeias, este sistema no entanto, com o decorrer do tempo, fragilizou-se e os homens passaram cada vez mais tempo na linha da frente, o que levou a um grande desgaste físico e psicológico condicionando a ação portuguesa no conflito.

Os soldados que estavam estacionados nas linhas das aldeias, já sem estarem confinados nos buracos que são as trincheiras, tinham mais liberdade e mais espaço, por

isso, tiveram outro tipo de diversões, como desporto. As autoridades militares organizavam torneios desportivos entre os soldados portugueses e ingleses. Os eventos desportivos eram variados, podiam ir desde o atletismo, com corridas de cem metros, saltos em altura e comprimento, corrida de sacos, como a corridas de barco, bicicletas etc... (Marques Isabel Pestana, 2016, p.228). O futebol, para a maioria dos portugueses, desconhecido, também era jogado, nestes os portugueses eram bastante desajeitados, ao contrário dos ingleses que já o jogavam com mestria.

Referimos outro momento de lazer a correspondência de cartas, esta que era das atividades que mais alegrias dava aos soldados, pois era o mais próximo que estavam de se sentir em casa, procuravam notícias dos familiares, de alguns negócios que deixaram para trás, ou serviam ainda para pedir algo, sendo muito usual, peças de roupa ou jornais, era também uma boa maneira de mostrarem aos familiares que estavam vivos.

As cartas entre familiares era as que tinham mais correspondência, onde os solteiros davam prioridade aos pais e irmãos, e os casados às suas esposas. De seguida as cartas entre amigos, estas amizades eram entre camaradas do CEP e também cartas a amigas que os soldados cortejavam. Por fim cartas de namoro, que poderiam ser correspondência em Portugal ou em França (Marques Isabel Pestana, 2016, pp.240-41), muitos homens envolveram-se com mulheres francesas, tendo relações de puro amor, ou só meramente físicas, nas cartas um dos temas mais abordados era o pedir em namoro, com a célebre frase “*vous fiancé moi*”.

Foi importante explicar aos alunos que a guerra possibilitou a muitos soldados a aprendizagem da escrita, a maioria não sabia ler nem escrever, e se queria comunicar com a família, teria que o saber fazer. Achamos importante para o leitor referir que essa aprendizagem fez-se através da Cartilha de João de Deus, e com o auxílio de camaradas já letrados.

As instalações em tempo de guerra obviamente não são as melhores, o desconforto e o mau estar é constante, piorando esta situação, consoante se avança nas linhas das trincheiras, onde a proteção e o conforto da retaguarda, difere, do perigo e das péssimas condições na linha da frente. Foi por isso, nossa intenção, que os alunos percebessem como era viver e que instalações tinham as trincheiras, tendo isto em vista, e para terminar o tema usámos uma imagem de uma representação de trincheira (ver figura 12) para o fazer.

Abordámos alguns locais, como a cozinha, que se situava na 2ª Linha, era “coberta por chapas de zinco e protegida por uma camada de sacos de terra” (Marques Isabel

Pestana, 2016, p. 140), os rancheiros trabalhavam num local impróprio para cozinhar, teriam que ter precauções, pois o fumo que saía dos seus cozinhados não podia ser visto pelo inimigo, pois este lançava algum projétil ou granada, destruindo facilmente a cozinha. Carregados com o rancho às costas, eram eles que distribuía as refeições, a maioria das vezes frias, normalmente durante o dia, e quando não havia ação militar.

Os abrigos, no *front* eram muitas vezes buracos escavados na terra, com paredes onde larvas e outros insetos passeavam, os soldados dormiam ou descansavam aqui, encasulados deitados em cima da lama, apenas com o cobertor (que servia de impermeável, pois absorvia a humidade) entre o solo frio e molhado e o corpo do soldado. Os oficiais entrincheirados, não tendo abrigos muito superiores, tinham um pouco mais de conforto, não dormindo no chão, mas sim “em camas frias de lona ou de rede de arame” (Marques Isabel Pestana, 2016, p.160), notando-se aqui a hierarquia, que existia mesmo dentro das trincheiras.

Na ausência de caloríficos, os soldados, que tentavam lutar contra o frio, contando com os seus engenhos, faziam “fogareiros com bidões de gasolina, ou seja, esburacando a chapa (autênticos respiradores) e enchendo-os de lenha a arder” (...) “calçavam as pernas em sacos atados acima dos joelhos e sobrepunham os pés numa pedra ou tijolo quente; as sentinelas, expostas aos rigores do clima, untavam os pés com óleo de baleia para prevenir a congelação” (Marques Isabel Pestana, 2016, pp.162-63).

O Posto de Observação era bastante importante, o vigilante, fazia a sua tarefa na quietude e no silêncio, tendo que ter atenção máxima, uma ocupação tanto diurna como noturna, era feita através de um periscópio, e o soldado de vigia estaria sempre armado com a sua espingarda, era um trabalho, que apesar de parecer fácil, trazia muita ansiedade ao observador, pois a atenção de comunicar algum movimento suspeito teria que ser constante.

Uma instalação presente e importante na trincheira é o Posto de Socorro Avançado, neste posto, fazia-se uma triagem, não levava a cabo tratamentos complexos, era aqui que de forma geral um médico e dois enfermeiros “forneciam os primeiros cuidados a feridos chegados do combate, defrontando-se com o estropiamento de membros, perda abundante de sangue, fraturas graves e estado de desesperante de muitos que não conseguiam suportar a dor das lesões externas e internas” (Marques Isabel Pestana, 2016, p. 171).

Numa linha mais recuadas, ainda existia o Posto de Socorro, este sim com mais capacidade que o último referido (tinham por exemplo soro antitetânico), com mais

peçoal médico já sendo possível fazer operações, no entanto temos que ver que estes Postos de Socorro, também tinham as suas limitações, “estes postos não tinham possibilidade de instalar o material sanitário adequado; estavam sujeitas ao fogo de afinação alemã em busca das posições portuguesas recuadas” (Marques Isabel Pestana, 2016, p. 172). Nestas condições, o Posto de Socorro, apenas teria mais capacidade de lotação em relação ao Posto de Socorro Avançado, e mais profissionais de saúde, no entanto, era um local debilitado, visto que era esta zona mais recuada, que o inimigo tentava penetrar, devido a ser um local de abastecimentos, de comunicação. Casos mais graves eram transportados para as ambulâncias (tendas), estas já com estruturas sanitárias adequadas, onde já se faziam as cirurgias e amputações. Todas estas instalações levaram a um grande esforço de médicos e enfermeiros, que também foram mobilizados para a guerra, sem terem muitas vezes condições para trabalhar, levaram ao imprevisto e a uma luta com grande empenho para salvar vidas.

Ao abordarmos o tema das trincheiras, torna-se importante falar da terra de ninguém, o *no man's land*, esta situava-se na dianteira do *front* e antes da trincheira inimiga, numa distância variável de 100 a 300 metros, (às vezes menos), este era um local que nem era dos aliados nem dos alemães, era por aqui, onde se faziam as investidas para atacar o inimigo, as chamadas *raids*. É sempre lembrado pelos soldados como um local de desespero e sofrimento, quem ia não sabia se voltava, tal era o perigo de se aventurar por este, “terreno vago, cravado de crateras” (Brun André, 2014, p. 57), era o único sítio desta guerra estática, que se podia combater corpo a corpo, na grande maioria das vezes, os movimentos eram feitos durante a noite, pois dificultava a observação, durante o dia a terra de ninguém “é uma tranquila faixa de terreno, onde a vegetação ondeia ao vento” (Brun André, 2014, p. 58).

As saídas à terra de ninguém não são todas com a intenção de atacar o inimigo, podem ser apenas saídas para patrulhar, para espiar os alemães, ou também saídas que serviam para remendar vedações (trabalho constante), colocando por exemplo mais arame farpado que se estragou num bombardeamento ou por outro motivo de ação inimiga. Era o arame farpado que impedia ou atrasava o avanço inimigo, por isso era, de extrema importância tê-lo bem montado. O trabalho aqui era feito com o menor ruído possível, pois se o inimigo desconfiasse que existiam movimentos na terra de ninguém, logo começava o tiroteio e o bombardeamento, e quando esta sinfonia acontecia, só restava aos soldados colarem-se ao chão, como se dele fizessem parte e cobrir a cabeça com as mãos, retomando de seguida os seus afazeres no fim do tiroteio.

Uma vez na terra de ninguém, o alerta e a atenção aos pequenos detalhes é crucial, um ligeiro relaxamento pode ser fatal, as sentinelas inimigas estavam sempre em observação, segundo André Brun, o alemão, é mestre “em ardis e embustes e que ninguém os iguala na paciência de esperar horas seguidas um ensejo feliz” (Brun André, 2014, p. 59). Os soldados sempre que iam à terra de ninguém iam equipados com o seu armamento, podemos ver isto neste relato de um soldado:

“às 10 h. da noite, depois de percorrer aquela extensa trincheira de comunicação, fui escalado para fazer uma patrulha com dez praças para a colocação do arame farpado. Alicates, corta arames, luvas, espingardas, granadas de mão e ainda granadas de espingarda, não contanto com as respectivas máscaras de gases, espingarda e os 200 cartuxos da praxe, tudo levámos”. (Marques Isabel Pestana, 2016, pp.100-101, apud Ornelas Carlos de, 1931, pp.5-7).

Morrer na terra de ninguém, era na maioria das vezes sinal de não ter uma cerimónia fúnebre, isto porque se tornava complicado resgatar todos os corpos, pois não compensava o risco, no entanto, os feridos eram resgatados, e aqui o trabalho dos maqueiros era fundamental, pois eram eles, que chegavam primeiro ao ferido, galgando heroicamente as trincheiras. A maioria das vezes tornava-se impossível socorrer a todos, devido à violência do ataque inimigo, tendo que esperar que a chuva de munições caída do céu parasse. Devido a isto esse resgate era muitas vezes feito à noite, onde a escuridão permitia ainda com as devidas precauções, procurar soldados vivos na terra de ninguém.

Com esta visão mais alargada daquilo que foi viver nas trincheiras fizemos os alunos ver que a guerra transcende as questões políticas e económicas dos países, dando ênfase à questão social, neste caso em concreto, à perspectiva dos soldados, que viveram e morreram em condições indignas, acordando sem nunca saberem, se iriam sobreviver mais um dia, indo ao encontro assim daquilo que foi a nossa prática letiva nestes dois anos letivos.

II PARTE

Contexto Escolar

2.1 A história do agrupamento escolar

No ano letivo 2003/2004, nasce o Agrupamento Vertical de Escolas Dr. António Augusto Louro. Nesta unidade organizacional, há uma escola sede, sendo essa a Escola dos 2º e 3º Ciclos Dr. António Augusto Louro (1988). Este agrupamento sofreu algumas alterações, pois a escola EB1 Conde Ferreira que fora fundada em 1866 foi encerrada, esta já era velha e não tinha grandes condições. Assim em 2009 com o encerramento da escola Conde Ferreira, há a inauguração da EB1/JI Quinta dos Franceses, esta sim já era uma escola mais moderna, mais virada para o futuro e para as necessidades tanto de alunos como professores, também neste ano a escola EB1/JI Bairro Novo acabou com o Jardim de Infância, e passou-se a chamar apenas EB1 Bairro Novo.

Assim a partir de 2009 passam a entregar neste agrupamento as escolas EB1 do Bairro Novo (1970), EB1/JI Quinta dos Franceses (2009), EB1/JI Aldeia de Paio Pires (1963), EB1/JI Quinta da Courela (1983) e EB1/JI Casal do Marco (1982) e claro a escola sede¹. Ainda neste ano, deu-se a abertura do Pavilhão Gimnodesportivo da Escola dos 2º e 3º Ciclos Dr. António Augusto Louro. Já no ano letivo 2013/2014 a escola Bairro Novo voltou a ter um jardim-de-infância, devolvendo-se assim a sua antiga terminologia EB1/JI do Bairro Novo. Até hoje não houve mais alterações neste agrupamento de escolas.

Quando houve a reorganização de território, as escolas que pertencem a esta unidade organizacional, passaram a integrar a União de Juntas de Freguesia de Seixal, Arrentela e Aldeia de Paio Pires. Sabe-se que a Escola dos 2º e 3º Ciclos Dr. António Augusto Louro foi criada em 1980, e só funcionava apenas com o 2º ciclo, só em 1996 é que começou a lecionar também o 3º ciclo, com inauguração de um pavilhão novo, onde conseguia ter condições para receber mais alunos.

Em 1968, em condições precárias a escola EB1/JI Casal do Marco foi inaugurada, os alunos tinham aulas em pavilhões pré-fabricados, isto foi uma agravante, pois a população começou a aumentar tornando assim as condições da escola incapazes. A solução que se arranjou foi alugar quartos de prédios e caves daquela localidade, para assim se poder dar aulas às crianças. Apenas em 1982 é que se construiu a escola, este edifício mantém até aos dias de hoje, com o adicionamento de outro pavilhão no ano letivo de 2001/2002 para a educação pré-escolar.

¹ Nota: as datas entre parêntesis são as datas do começo das obras dos edifícios que originaram as várias escolas referidas.

No que pude observar ao que diz respeito aos alunos deste agrupamento nos dados do ano letivo de 2017/2018 há muitos alunos que começaram neste ano letivo 2077, sendo que 12% estão inseridos no pré-escolar; 49% no 1º ciclo; 25% e 14% no 2º e 3º ciclo respetivamente.

O agrupamento tem alunos de diversas nacionalidades, ou pelo menos descendentes de imigrantes, são originários de 12 países como Cabo Verde à cabeça mas 96% são de nacionalidade portuguesa. O agrupamento tem integrado de forma fácil estas crianças muito devido ao apoio do “Saber Português” que tem contribuído muito para a aprendizagem. Ainda há 4% de etnia cigana em todo o agrupamento e 9% dos alunos deste agrupamento são NEE, estes que possuem de salas de unidades de multideficiência.

Relativamente à Escola dos 2º e 3º Ciclos Dr. António Augusto Louro, a escola sede (a escola em que eu e as minhas colegas Rosário e Rita estamos inseridos), relativamente ao ano letivo 2018/2019, no 2º ciclo a escola alberga 518 alunos, 51% dos alunos são do sexo masculino e 49% são do sexo feminino. 96% dos alunos têm nacionalidade portuguesa, sendo que 6% são de origem brasileira, holandesa, cabo-verdiana e romena. 86% dizem ter ligação à internet e 83% diz ter computador em casa.

No ano letivo antecedente 6% veio de escolas particulares, 3% vieram de outras instituições e 1% veio do estrangeiro. Dos 518 alunos 2% têm o português como língua não materna. 12% destes 518 são alunos com necessidades educativas especiais.

Respeitante ao 3º ciclo, o número total de alunos é 287, com a mesma percentagem de alunos masculinos e femininos do 2º ciclo. Com nacionalidade portuguesa são 94%, 2% de etnia cigana e 6% são de nacionalidade brasileira, angolana, santomense, cabo-verdiana, moçambicana e venezuelana. 83% têm computador em casa, sendo que destes 91% têm também internet.

3% dos alunos vieram igualmente de outra escola no ano letivo anterior, e 1% do estrangeiro. O português como língua não materna é igualmente ao 2º ciclo 2%. O 3º ciclo tem mais alunos com necessidades educativas especiais, 16% dos 287 alunos são NEE.



Figura 4- Escultura sinal de Hélder Batista

No edifício escolar existem seis pavilhões e um ginásio, nota-se que a escola se preocupa com alunos que têm alguma deficiência motora, pois está equipada com rampas, possibilitando a entrada nos vários pavilhões da escola, excetuando aos primeiros pisos, pois não tem elevadores próprios para cadeiras de rodas, o que impossibilita os alunos de frequentarem a biblioteca. Na biblioteca encontra-se um núcleo museológico dedicado ao patrono que dá o nome à escola, António Augusto Louro. A escola ainda tem no seu espaço livre muitas árvores e plantas e uma escultura com o nome Sinal, de Hélder Batista, que os alunos carinhosamente apelidam de rolos de papel higiénico, devido à semelhança

2.2 O espaço circundante da escola

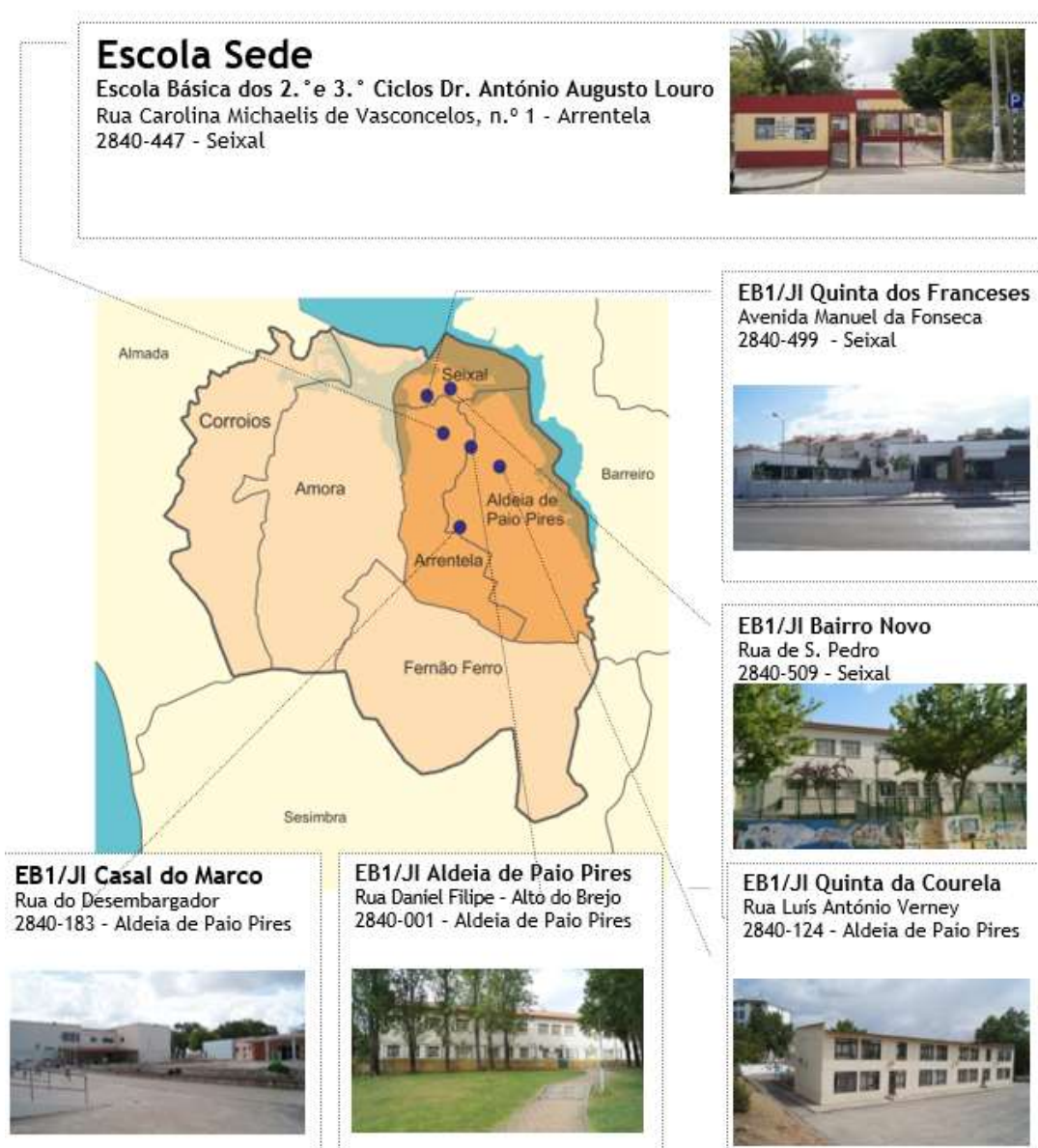


Figura 5 - O espaço físico Agrupamento de escolas Dr. António Augusto Louro (retirado do Projeto Educativo 2018-2021 (p. 9)

A Escola dos 2º e 3º Ciclos Dr. António Augusto Louro, surge de um vale, não é de estranhar o facto da escola anteriormente a ter o nome do patrono se chamar Vale da Romeira. Esta escola está rodeada de quintas, mas nenhuma delas está em atividade, tendo terrenos baldios, estão um pouco desprezadas na minha opinião com ervas grandes a crescer, no entanto é possível observarmos algum gado, como ovelhas. Não havendo grande meio envolvente à escola para além das quintas, existe algumas habitações, que se percebe serem de classe baixa e média baixa, alguns cafés e lojas com serviços para a população local, nota-se ser um local bairrista, dá ideia de segurança, pois vemos muitos alunos a irem a pé e de autocarro para a escola sem nenhum adulto.

Esta escola sede do agrupamento fica perto do terminal fluvial do Seixal, cerca de 10 min de autocarro/carro, e 25 minutos a pé. Também tem a particularidade de se situar perto da Caixa Futebol Campus, o Centro de Estágio do Sport Lisboa e Benfica. Os alunos que frequentam esta escola vivem todos na zona da União de Juntas de Freguesia de Seixal, Arrentela e Aldeia de Paio Pires, ao contrário da escola sede, as outras escolas situam-se em zonas urbanas com zonas verdes e de lazer.

2.3 Caracterização da turma 9º B

Pretendemos neste ponto do trabalho dar a conhecer as características da turma que nos acompanhou neste semestre, o 9º A, para o fazermos, baseámo-nos naquilo que conhecemos da turma através das aulas, e pelas respostas por parte da turma a um questionário anónimo² por nós realizado. Salientamos que a turma tem 16 alunos, mas apenas 10 alunos responderam ao questionário, devido à situação pandémica em que nos encontramos, pois nem todos os alunos assistem às aulas feitas a partir da internet, com a professora Adélia, uns por não terem meios para o fazer, outros por pura despreocupação e desinteresse, o que demonstra a realidade da turma.

Já tínhamos acompanhado esta turma no ano letivo anterior, com exceção de 4 alunos, que vieram para este grupo, por razões várias, por questões disciplinares (mudança de turma), por serem repetentes do 9º ano, mudança de país e de escola. Por isso já sabíamos que era uma turma bastante preguiçosa, com grandes dificuldades na gramática, é relevante referir que apesar de terem nacionalidade portuguesa, alguns alunos, não têm o português como língua falada em casa ou entre pares, sendo que isso se refletia na escrita. Já o caso do aluno de nacionalidade ucraniana foi muito difícil, pois o educando praticamente não falava nem escrevia em português, e mesmo o inglês era fraco, situação. A par com a gramática, a interpretação de documentos e de mapas também é um dos pontos menos favoráveis desta turma, pontos que a professora Adélia sublinhou no início do ano letivo que deveriam de ser trabalhos.

Em relação aos níveis de motivação, estes são muito baixos, e isso foi observado nas aulas, onde tivemos que estar constantemente a incentivar e a encorajar os alunos a fazerem o trabalho proposto. Tudo isto foi notório nos testes, onde a média da turma foi de 48%, numa escala de 0 a 100%, no entanto, a turma tem 3 alunos que estão acima da

² Ver anexo 1.

média, destacando-se assim dos outros, não só a nível de disciplina e de trabalho, mas a nível de maturidade.

Sendo a turma pouco motivada, o nível disciplinar não é o melhor, nunca houve faltas de respeito em relação ao professor, no entanto, houve muita distração, as conversas entre alunos era constante, muito por culpa a nosso ver da disposição das mesas dos alunos, pois estão muito juntas devido ao facto de as salas serem pequenas. O uso do telemóvel também foi frequente, assim como alunos a dormir nas aulas. Os rapazes acabam por ser os mais indisciplinados, no entanto, as raparigas também o são, só que acabam por não dar tanto “nas vistas”.

Contudo apesar deste comportamento, sempre que questionávamos os alunos estes respondiam, ofereciam-se para ler documentos, e com muito esforço lá cumpriam os exercícios que mandávamos fazer, conseguimos ainda ter alguns debates interessantes.

De destacar que é notório o gosto dos alunos em relação à professora Adélia Prata, sendo que a situação é obviamente recíproca.

A turma é composta por 9 rapazes, e 7 raparigas, tem no total 16 alunos, sendo que a maioria é do sexo masculino. Pode se dizer que é uma turma multicultural, alguns alunos descendem das antigas colónias, isto é possível verificar-se com a nacionalidade dos pais, nomeadamente Cabo Verde, Moçambique, Angola e São Tomé e Príncipe, também há um aluno em que os pais são de nacionalidade ucraniana. Apesar de a maioria ter nacionalidade portuguesa, temos dois alunos com outra nacionalidade, nomeadamente angolana, e ucraniana. Referir que os educandos são de classe média baixa, imagem que se adequa, com o espaço envolvente da escola já referido, e de nem todos os alunos possuírem internet, pois como já foi referido em cima, há alunos que não conseguem acompanhar estas aulas há distância.

No que diz respeito ao inquérito feito pelos 10 alunos, podemos observar que 5 alunos têm idades iguais ou inferiores a 14 anos, 4 alunos têm 15 anos e 1 aluno tem 16 anos, como é possível ver no gráfico 1. Neste grupo de 10 alunos, há 6 rapazes, e 4 raparigas (gráfico 2).

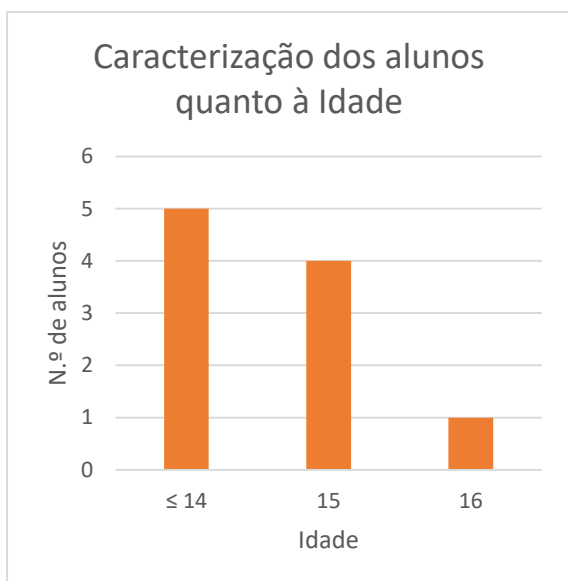


Gráfico 2 - Caracterização dos alunos quando à idade

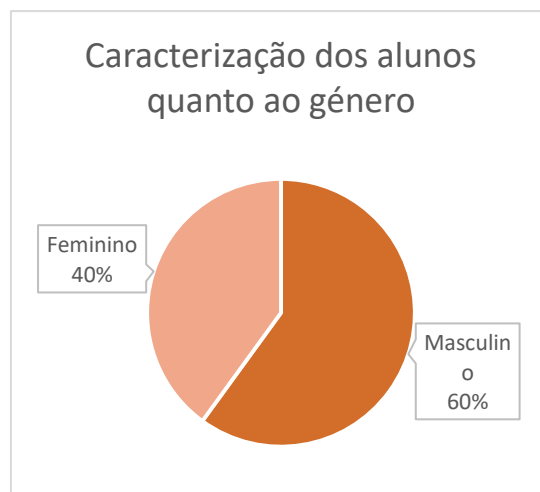


Gráfico 1 - Caracterização dos alunos quanto ao género

O encarregado de educação destes alunos é na grande maioria representado pelas mães, sendo 7 as mães com este papel, o número de pais que têm a função de encarregados de educação são 2, e por fim 1 tia que desempenha essa função (gráfico 3). As suas profissões variam, tal como a situação académica. As profissões dos responsáveis pela educação dos discentes, acabam por espelhar o seu grau académico, podendo-se observar estes dados no gráfico 4. Já no que toca à educação dos pais dos alunos a maioria tem como grau de escolarização o ensino secundário, seguido do ensino superior e do 2º ciclo do ensino básico. Há ainda 2 alunos que não sabem o grau de escolarização dos seus progenitores (gráfico 5).

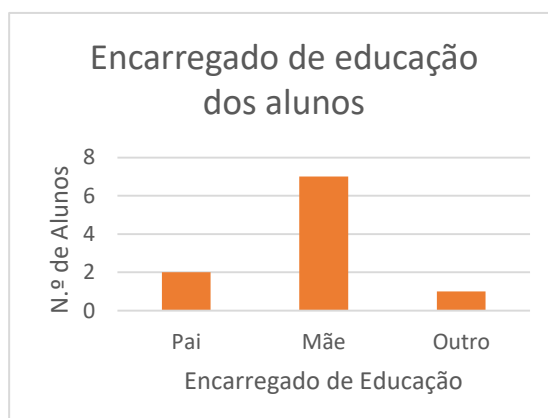


Gráfico 3 - Encarregado de educação dos alunos

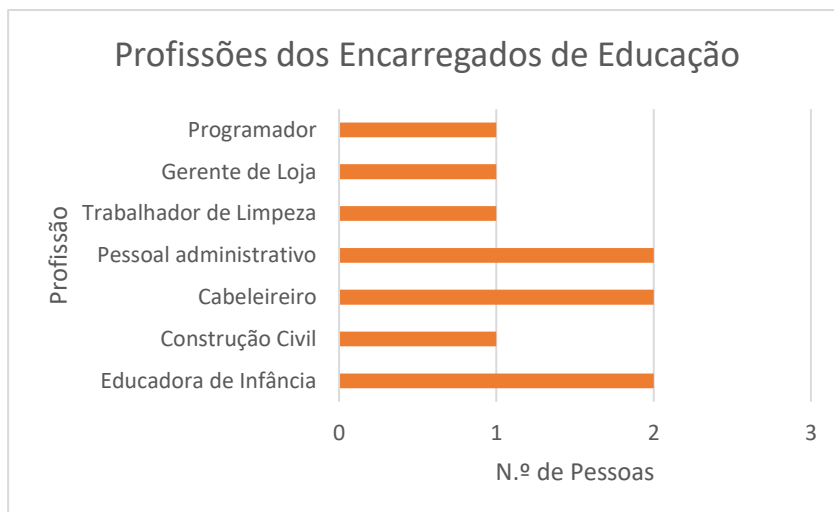


Gráfico 4 - Profissões dos Encarregados de Educação

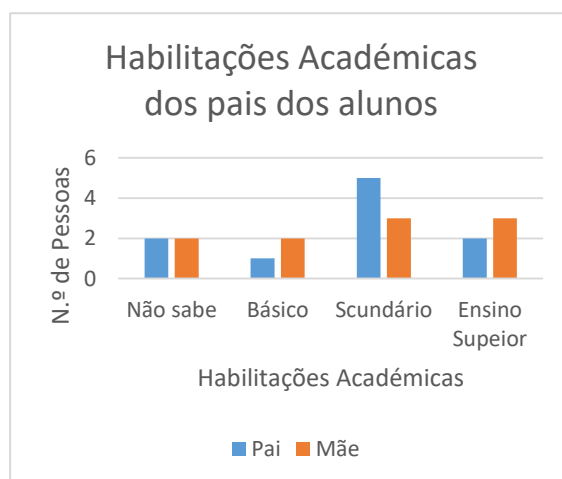


Gráfico 5 - Habilitações Académicas dos pais dos alunos

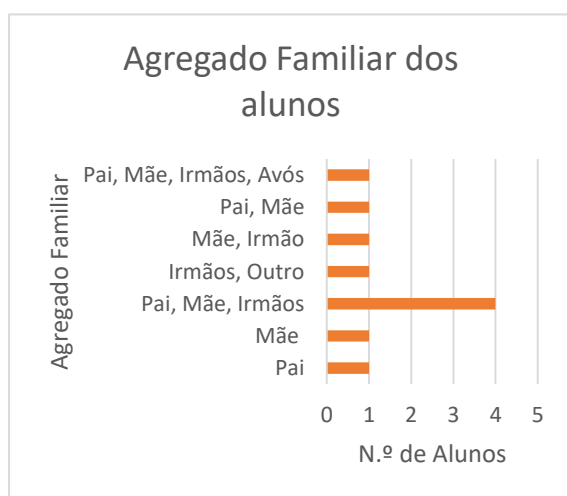


Gráfico 6 - Agregado Familiar dos alunos

Verificando o gráfico 6, podemos constatar os dados em relação ao agregado familiar dos alunos. Através destas informações podemos concluir que 4 alunos estão inseridos em uma família de tipologia nuclear, vivendo com a mãe pai e irmãos, havendo alunos que vivem só com um dos progenitores e irmãos, ou apenas com um dos progenitores. Na turma também há 1 aluno que está inserido numa família de tipo extensa, isto é, vive

não só com os pais e irmãos, mas também com os avós, e 1 aluno que vive com os irmãos e outros parentes. No que diz respeito ao número de irmãos, podemos verificar que a maioria dos alunos têm irmãos, 7 alunos têm 1 irmão, 2 alunos têm 3 irmãos, e apenas 1 discente dos 10 alunos que responderam ao questionário não tem qualquer irmão (gráfico 7).

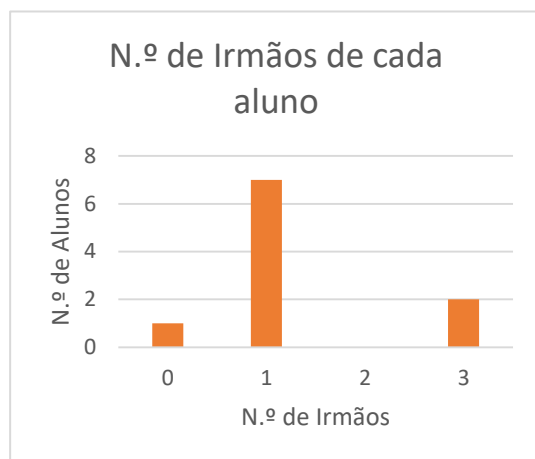


Gráfico 7 - N.º de Irmãos de cada aluno

Podemos afirmar que os alunos não vivem muito longe da escola, visto que todos demoram menos de meia hora a chegar à instituição, sendo que o carro é o meio de transporte mais utilizado, havendo um número igual de alunos que vão a pé ou de autocarro (gráfico 8).

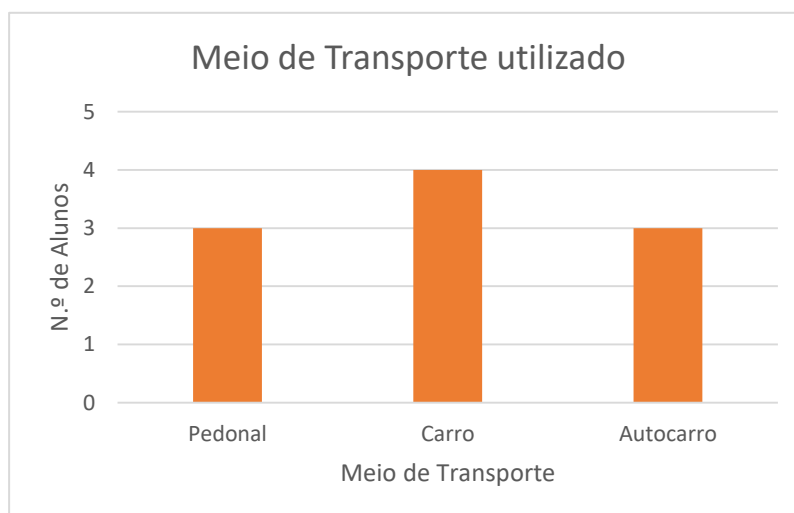


Gráfico 8 - Meio de Transporte utilizado

Inquirimos os alunos sobre os seus tempos livres fora do contexto escolar, aqui os alunos responderam variadíssimas coisas, pelo que não vamos especificar tudo. Contudo estamos numa época em que reinam as novas tecnologias, por isso, os alunos privilegiam o seu uso, passando horas à frente do computador ou do telemóvel. Destacamos então o jogar videojogos como o passatempo preferido da maioria (4 alunos), no entanto, se é

verdade que existe algum sedentarismo nos dias de hoje por parte das pessoas em geral, realçamos que 3 alunos gostam de jogar futebol e de fazer exercício físico (não especificando), por isso, o desporto aparece como segundo passatempo favorito dos alunos, seguido de 2 alunos que têm o desenhar como forma de passar o seu tempo livre. Há um aluno que não respondeu a esta pergunta (estes dados podem ser visto no gráfico 9).

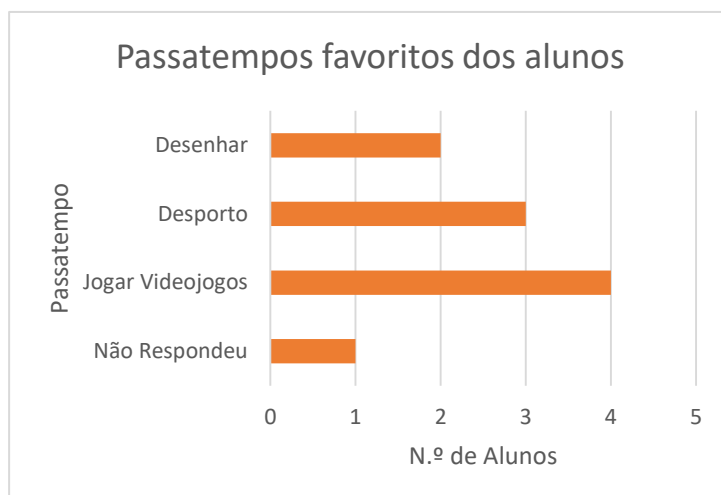


Gráfico 9 - Passatempos favoritos dos alunos

No que diz respeito às repetições de ano, destes 10 alunos que responderam ao questionário, apenas há um aluno que é repetente (gráfico 10), a percentagem é positiva, no entanto, sabemos que existem mais alunos repetentes nesta turma, mas pelas razões já referidas não responderam ao questionário. As expetativas dos alunos em continuar com a sua formação é bastante alta, visto que 90%, quer continuar o seu percurso académico, ingressando no ensino superior, apenas 1 aluno refere que não tem interesse de ingressar no ensino superior (gráfico 11). Referir que ficámos bastante contentes com estas respostas, visto que os níveis de motivação da turma são baixos, esperando que estas expetativas se tornem realidade.

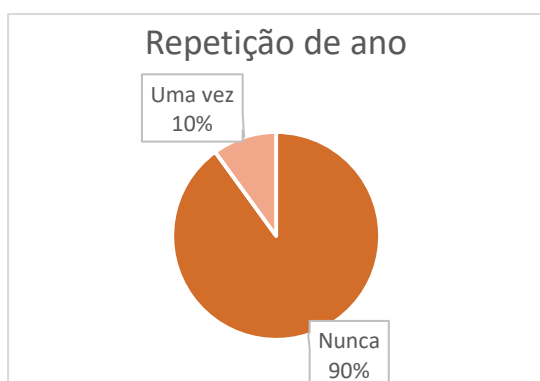


Gráfico 10 - Repetição de ano

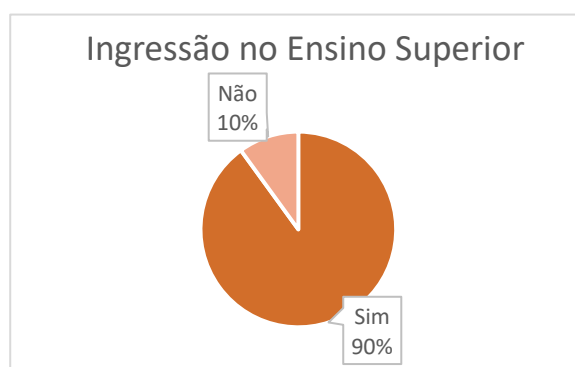


Gráfico 11 - Ingressão no Ensino Superior

Por fim, perguntámos que conteúdos programáticos da disciplina de história os alunos mais gostam, as guerras mundiais aparecem como a temática preferida dos discentes, 4 alunos têm como matéria preferida a Segunda Guerra Mundial, 3 alunos têm ambas as guerras como matéria favorita, e de igual número (1), seguem-se a Primeira Guerra, a Arte Renascentista e a Pré-história, como conteúdos programáticos que mais interessam aos alunos (gráfico 12).

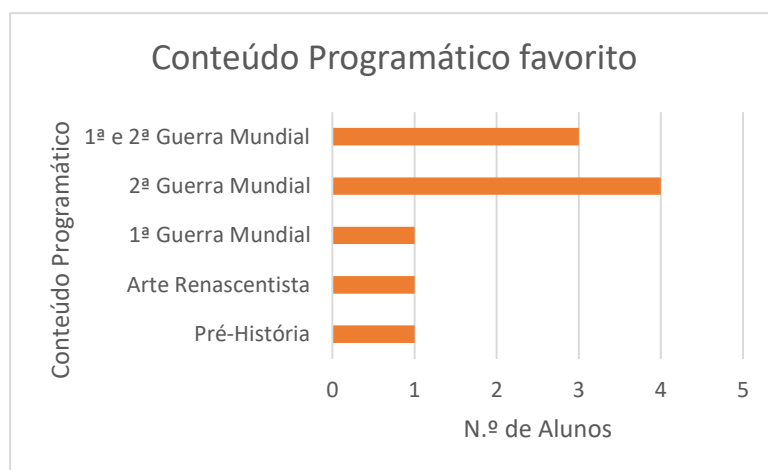


Gráfico 12 - Conteúdo Programático favorito

III PARTE

Prática de Ensino Supervisionada

3.1 Reuniões e aulas em conjunto com a professora cooperante

As reuniões em que participámos tiveram vários propósitos, entre eles o de reunirmos com a professora cooperante Adélia Prata, para conhecermos a turma que escolhemos lecionar, para isto a professora deu-nos a conhecer os alunos já conhecíamos a maioria do ano transato, no entanto, houve algumas mudanças nas turmas por motivos disciplinares. A docente também referiu alguns problemas pessoais dos educandos, problemas esses que teríamos que ter em atenção nas aulas. Outro dos propósitos foi definirmos o percurso que íamos concretizar ao longo das aulas, ou seja, os trabalhos que iam ser propostos aos alunos, a maneira como iríamos abordar os conteúdos científicos, tal como os materiais que iriam ser usados nas aulas.

Algumas das reuniões nestes dois anos letivos, foram feitas em conjunto, isto é, com as minhas colegas do Mestrado em Ensino, Rita Patrício e Rosário da Silva Rocha, juntamente com a professora cooperante, sendo isto muito positivo, pois foi-nos dado a possibilidade de trocar ideias, e assim, foi possível aprendermos todos uns com os outros. Principalmente quando estas reuniões eram feitas após as nossas aulas, e era debatido o que foi feito (de bom e de menos bom), pela parte de todos, para assim corrigirmos o nosso desempenho, melhorando a cada aula que lecionássemos.

Por fim destacar as reuniões pedagógicas que tive o prazer de assistir, aqui temos a perceção real do comportamento da turma, dentro e fora da sala de aula, bem como os seus problemas pessoais e familiares, abordados de uma maneira mais profunda. Percebi que o comportamento dos alunos não é igual e varia consoante a disciplina, pois houve alunos que tiveram um melhor desempenho em uma disciplina em detrimento de outra.

Com estas reuniões conheci realidades de alguns alunos, o que me fez compreender e ficar mais alerta ao seu comportamento em sala de aula, tentei por isso ser mais compreensivo com todos (pois o professor não pode tratar individualmente nenhum aluno de forma especial), puxando pela participação coletiva na sala de aula.

Para além das reuniões, ainda lecionamos juntamente com a professora duas aulas, estas apesar de não serem “oficiais”, serviu para conhecer melhor os alunos que ainda não conhecíamos, e reencontrar os alunos que nos acompanharam o ano passado. Estas aulas foram as primeiras do ano letivo, e tiveram o objeto de relembrar a matéria do ano transato.

Dividiu-se a turma em quatro grupos, sendo que cada um dos mestrandos ficou com um grupo, os conteúdos dados nestas duas aulas (a turmas diferentes), foram as principais mudanças sociais no séc. XIX., abordando-se temas como as revoluções liberais, a industrialização e a passagem da sociedade de ordens para a sociedade de classes. Com o meu grupo fiz uma aula prática, isto é, tentei que os alunos lessem e interpretassem os documentos e imagens, fazendo posteriormente perguntas sobre o que tinham lido e observado, pedindo para eles escreverem a sua resposta no caderno.

Ainda participámos nas comemorações do dia 5 de Outubro, o dia em que se celebra a Implantação da República, e claro está, como o patrono da escola Augusto Louro foi um grande republicano, propagando as suas ideias nos jornais que fundou e nas reuniões que mantinha com outros republicanos atrás da sua farmácia, a escola não poderia deixar passar esta data sem fazer uma homenagem à comemoração da nossa Republica.

A celebração foi simples, reuniram-se alunos, funcionários e professores da escola no pátio junto do portão de entrada. Nos altifalantes da escola ouvia-se a voz da diretora a discursar, exaltando aquilo que foi a revolução que deu origem à Implantação da República, no fim do discurso ouviu-se os primeiros acordes da *Portuguesa*, cantando todos o Hino Nacional, a comemoração teve fim com os agradecimentos da diretora e com a salva de palmas final.

3.2 Aulas Lecionadas³

1ª Aula Lecionada: 7 de Outubro de 2019

Duração: 50 min.

Sumário: As causas e os antecedentes da Primeira Guerra Mundial.

No dia 7 de Outubro de 2019, começou a nossa caminhada na leção das aulas, nesta primeira aula tive como turma o 9º E, situação esporádica, pois foi a única vez que lecionei esta turma.

Há hora do toque apenas 3 alunos se encontravam na sala, para além da professora cooperante Adélia Prata e da minha colega Maria do Rosário, por isso já começámos a aula com 10 minutos de atraso, o sumário foi ditado, e insere-se na unidade didática A

³ As planificações das aulas encontram-se nos anexos.

Europa e o mundo no limiar do séc. XX. Notou-se o entusiasmo dos alunos quando perceberam que íamos falar da Primeira Guerra.

Decidimos começar por uma pergunta simples, questionando os alunos se sabiam qual o período de tempo que durou a Grande Guerra, um coro respondeu entre 1914 e 1918. Após a resposta correta, referimos que a guerra aconteceu no séc. XX, mas que as tensões entre os vários países europeus já se faziam notar desde pelo menos o séc. XIX.

Pegando no exemplo da Conferência de Berlim, perguntámos à turma que acontecimento foi este, ao que os alunos responderam que foi a partilha de África, prosseguiu-se referindo que nesta conferência percebe-se as rivalidades com as disputas dos territórios coloniais africanos, por parte das potências europeias, pois saíram beneficiadas aquelas com maior poder económico e militar.

Explicámos que na viragem do século estas rivalidades foram-se agravando ao mesmo tempo que projetávamos um PWP⁴ com as rivalidades económicas e das tensões nacionalistas. Foi pedido aos alunos para o analisarem, para referirem as rivalidades económicas. Os educandos apresentaram algumas respostas um pouco incompletas, pois disseram corretamente que os países disputavam as terras coloniais, mas não souberam dizer o porquê, com isto referimos que as rivalidades tinham o objetivo de obtenção de matérias-primas para a indústria.

Explicámos que existiram tensões nacionalistas e independentistas, isto é, muitos povos estavam integrados em impérios, e queriam a sua independência, demos o exemplo dos polacos que se encontravam divididos entre a Alemanha e a Hungria.

Passámos aos alunos a noção de nacionalismo, referindo que tinha que ver com um movimento de união de povos que tinham a mesma origem, questionámos os alunos o que entendiam como povos da mesma origem. Os alunos acertadamente responderam mesma cultura e língua, completámos ainda com a religião.

Pegando no exemplo da Alemanha e da Hungria, observámos que ambos os povos eram de origem germânica, e que isso era chamado Pangermanismo. Vimos que havia muitos povos na zona balcânica que eram de origem eslava e que se queriam unir, logo a união dos países eslavos era chamado o Pan-eslavismo, onde a Rússia aparecia como pátria mãe destes povos de origem eslava.

⁴ Ver anexo 3.



Figura 6 - PWP: Povos Eslavos dentro do império Austro-húngaro

De seguida analisámos um mapa do Império Austro-Húngaro, recorrendo ao PWP, onde era visível os vários povos eslavos que o compunham, isto teve o propósito dos alunos perceberem que este império era multinacional, e que estes

povos juntamente com outros da região balcânica (visível no mapa), iam criar lutas internas pela sua independência fazendo com que esta região dos Balcãs se tornasse instável do ponto de vista político social e cultural. Achámos importante falar deste nacionalismo exacerbado, para depois mais tarde os educandos perceberem o que levou ao assassinato do arquiduque.

Abordámos levemente o tema da Guerra Franco-Prussiana, para os alunos perceberem o sentimento de vingança que a França nutria para com a Alemanha, desde que esta saiu vencedora deste confronto, ficando com a posse dos territórios da Alsácia e da Lorena.

Continuámos a aula explicando que as disputas territoriais entre os impérios coloniais e a crescente ideia de nacionalismos envolveram a Europa num intenso clima de tensão política, onde o clima de insegurança na Europa aumentou cada vez mais, fazendo com que as várias potências europeias fizessem alianças políticas, militares e estratégicas.

Ao observarmos um mapa projetado designado “Política das alianças militares em vésperas de Primeira Guerra Mundial”, onde estão presentes os dois blocos, o primeiro formado em 1882, chamado Tríplice Aliança e o segundo chamado Tríplice Entente formado em 1907, decidimos fazer um pequeno exercício com os alunos pedindo que a partir do mapa, identificassem que países faziam parte da Tríplice Aliança e da Tríplice Entente. Os alunos bastante participativos responderam acertadamente correspondendo cada país à respetiva aliança.



Figura 7 – PWP: Política das alianças militares em vésperas de Primeira Guerra Mundial

De seguida pedimos aos alunos observarem o mapa⁵ da pág. 21 do manual e verificassem qual o país que tinha mudado de lado, ao qual os alunos responderam a Itália, explicámos assim, que a Itália primeiro manteve uma posição neutral, pois só participava na guerra caso o território alemão fosse atacado, sendo que uma das razões que levou este país mudar de lado, ter sido devido a questões territoriais, havia uma rivalidade entre a Itália e o império Austro-húngaro, porque o império ficou com a posse de vários territórios importantes situados na Península Itálica. Por outro lado, a Inglaterra e os países da Tríplice Entente queriam a Itália do seu lado, prometendo-lhes territórios em África.

Continuámos a referir que para além destas alianças estes países fizeram uma corrida aos armamentos, questionando os alunos que significado tinha. Os educandos responderam que os países se reforçavam com as armas. Completámos dizendo que as potências europeias começaram a investir na sua indústria militar, e que isso constituía um grande estímulo à produção industrial e ao desenvolvimento da tecnologia, e que juntamente com esta corrida ao armamento houve um clima tensão que é conhecido como Paz Armada.

Pedimos aos alunos a sua interpretação de Paz Armada, não obtendo resposta, desconstruímos então a palavra, para os ajudar a chegar à resposta, dizendo que havia uma paz, mas ao mesmo tempo armas, assim houve alunos que conseguiram responder referindo que os países tinham armas, mas não se atacavam. Deu-se o reforço positivo,

⁵ Ver anexo 4.

complementando as respostas referindo que as potências europeias evitaram o conflito armado, enquanto aumentavam as suas capacidades militares.

Referindo que o confronto entre estas duas tríplices se avizinhava, perguntámos qual o acontecimento que levou à Primeira Guerra Mundial. Uma aluna respondeu o atentado de Sarajevo. Demos o reforço positivo, seguindo-se a explicação do acontecimento, a 28 de Junho de 1914 o arquiduque Francisco Fernando herdeiro do Império Austro-húngaro é assassinado por um jovem independentista ou nacionalista sérvio em Sarajevo a capital da Bósnia, vimos que o atentado se deveu aos movimentos nacionalistas dos povos eslavos, dentro do império Austro-húngaro.

Mostrando outra vez o primeiro mapa (figura 6), explicámos que havia várias nacionalidades que se encontram dentro do império Austro-Húngaro que queriam ser independentes, e que a maior ameaça para o império era a Sérvia, que embora fosse um estado independente na região Balcânica, aspirava unir todos os povos eslavos do sul, e formar o estado da Grande Sérvia, acabando assim com união do império Austro-Húngaro.

Continuámos referindo que a Bósnia Herzegovina era um território eslavo, por isso a Sérvia tinha o interesse em ocupar este território, pois o povo sérvio e bósnio eram da mesma etnia, e isto ia ao encontro da união dos povos eslavos. No entanto foi o império Austro-húngaro que ocupou e anexou a Bósnia Herzegovina, para acabar com o nacionalismo em 1908, ficando assim a Sérvia ressentida com a Austro-Hungria.

Passando de seguida à explicação do assassinato, vimos que com a visita do herdeiro ao trono do Império Austro-Húngaro, à cidade de Sarajevo, precisamente na Bósnia, o grupo servo da sociedade nacionalista secreta conhecida como Mão Negra, assassina o arquiduque Francisco Fernando e a sua mulher.

Terminámos a parte mais explicativa da aula dizendo que o império Austro-Húngaro aliado da Alemanha, aproveitando este acontecimento declara guerra à Sérvia, mas que esta também tinha um aliado, perguntando qual, um aluno respondeu acertadamente Rússia que fazia parte da Tríplice Entente, e que isso envolvia os países todos em guerra. Referimos que era exatamente isso, completando com a Rússia, que aparecia como a grande protetora dos povos eslavos, porque grande parte do seu território abrigava estes povos, e por isso, ia ao auxílio da Sérvia.

Projetando outra vez o mapa referente à política das alianças militares (figura 7), referimos que a Rússia não estava sozinha pois pertencia à Tríplice Entente, lembrando os alunos que a França também tinha problemas com a Alemanha devido ao ressentimento dos territórios da Alsácia e da Lorena, e que por sua vez a Inglaterra o berço da industrialização via a sua indústria a decrescer em detrimento da indústria alemã, como tal, também tinha todo o interesse em acabar com a influência que agora a Alemanha estava a ter. Como conclusão vimos que rapidamente o sistema de alianças é ativado, fazendo com que a Europa passasse a ser um imenso palco de combate dando assim início à 1ª Guerra Mundial.

Guardámos os últimos 10 min para os alunos fazerem o exercício 3 da pág. 21, referente ao documento das rivalidades anglo-germânicas⁶, sendo que a pergunta ia ao encontro do documento. Enquanto os alunos faziam o trabalho, verificou-se se o estavam a fazer, e ia-se respondendo a dúvidas.

Dá o toque do fim de aula, sem que tivéssemos tempo de corrigir a pergunta, isto aconteceu pois poucos realizaram o trabalho pedido, mas referimos que quem não tinha acabado que fizesse em casa, que depois iria ser conferido pela professora Adélia. O facto de os alunos não estarem na sala à hora do toque de entrada dificulta gerir o tempo que já é curto. A turma comportou-se no geral bem, tirando alguns alunos muito distraídos, obrigando a paragem da aula algumas vezes nas chamadas de atenção.

Fazendo uma análise desta aula, podemos concluir que a política da escola ter mudado o tempo de aulas de 90 para 50 minutos é pouco positiva, sendo que o tempo “passa a correr” e não se trabalha com a turma convenientemente, pois é nossa estratégia guardar os minutos finais da aula para os alunos fazerem exercícios.

Temos que estar mais atento aos alunos de trás, visto que só me apercebi quase no final da aula que um aluno tinha praticamente passado o tempo todo, com o caderno e o manual fechado. No entanto ficámos contentes, pois pediu auxílio, quando lhe surgiu uma dúvida sobre o exercício que mandámos fazer, isso mostrou que apesar de tudo se mostrou interessado no exercício.

Nesta aula, fizemos com que os alunos participassem ativamente, fazendo-lhes frequentemente perguntas, e pedindo sempre a sua opinião, havendo assim uma

⁶ Ver anexo 5.

cooperação entre professor e aluno. Nos 10 min finais, pedimos aos alunos que respondessem a uma pergunta do manual, pergunta essa que vinha ao encontro do que foi falado na aula.

2ª Aula Lecionada: 14 de Outubro de 2019

Duração: 50 min.

Sumário: As várias fases e frentes da Primeira Guerra Mundial

No dia 14 de Outubro de 2019, às 9h. e 15min., lecionámos a aula ao 9º A, esta foi a turma que nos acompanhou ao longo do semestre (a primeira aula lecionada ao 9º E, foi uma exceção), sendo a unidade temática *A Europa e o mundo no limiar do séc. XX*, o tema da aula, correspondeu ao respetivo sumário. Não houve atrasos pelo que pudemos logo ditar o sumário.

Fazendo uma pequena revisão da matéria, começámos por perguntar aos alunos se sabiam a política de alianças que tinham ocorrido antes da eclosão da guerra, os alunos responderam assertivamente o nome das duas tríplices juntamente com os países que as compunham. Ainda perguntámos qual o acontecimento que gerou a guerra, e muito bem, responderam que foi o atentado de Sarajevo que acabou por ativar todas as alianças.

Achámos importante fazer um “breve apanhado” dos antecedentes da guerra, (tema que já tinha sido abordado na aula anterior pela professora Adélia), antes de avançarmos de modo a perceber se os alunos tinham alguma dúvida, e ir ao encontro de Piaget, no que respeita ao processo de aprendizagem construído pelos alunos, interligando conhecimentos, neste caso da aula anterior, com a aprendizagem que iriam ter na presente aula.

Projetando um mapa com as várias frentes legendado “A Primeira Guerra Mundial: frentes do conflito, começámos por referir que a 1ª Guerra Mundial se desenvolveu em 3 frentes, a frente Ocidental onde explicámos que se estendia desde o Mar do Norte até ao Mar Adriático, referimos que grande parte das batalhas aconteceram em solo francês, e que quem participou nesta frente, foram os franceses e ingleses de um lado, contra alemães do outro. Seguidamente passámos para a frente Oriental, onde explicámos que tinha a extensão desde o Mar Báltico até ao Mar do Negro, e que envolveu os estados aliados da Rússia e Roménia, contra os países da Tríplice Aliança a Alemanha, Áustria-Hungria e Bulgária. Finalmente referimos a frente Balcânica, que envolveu toda

a Península Balcânica, estendeu-se do Mar Adriático até ao Mar Negro e indo também até ao sul da Grécia.



Figura 8 – PWP: A Primeira Guerra Mundial: frentes do conflito

A escolha deste mapa deveu-se ao facto de destacar bem as frentes, tendo linhas grossas e delineando bem as distâncias, enquanto se fazia a explicação das várias frentes ia-se apontando no mapa com uma caneta, como complemento da explicação, por exemplo, quando dissemos que a frente balcânica se estendia até ao sul da Grécia, apontou-se precisamente para o sul deste país e também para alguns mares, que não estão no mapa, como o Adriático.

Vistas as frentes, referimos que a 1ª Guerra teve igualmente 3 fases. Perguntámos aos alunos o porquê de a primeira fase se chamar guerra de movimentos, ao que o Daniel Pereira responde porque os exércitos avançaram para o território inimigo, demos o reforço positivo, referindo ainda que foram ataques violentos e consecutivos.

Projetámos outro mapa, mais completo, onde estavam presentes as várias movimentações dos exércitos e as principais batalhas que existiram na Europa, nas várias frentes. Começando com o ano de 1914, acompanhámos as setas existentes neste mapa, e referimos que a Alemanha queria avançar o mais rápido possível sobre Paris, para ter posições estratégicas no campo de batalha. E que para isso invadiu a Bélgica desrespeitando a sua neutralidade.



Figura 9 – PWP: Mapa da Europa: fases e frentes da Grande Guerra

Continuando explicámos que isto iria obrigar a franceses e ingleses que entretanto já se tinham posicionado juntamente com os franceses a se retirarem para perto do rio Marne onde ali se preparavam para proteger Paris. Sendo precisamente neste sítio em Setembro, que se deu a primeira grande batalha desta guerra, a Batalha do Marne com os aliados, a obrigarem o recuo alemão para o nordeste francês.

Ainda referimos que como eles podiam observar na legenda do mapa da pág. 23⁷ antes do final do ano nesta frente Ocidental, a Alemanha ainda tenta uma ofensiva, na cidade de Ypres na Bélgica, esta batalha ficou conhecida como a Batalha da Flandres ou de Ypres. A ideia dos alemães aqui era de cortar a rota das forças expedicionárias britânicas no seu caminho para o mar. Dissemos que no entanto a Alemanha apenas conseguiu uma rica zona mineira industrial, pois os aliados conseguiram defender a cidade.

Passando para a frente Oriental no ano de 1914, (continuando a usar como recurso o mapa do manual), referimos que a Rússia consegue mobilizar as suas tropas atacando a Alemanha na Prússia Oriental. Ainda nesta frente, mas mais a sul, a Rússia derrota a Áustria-Hungria na Galícia. Dissemos que o sucesso Russo nesta região durou pouco, pois os alemães infligiram uma derrota pesada na batalha de Tennenberg.

Explicámos que no final de 1914 não houve nenhuma vitória considerável de nenhum dos lados, e da guerra de movimentos e dos avanços da primeira fase da guerra,

⁷ Ver anexo 7.

os dois blocos estabilizaram as suas posições e passaram a defender as regiões até então ocupadas, passando a uma guerra estática, chamada guerra das trincheiras.

Demos especial atenção nesta aula às trincheiras, pois achámos importante os alunos perceberem as condições dos soldados. Perguntámos assim, à turma o que eram as trincheiras, ao que responderam que eram buracos no chão onde os soldados se escondiam. A resposta não estando totalmente errada, pois a ideia era essa, completámos referindo, que eram valas profundas escavadas no solo, e que foram feitas para os soldados da linha da frente se refugiarem do inimigo, e para poderem atacar com alguma proteção. Referimos que na zona ocidental as trincheiras tinham mais de 600km, e vinham desde o mar do norte até à Suíça, que havia 1 na linha da frente e normalmente duas atrás.

Perguntámos de seguida para que serviam as trincheiras da frente e as de trás, ao que os alunos responderam acertadamente ataque e defesa para as da frente e as de trás para descansar.

Dissemos para os alunos olharem para o doc.3 da pág. 23 do manual⁸, onde estão presentes fotos das trincheiras e uma legenda, sendo que a aproveitámos para dizer as suas dimensões. Dissemos que as trincheiras não eram em linhas retas mas em ziguezague, mostrando um PWP⁹, de soldados dentro de uma trincheira, e perguntámos o porquê, ao que o Josemar diz que é para ser mais difícil o ataque inimigo, aceitámos a resposta, dando o reforço positivo ao aluno.

Depois perguntámos aos alunos se eles achavam que a vida das trincheiras era fácil, a aluna Marlym disse que os soldados tinham que viver com ratos e não tinham muitas condições. Depois de dizermos que a resposta da aluna estava certa, usámos como exemplo das fracas condições do que era viver entrincheirado, o caso dos portugueses, o CEP. Dissemos que os soldados portugueses, não estavam preparados para este tipo de guerra, pois não possuíam a devida instrução, sendo treinados pelas tropas inglesas.

Explicámos que os soldados portugueses sofreram muito, dizendo que estes, tinham que suportar o frio, ao qual não estavam habituados, devido às diferentes condições climáticas de França e Portugal, também estavam num setor, que se situava na zona da Flandres, um local bastante pantanoso e húmido.

⁸ Ver anexo 8.

⁹ Vide anexo 9.

O Josemar disse que quando chovia “aquilo” enchia-se de água, completámos dizendo não só água, mas também lama, o que levava os soldados a passarem dias e dias com o corpo molhado em água suja e fria levando a doenças como a tuberculose, a sarna e o pé de trincheira, mostrando um PWP¹⁰ com a imagem desta última doença. Imagem posta propositadamente para chocar os alunos, para eles perceberem o grande sofrimento dos soldados, referimos assim que os soldados estavam, sujeitos à falta de condições de higiene, o que levava ao aparecimento de parasitas, como ratos piolhos etc.

De seguida explicámos que os soldados estavam constantemente sob ataque inimigo, e o Daniel Dias começa a falar de um jogo que retratava bem a 1ª Guerra Mundial, o jogo em questão era o “Call of Duty”, falámos um pouco sobre o jogo (pois este acaba por ser didático), os rapazes ficaram entusiasmados, e começaram a fazer mais perguntas sobre jogos, tendo nós que por um “travão” na conversa para voltarmos à aula.

No entanto aproveitámos o seu entusiasmo para apresentarmos um PWP com algumas armas que se utilizaram na 1ª Guerra, referindo que nesta fase foram introduzidas novas armas, como canhões de longo alcance, morteiros, carros blindados, metralhadoras, granada, mostrando imagens das respetivas armas.



Figura 10 - PWP: Armas utilizadas na Grande Guerra

Referimos ainda que foi nesta fase que se começaram a usar armas químicas como o gás de cloro, o fosgénio e o gás mostarda, mostrando um PWP, com uma imagem de uma bomba de gás, um soldado com queimaduras e as máscaras que se utilizavam para se defender desta arma, dissemos que esta arma, foi a que mais incapacitou os soldados, provocando cegueira ou asfixia.

¹⁰ Ver anexo 10.



Figura 11 - PWP: Referente às armas químicas

Referimos que a grande maioria dos soldados do CEP, perdeu mais a vida devido às doenças que propriamente aos ferimentos causados pelas armas da guerra. Dando também exemplos do mau uso que os soldados davam a certos materiais como a máscara de gás, devido à sua fraca instrução, impedindo assim o bom uso do material bélico.

Ainda explicámos que os soldados não tiveram o equipamento ideal para o esforço da guerra das trincheiras, dando exemplos da sua farda e de outros materiais, que pouco ou nada melhoraram as condições de vida das tropas. Observámos ainda imagens de abrigos onde os soldados dormiam¹¹, e questionámos os alunos acerca da ocupação de tempo quando estes não estavam em guerra, os alunos participaram bem, havendo algumas respostas, como escrever à família, cantar, dançar, arranjar as trincheiras, limpar as armas etc., referimos que a maioria do soldados não sabia ler nem escrever, e que aprenderam na guerra, para conseguir se comunicar com a família. Na retaguarda, na linha das aldeias explicámos que praticavam desportos, como o futebol, onde havia jogos entre portugueses e ingleses.

De seguida projetámos uma imagem de uma representação de uma trincheira, onde está legendado os vários locais da trincheira, analisámos com os alunos a imagem, onde estes iam identificando os espaços e instalações, indicando a sua finalidade, referindo que foram mobilizados médicos e enfermeiros, para tratarem dos feridos. Alertámos os alunos, que a disposição das trincheiras não tinha que obrigatoriamente ser como a imagem.

¹¹ Ver anexo 11.



Figura 12 - PWP: Representação de uma trincheira

Para finalizar este tema, perguntámos aos alunos se sabiam o que era a terra de ninguém, e desta vez só se ouviu as vozes dos rapazes dizendo que era a terra que separava as trincheiras inimigas, nós referimos que era por ali onde os soldados tinham que avançar, normalmente à noite, sendo uma zona perigosa pois estavam sujeitos ao tiroteio inimigo. Os soldados só iam para esta zona quando era estritamente necessário, ou para patrulhar, ou para arranjar as vedações e o arame farpado, que eram um obstáculo para o avanço inimigo.

De seguida, referimos que no ano de 1915 para além das trincheiras, há as primeiras movimentações na Península Balcânica, dizendo que houve várias vitórias dos aliados num primeiro instante, que foi por aqui que foram feitas algumas das ofensivas ao Império Otomano que se tinha juntado do lado das potências centrais. Também referimos que foi nesta altura que a Bulgária surge como aliada das potências centrais, conseguindo estas potências oporem-se assim à Sérvia com o intuito de controlar a zona Balcânica.

. Explicámos que na frente Oriental ainda era possível fazer-se a guerra de movimentos, e que alemães e austro-húngaros infligiram várias derrotas aos russos, obrigando-os a recuar, perdendo Varsóvia e a Galícia.

Referimos que a par da guerra no campo de batalha, também havia uma guerra económica, e questionando os alunos se sabiam que guerra era esta, ninguém soube, dissemos então, que os britânicos decretam um bloqueio económico, contra as potências centrais, utilizando a superioridade da sua marinha no Mar do Norte e no Mediterrâneo (voltámos ao mapa da figura 9, para apontar os mares do bloqueio), para impedir a

chegada ao continente europeu de mercadorias destinadas à Alemanha e Áustria, e que isso implicava a escassez de produtos que entravam nestes dois países.

De seguida perguntámos aos alunos o porquê de esta guerra ter sido mundial, ao que o Daniel Pereira responde porque se estendeu às colónias, completámos, dizendo não só se estendeu às colónias como também um pouco por todos os continentes, dando alguns exemplos, como a envolvimento turca na guerra em 1915, que permitiu aos britânicos levar a guerra para o Mediterrâneo Oriental, Norte de África e Médio Oriente, com o intuito de desmantelar o império otomano. À medida que se ia explicando estas movimentações britânicas, ia-se apontando no mapa, (figura 9), percorrendo as zonas de ocupação britânica. Dissemos que estas potências europeias utilizaram população das suas colónias na guerra, dando o exemplo do Reino Unido que nesta altura dominava a Índia. No caso dos franceses referimos, exemplos de países como Argélia ou Senegal. Já na Ásia demos o exemplo do Japão, que ocupou territórios neste mesmo continente, pertencentes à Alemanha.

Terminando as explicações do ano de 1915, passámos para o ano de 1916, onde precisamente na cronologia do mapa da pág. 23 do manual, estava indicado a guerra da Jutlândia, este evento teve ocorrência no Mar do Norte, sendo a maior batalha naval da Primeira Grande Guerra, opondo a frota naval britânica com a frota naval alemã, não havendo nenhuma vitória considerável, apenas alguma superioridade alemã.

Referimos ainda mais duas batalhas que ocorreram este ano, descrevendo a Batalha de Verdum que ocorreu em território francês, sendo a batalha mais longa da Primeira Guerra Mundial, dissemos que aqui em Verdum havia uma fortaleza estratégica, que os alemães cobiçaram, mas que os franceses conseguiram superar a ofensiva alemã. Explicámos que para aliviar a pressão alemã sobre Verdum, franceses e britânicos em Julho de 1916, atacaram os alemães na zona do rio Somme, resultando numa pesada derrota dos aliados em desvantagem contra o exército alemão.

Deixando o lado Ocidental, e olhando agora para a frente Oriental, como estava descrito na cronologia do mapa do manual, abordámos a contraofensiva russa, referindo que os russos conseguem causar danos aos impérios centrais, principalmente à Áustria-Hungria, no entanto, não conseguem o objetivo pretendido, que era a capitulação de Viena.

De seguida explicámos à turma o envolvimento dos E.U.A. em 1917, referindo que já havia um comércio entre a América do Norte, e as Ilhas Britânicas e com o início da guerra este comércio aumentou. Para além disto os E.U.A. ajudaram os países da entente, através de empréstimos, para estes estados suportarem a guerra.

Perguntámos aos alunos se se lembravam do bloqueio britânico à Alemanha que sido abordado há pouco. Os alunos disseram que sim, e referiram que a Alemanha iria se vingar desse bloqueio, com ataques submarinos que iriam afundar os barcos mercantis que vinham dos E.U.A. para as Ilhas Britânicas. Com esta boa resposta dos alunos, salientámos que a partir daí os E.U.A. começam os preparativos para a guerra, querendo isto dizer mais homens e mais armas a favor da entente.

Prosseguimos com a explicação, sobre a saída da Rússia da guerra, sem entrar em grandes pormenores, pois esta matéria é abordada mais à frente. Começámos por explicar que na frente Oriental com as várias derrotas russas, e a desorganização do exército fez não só levantar ondas de protesto dos próprios soldados, como também da população civil, que via os preços aumentarem e mesmo a escassez de alimentos e produtos básicos, sendo que isto fez gerar no país uma guerra civil e a consequente saída da guerra que só se oficializa em 1918 com o tratado Brest-Litovsk. Este tratado de paz é assinado pela Rússia e pelas potências centrais, um tratado de paz, fazendo com que estes países da Tríplice Aliança ficassem com 1/3 do território russo.

Perguntámos aos alunos o que acontecia às tropas que estavam concentradas na frente Oriental, ao que eles prontamente disseram que concentraram todas as suas forças na frente ocidental, reforçando este lado da guerra. Referimos que embora a Alemanha estivesse reforçada, devido à chegada das tropas vindas da frente Oriental, estava desgastada da guerra. Em semelhança com a Rússia a população civil começou a manifestar-se.

Com a chegada dos E.U.A. à Europa, continuando explicação, dá-se a ofensiva dos 100 dias, passando a Primeira Guerra Mundial, outra vez para a guerra de movimentos, sendo a terceira e última fase. Dissemos que esta ofensiva dos 100 dias foi um conjunto de vitoriosos ataques dos aliados que iria levar à derrota final das potências centrais. Concluímos a aula dizendo que a 11 de Novembro de 1918, assinou-se o armistício terminando assim a 1ª Guerra Mundial.

Como ainda faltava 10 minutos para o toque final, pedimos aos alunos para responderem à pergunta 4 da pág. 23 do manual, que pedia para se explicar o porquê dos soldados viverem uma guerra de horror, referimos que podiam utilizar tanto o doc. 3 da pág. 23, como o doc. 6¹² da pág. 27. Os alunos de forma geral aderiram ao exercício, foi uma aula que se percebeu que gostaram e por isso, não houve grandes incidentes. Não conseguimos corrigir, pois deu o toque para o final da aula.

A adaptação à aula de 50 minutos foi conseguida, concluindo-se assim a planificação. Conseguindo acabar cerca de 10 minutos mais cedo pedimos aos alunos para fazerem um exercício do manual. A aula talvez tenha sido mais expositiva, mas em contrapartida houve bastante utilização de mapas, sendo isto bastante positivo, pois situa os alunos geograficamente, na matéria explicada, no entanto procurei sempre interagir com os alunos, fazendo-lhes perguntas, para que estes participassem na aula.

Os alunos portaram-se bem, houve apenas uma situação de um aluno não ter manual, mas rapidamente se resolveu, a professora Adélia emprestou o seu manual. Com o caso da aula anterior, tivemos mais atentos e verificámos se todos tinham manual e caderno.

3ª Aula Lecionada: 21 de Outubro de 2019

Duração: 50 min.

Sumário: As transformações geopolíticas europeias no pós-guerra. A Sociedade das Nações

No dia 21 de Outubro de 2019, às 9h e 15min, da manhã lecionámos mais uma aula ao 9º A, inserindo-se na unidade temática, *A Europa e o mundo no limiar do séc. XX*, o tema dobrou-se sobre o final da Primeira Guerra Mundial, nomeadamente a Conferência de Paz, o novo mapa geopolítico da Europa e a Sociedade das Nações. Os alunos mais uma vez chegaram a horas, o que é ótimo pois assim, consegue-se aproveitar todos os minutos, depois de os alunos escreverem o sumário ditado, iniciamos a aula.

Demos início à parte explicativa começando a falar da Conferência de Paz que decorreu em Paris depois da guerra em 1919. Referimos que 32 delegados de vários países se reuniram para celebrar acordos de paz com os países vencidos, explicando que os principais objetivos desta reunião foram garantir uma paz duradoura, promover o

¹² Ver anexo 12.

desarmamento e garantir a liberdade e autonomia de pessoas, nações e comércio. Referimos ainda que apesar de ter envolvido muitos países, esta conferência foi dominada pelos E.U.A., França e Reino Unido.

Apresentámos aos alunos os representantes dos principais países, ou seja, o primeiro-ministro Clémenceau francês, o primeiro-ministro britânico Lloyd George, o presidente dos E.U.A. Woodrow Wilson. Através de uma imagem¹³ que está presente no manual, de William Orpen, que regista o momento da assinatura do Tratado de Versalhes pelos representantes da Alemanha. Explicámos as posições defendidas por estes principais líderes de cada país nesta Conferência de Paz, destacando Afonso Costa como representante de Portugal.

Perguntámos aos alunos qual o tratado mais importante que tinha sido assinado nesta Conferência de Paz, acertadamente responderam o Tratado de Versalhes. Em tom de brincadeira referimos que este tratado tinha 440 artigos e que os alunos tinham que os saber todos, houve logo contestação, que acabou quando perceberam que não passava de uma brincadeira, seguindo-se risos da turma. Dissemos a data do tratado, 28 de Junho de 1919 assinado no Palácio de Versalhes, e que coincidia com a data do atentado de Sarajevo.

Explicámos no que consistiu este tratado, referindo que se centrou na Alemanha, pois foi-lhes impostas duras e humilhantes condições aos alemães. Projetámos um PWP, com os tópicos destas condições impostas pelo Tratado de Versalhes à Alemanha, para o analisarmos em conjunto, começando por referir as militares. Pudemos concluir que a Alemanha foi impedida de ter mais de 100.000 homens no seu exército e o serviço militar obrigatório foi abolido. Proibiu-se também a artilharia pesada, submarinos e aviação, obrigou-se à Alemanha entregar grandes quantidades de material militar e também se impediu o fabrico de armas.

Explicámos que para além destas cláusulas militares, procurou-se enfraquecer a Alemanha com uma série de cláusulas económicas que a obrigavam a entregar aos vencedores, durante 5 anos, enormes quantidades de carvão, gado, produtos químicos e boa parte da sua marinha mercante. A Alemanha deveria ainda pagar reparações de guerra numa quantia de 132 milhões marcos de ouro.

¹³ Ver anexo 14.

Dissemos que não foi só o Tratado de Versalhes que foi assinado, mas também outros tratados e que foram estes tratados juntamente com o tratado de Versalhes, que levaram ao aparecimento de um novo mapa político europeu. Perguntámos aos alunos que outros países eles achavam que tinham perdido territórios, aqui notámos que há alguma confusão em alguns alunos, no que toca, aos países vencedores e vencidos, mas quando foram questionados sobre a tríplice que perdeu, os alunos responderam bem, aliança, e quando perguntamos quais os países que a compunham, responderam acertadamente.

Com isto, foi pedido para os alunos compararem o mapa da pág.21¹⁴ onde mostrava os impérios que existiam nas vésperas da Primeira Guerra Mundial, com um mapa que projetado no quadro, com o novo mapa geopolítico da Europa. Isto tinha a finalidade de os alunos perceberem que impérios se desmembraram e que países nasceram depois da guerra.



Figura 14 - PWP: Mapa Geopolítico Europeu pós Primeira Guerra Mundial

Os alunos após observarem os dois mapas, referiram que um dos impérios desmembrados foi o Império Austro-Húngaro, então começámos a falar da Áustria que assina o tratado de Saint Germain-en-Laye e que neste tratado reconhecia-se a independência da Hungria, perguntámos que países tinham nascido e se tornaram independentes com este desmembramento, os alunos referiram a Checoslováquia, a Eslovénia e Bósnia Herzegovina. Acrescentou-se ainda que a Áustria viu o seu exército a ser limitado a 30.000 homens. Já a Hungria referimos que assinou o tratado do Tríanon,

¹⁴ Ver anexo 4.

e perguntámos aos alunos que territórios cedeu, os alunos muito bem, referiram a Croácia e a Eslovénia ao reino dos sérvios, explicámos que este território em 1929 se reconhece como Jugoslávia, a Hungria viu o seu exército reduzido a 35. 000 soldados.

Seguidamente abordamos o caso da Bulgária que assinou o tratado de Neuilly-sur-Seine, perdendo territórios para a Grécia tendo que reduzir o seu exército para 20.000 homens.

Os alunos falaram no desmembramento do Império Russo com o tratado de Brest-Litovsk, perguntámos então quais os territórios que a Rússia perdeu o controlo, e os alunos olhando para o mapa projetado referem a Finlândia, a Estónia, a Letónia e da Lituânia.

E por fim questionámos qual era o outro império que restava, ao que responderam o Império Otomano, passando à explicação desse desmembramento, referindo que graças a ele, nasceu a Republica da Turquia, sendo assinado o tratado de Sévres e Lausanne onde Istambul perde a soberania sobre todos os territórios da população árabe, como toda a Península Arábica e países como Líbano, Síria ou Iraque, perdendo também vários territórios para a Grécia e Itália, e por fim reconhece a Arménia como independente. O seu exército ficou também limitado a apenas 50.000 homens.

Explicámos aos alunos o que se entendia por Regime de Democracia Parlamentar, quando dissemos que este foi um regime que foi instituído por muitos estados depois da guerra, tendo os alunos apontado no caderno a definição.

A aula prosseguiu com a explicação dos 14 pontos do presidente norte-americano Woodrow Wilson após a 1ª Guerra Mundial, que este dirigiu ao congresso americano uma mensagem em que propunha 14 princípios, que ficaram conhecidos como os 14 pontos, e tinham o objetivo de conduzir as negociações do pós-guerra., o décimo quarto ponto defendia a constituição de uma “organização geral das nações”. Assim Wilson propôs na Conferência de Paz a criação deste organismo geral das nações. Enquanto explicámos isto, foi projetada uma imagem do presidente Wilson, e dos 14 pontos¹⁵.

¹⁵ Ver anexo 15.

Explicámos a criação da Sociedade das Nações em 1919, pelos aliados, com a ajuda de um PWP¹⁶ que tinha vários tópicos com principais objetivos desta organização através de cada um dos tópicos analisámos esses objetivos.

Referimos que apesar de a ideia ter saído do presidente americano, os E.U.A. não fizeram parte da SDN, porque o senado americano recusou a confirmação do Tratado de Versalhes, e que a Alemanha também não foi convidada a integrá-la.

Explicámos que a SDN, juntamente com a Organização Internacional do Trabalho criada no Tratado de Versalhes, defendeu também os direitos dos trabalhadores e promoveu o desenvolvimento e melhoria das suas condições de trabalho, pois a paz também tinha que ser conseguida num contexto de justiça social. Referimos que o principal órgão decisor da SDN era o Conselho dos 4, composto pela França, Reino Unido, Itália e Japão.

Na fase terminal da aula, os alunos foram questionados, se SDN foi ou não a bem sucedida na contribuição de uma Europa próspera e pacífica e de manter a estabilidade mundial. Uma aluna a Marlym disse que não, por isso é que, houve a Segunda Guerra. Outros alunos completaram dizendo que não foi bem-sucedida e que houve várias tensões que ficaram entre os países e levaram a guerras, nomeadamente à Segunda Guerra Mundial, com a ascensão do Hitler. Respostas todas certas, as quais levaram o reforço positivo.

Posto isto, referimos que existiram vários obstáculos a uma paz segura e à ineficácia da SDN com o auxílio de um PWP, com tópicos, explicámos que os países derrotados foram excluídos quer dos tratados de paz, quer da SDN, alguns dos povos vencedores ficaram insatisfeitos com as resoluções dos tratados de paz, como por exemplo a Itália que não ficou com os territórios prometidos. Referimos que as minorias nacionais, por exemplo muitos países que nasceram, não se sentiam respeitados na definição do novo mapa político da Europa, levando a que muitos povos ficassem integrados em países com os quais não se identificavam, o que conduziu desde cedo, a ocupações territoriais e ao desrespeito pelas fronteiras. Explicámos que os E.U.A. apesar de constituírem uma potência que afirmava o seu poder económico e o seu protagonismo político, não integraram a SDN e não aprovaram o Tratado de Versalhes, contribuindo para o descrédito da organização. E por fim que os países vencedores, em vez de

¹⁶ Ver anexo 16.

procurarem soluções viváveis para a crise económica europeia, privilegiavam a questão das reparações de guerra, obrigando os países derrotados a pagar indenizações aos países vencidos.

Seguidamente, mandámos os alunos fazerem a pergunta 2 da pág. 35, que tinha que ver com o novo mapa político da Europa. Nem todos os alunos fizeram a pergunta, pois houve conversa e distração. Foi referido que quem não acabou, tinha que acabar em casa, e que na próxima aula iríamos corrigir a pergunta, como o André se mostrou entusiasmado com a pergunta, ficou combinado ser ele a corrigir. Nesta aula houve a separação de dois alunos, pois estavam, a perturbar o bom funcionamento da aula. De salientar que nas nossas aulas, procuramos dar sempre o reforço positivo aos alunos, pois isto dá motivação ao aluno para querer participar na aula.

4ª e 5ª Aulas Lecionadas: 23 de Outubro de 2019

Duração: 50 + 50 min.¹⁷

Sumário: A economia e sociedade no pós-guerra. A hegemonia dos E.U.A., a economia nos anos 20 e os novos métodos de produção de organização do trabalho.

A aula no dia 23 de Outubro começou bastante tarde devido ao atraso dos alunos, deveria começar às 13 e 15, e começou às 15 e 30. Depois de os alunos entrarem e se conseguirem acalmar e de serem repreendidos, foi possível ditarmos o sumário. De salientar que o sumário representa as duas aulas seguidas de 50 min, usámos esta estratégia em todas as aulas de quarta-feira, pois os alunos demoram imenso tempo a escrever o sumário, e assim escrevendo logo na primeira aula, consegue-se poupar tempo.

Os alunos não sabiam o que queria dizer, nem escrever hegemonia, por isso a palavra foi escrita no quadro, referindo também o seu significado.

Começámos a aula com a correção do TPC, e tal, como combinado na aula anterior pedimos ao André que lê-se a sua resposta, o André não fez a pergunta em casa, no entanto, como tinha a resposta na cabeça, conseguiu responder bem. Não houve repreensão pelo aluno não ter feito a resposta em casa, visto que ele respondeu bem, no entanto dissemos que ele escrevesse a resposta que tinha acabado de dizer no caderno, pedido esse que foi correspondido. Outros alunos quiseram dizer a sua resposta, o que foi muito positivo, pois cumpriram a tarefa.

¹⁷ Como estas aulas de quarta-feira são duas aulas de 50 min seguidas, apenas divididas por um intervalo de 5 min, descrevo-as juntamente.

Acabando a correção, explicámos que com o final da 1ª guerra Mundial, chegaram os desafios do após guerra, pois a Europa estava destruída a situação económica dos países europeus, que já era má, foi agravada pelos encargos sociais com as vítimas, pelo aumento da inflação e pelo aumento do desemprego e da pobreza, agudizados pela indústria que estava à beira da ruína, isto porque havia uma crise da produção.

Perguntámos à turma o porquê de haver baixas quer de produção industrial quer agrícola, os alunos conseguiram responder bem, referindo que muitas fábricas e campos agrícolas estavam incapacitados de produzir devido à destruição provocada pela guerra.

Os alunos foram questionados, sobre o que entendiam por economia de guerra, disseram que era uma economia que se tinha quando se estava em guerra. Como a resposta estava incompleta, demos-lhes a noção de economia de guerra, referindo que houve uma intervenção do estado na economia, onde existiu um racionamento quer na indústria, quer nos bens essenciais, e que por outro lado houve um aumento de material bélico que fez aumentar a dívida externa de muitos países europeus.

Pedimos para os alunos olharem para o doc.2¹⁸ da pág. 36, do manual que se referia à evolução da inflação desde o ano 1914, até 1920. Perguntámos o que era a inflação, a Marlyn referiu que era a subida de preços, à resposta da aluna, acrescentámos que a esta subida de preços houve uma consequente desvalorização das moedas, neste caso de moedas europeias, face ao dólar americano.

Ainda referente ao documento, pedimos aos alunos para referirem que país é que sofreu mais com a inflação, muito bem identificaram a Alemanha. Ficaram incrédulos, quando projetámos um PWP¹⁹, de crianças na rua a brincar com maços de notas, descrevemos a imagem referindo que na Alemanha o dinheiro perdeu tanto valor que as crianças brincavam com maços de notas na rua, assim as pessoas viviam na miséria, e ao mesmo tempo no meio de abundância de notas que não valiam nada, ou muito pouco.

Pedimos para os alunos analisarem o doc.7 da pág. 37 do manual uma pintura de *Otto Dix* intitulada “*Os Mutilados de Guerra*”, o Daniel Pereira disse que eram os feridos da guerra. Referimos assim, que a guerra não tinha apenas feito mortos, mas que muitos homens tinham regressado e grande parte deles estavam inválidos. Perguntámos aos alunos como estes acidentados da guerra eram integrados na sociedade, ao mesmo tempo

¹⁸ Ver anexo 18.

¹⁹ Vide anexo 19.

que projetámos uma imagem, de um veterano de guerra sem uma perna a pedir. A Iris respondeu que alguns caíam na pobreza. Acrescentámos então, que estas pessoas que sofreram mutilações na guerra, não conseguiram fazer parte da mão-de obra que era tão essencial naquele momento, perguntando o porquê.



(7) Os mutilados da guerra (pintura de Otto Dix), 1920. Devido à I Guerra Mundial, a Alemanha foi um dos países mais afetados pelo número de inválidos.

Figura 15 – Os Mutilados de Guerra (pintura de Otto Dix)

Os alunos responderam para a reconstrução dos países que tinham sido afetados pela guerra, dissemos que era exatamente isso, e depois perguntámos quem era a população ativa antes da guerra, ao que os alunos acertadamente responderam, os homens.

Com isto pedimos para os discentes relacionarem o doc.7, (a pintura dos mutilados de guerra), com o doc.3 da pág. 36 do manual, referente, a mulheres a trabalharem na indústria. Conseguiram muito bem relacionar, o facto de os homens terem sido mobilizados e virem incapacitados, o que fez com que a mulher ganhasse cada vez mais, um papel ativo no mundo do trabalho. Referimos que é a partir daqui, que as mulheres conquistam o respeito pela sociedade, devido ao seu esforço durante a guerra.



(3) Mulheres a trabalhar na indústria do armamento durante a guerra.

Figura 16 – Mulheres a trabalharem na indústria

Prosseguimos pedindo aos alunos a sua opinião, sobre estas condições económicas difíceis, e o seu resultado. A Marlym referiu um agravamento das condições de vida principalmente da classe média e do operariado, e o Daniel Pereira disse que isso fez gerar aumento de greves e da contestação social. Aproveitando a deixa do Daniel referimos que é daqui que nascem os partidos comunistas e fascistas, como por exemplo o nazismo do Hitler, e que estes movimentos mais revolucionários cresceram devido à crise económica e ao descontentamento social, que criavam um ambiente propício, para que as populações depositassem confiança numa transformação radical e na rutura com o velho mundo económico, político e social que existia antes da guerra.

O Daniel Pereira falou no caso da Catalunha, perguntando se Barcelona se iria tornar independente, referimos que era um assunto complicado e que tínhamos que esperar para ver, aproveitámos para dizer que apesar de tudo a violência nunca pode ser a resposta.

Depois deste desvio da aula, por vezes necessário, pois a história é isto comparar o presente com o passado, fazendo com que os alunos percebam certos assuntos, pois só percebendo o passado é que se percebe o presente.

Pedimos a um voluntário para ler o doc. 4²⁰ da pág. 37 do manual, referente aos efeitos da guerra na situação económica da Europa e dos E.U.A., a Íris ofereceu-se para ler, depois da sua leitura pedimos para os alunos comentarem o texto. A Marlym referiu que a Europa começava a perder em relação aos E.U.A., o Daniel Pereira referiu que os E.U.A. fizeram muitos empréstimos à Europa, e que a sua balança comercial tornou-se positiva. Perguntámos ao aluno o que isso queria dizer, e o aluno muito bem responde, que era quando as exportações eram mais elevadas que as importações, ele acrescentou (como estava no documento), que o facto da balança comercial ser positiva, houve mais ouro para os cofres americanos.

Estes dois alunos analisaram muito bem o texto, houve apenas espaço para dizer que os E.U.A. já desde o séc. XIX, viu a sua economia a crescer, assim com o desencadear da 1ª guerra mundial, estavam em condições de emprestar avultadas quantias aos países europeus e fornecer bens e serviços, e isto contribuiu para que a Europa destruída,

²⁰ Ver anexo 20.

perdesse hegemonia económica, que se agravou com a ascensão dos E.U.A. a tornarem-se a maior potência mundial.

Prosseguimos com a análise e comparação entre documentos, nomeadamente os documentos 5 e 6²¹ da pág. 37 do manual. O Josemar referiu que os EUA aumentam a sua produção e o país tem também grandes quantidades de ouro, já os países da Europa diminuíram a produção, devido às dificuldades que se faziam sentir no continente. Demos a resposta como certa, dando o reforço positivo ao aluno.

Posto isto, pedimos à turma para que desenhasse um triângulo no seu caderno e que no topo pusesse E.U.A. e na base à direita Alemanha, e à esquerda França e Reino Unido. Gerou-se a confusão os alunos não perceberam, então o triângulo teve que ser desenhado no quadro, para que eles percebessem. Quando finalmente perceberam, explicámos que era um triângulo financeiro, e queríamos que eles o explicassem, sendo que já sabiam que os E.U.A. tinham a hegemonia, e que fez empréstimos aos países europeus.

Os alunos não conseguiram explicar este triângulo financeiro, sabendo nós, que poderia ser um exercício complicado. Então projetámos um PWP, com um pequeno esquema concetual com a explicação. Analisámos em conjunto esse esquema, e chegámos à conclusão que os E.U.A. fizeram um concessão de empréstimos para financiar a recuperação económica dos aliados, e no caso específico da Alemanha, para o pagamento das indemnizações de guerra. Isto era um triângulo financeiro, porque os E.U.A. emprestavam dinheiro à Alemanha, que assim já poderia pagar as reparações de guerra aos aliados, e estes já podiam pagar as suas dívidas aos E.U.A.. Com isto terminei a parte explicativa deste primeiro tempo, referindo que os E.U.A. tornavam-se os grandes credores da Europa, e assim Londres foi substituída por Nova Iorque como a principal cidade financeira.

²¹ Ver anexos 21 e 22.

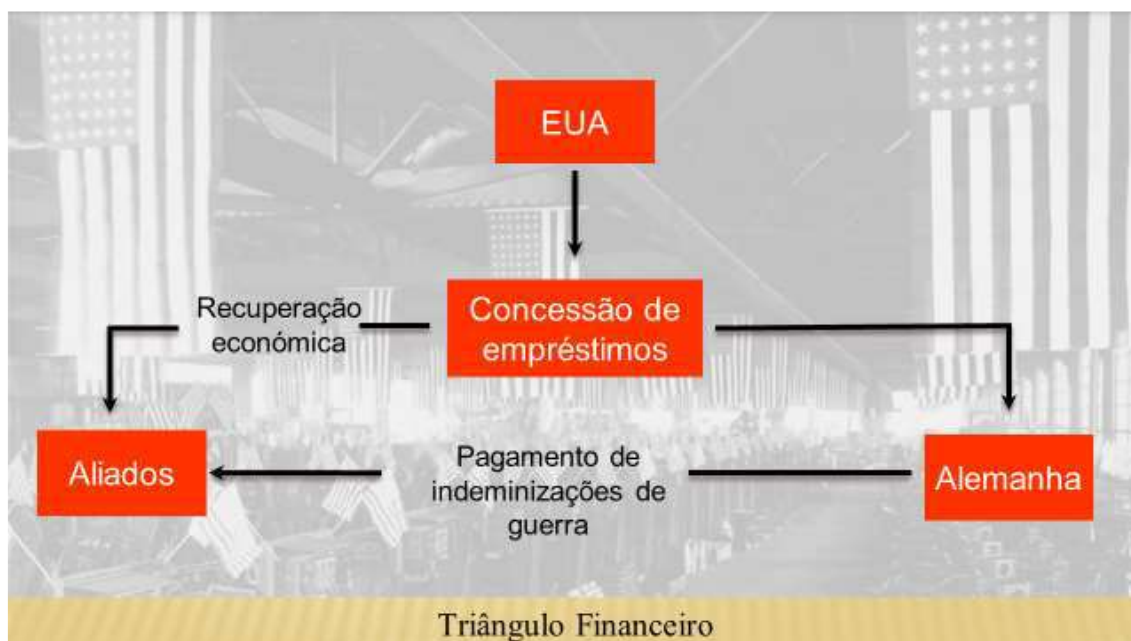


Figura 17 – PWP: Esquema Concetual sobre o Triângulo Financeiro

Pedimos aos alunos para realizarem a pergunta 1 da pág. 37 do manual, referente às consequências económicas da I Guerra Mundial para a Europa. Toca para o intervalo de 5 minutos, e acaba a aula referindo que corrigíamos o exercício nos outros 50 minutos depois do intervalo.

Esta aula começa logo a seguir depois do intervalo de 5 minutos, que os alunos dissidiram prolongar por mais 10, e quando entraram, fizeram-no muito calmamente, sem grandes pressas, Obrigando-nos a chamar-lhes outra vez a atenção. Começámos então os últimos 50 min, pela correção da pergunta que há minutos tinha sido solicitada, a Íris oralmente disse a sua resposta, resposta essa que estava certa.

Fizemos com os alunos um resumo oral, da aula tida antes do intervalo, perguntando, o que tinha acontecido aos países da Europa com o fim da guerra, e qual era o país que estava agora a emergir como potência mundial. Os alunos foram participativos respondendo corretamente.

Explicámos que com o desenvolvimento industrial americano, as empresas procuraram controlar o volume de produção, os preços e os mercados, estabelecendo monopólios empresariais, explicando o que eram, pois os alunos não sabiam. Referimos que era um sistema de organização empresarial no qual uma empresa controla o mercado de um ou mais produtos.

Continuámos dizendo que para garantir uma maior produtividade, foi essencial o desenvolvimento de novos métodos de produção e de organização do trabalho, através da utilização mais eficaz de máquinas e do trabalho dos operários. Foi aqui que introduzimos o conceito de Taylorismo (falando no seu fundador), apoiando-nos num PWP²².

Analisámos o PWP em conjunto, enquanto iam aparecendo as características do taylorismo, os alunos eram questionados, exemplo, aparecia produção em massa, e os alunos tentavam explicar o que era, assim o docente não fala tanto, e por conseguinte os alunos participam na aula, dizendo eles a resposta, completando o professor sempre que for necessário.

Referimos que houve um empresário americano que aplicou este modelo do Taylorismo, à sua indústria automóvel, o André disse que foi o Henry Ford, perguntando se era o fundador dos carros. Aprovámos a sua a resposta e referimos que era precisamente o fundador da marca de carros Ford. Prosseguimos explicando que ele aplicou o modelo do Taylorismo, combinando-o com a estandardização da produção que consistia no fabrico em série de peças uniformizadas, isto é, grandes quantidades de peças iguais e que este sistema ficou conhecido como Fordismo.

Para os alunos perceberem como funcionavam as fábricas desta altura, mostrámos um vídeo do Youtube, um excerto de um filme do Charlie Chaplin “*Modern Times*”²³, que apesar de ser uma representação algo exagerada (pois é uma sátira), explica bem o ambiente de trabalho daquele tempo.

Enquanto o vídeo se reproduzia, salientávamos aspetos importantes, tais como, os tapetes rolantes que ajudavam as peças a avançarem com rapidez, peças estas que são todas iguais ou seja eram uniformizadas. Também dissemos para eles repararem que o operário não tem que se movimentar muito e que cada operário fazia uma função (aspetos presentes no vídeo).

Depois do vídeo explicámos que estes novos métodos aplicados à indústria, permitiram reduzir os custos e aumentar a produtividade, este taylorismo e fordismo permitiram melhorar a indústria americana, o trabalho em cadeia e a estandardização da produção contribuíram em larga escala para a hegemonia económica dos E.U.A.

²² Ver anexo 24.

²³ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=6n9ESFJTnHs>.

Posto isto perguntámos aos alunos se eles achavam que esta prosperidade económica dos anos 20 nos E.U.A., foi acompanhada de algumas fragilidades. Os alunos disseram que sim, mas não conseguiram completar. Então explicámos que este desenvolvimento económico não se deu em todos os setores da indústria, pedindo para eles olharem para os documentos do livro da página 39, e dizerem que setores é que houve prosperidade. A Íris refere automóvel e o Daniel Pereira refere construção civil.

Perguntando como é que no doc. 3²⁴ percebemos que se preocupavam com os custos da produção, a Marlym refere que só faziam carros da cor preta, para não terem mais custos, a resposta estava certa, seguidamente olhando para o doc. 5²⁵, referimos que se notava bem a produção de aço, que posteriormente era empregue na construção civil, mais propriamente na construção de edifícios.

Explicámos que a situação económica também teve fragilidades, através de tópicos presentes no manual na pág. 38, referindo que muitas pessoas investiram o dinheiro em ações e não em atividades produtivas. Perguntámos aos alunos o que eram ações, estes souberam responder.

Explicámos que o problema de investir em ações, é se por exemplo se investe em ações de uma empresa e ela falir, o dinheiro investido é todo perdido. Na brincadeira deu-se o exemplo de ser impensável investir em ações no Sporting, visto que o clube está em crise, seguiu-se de risos da turma. Continuámos dizendo que investir em ações fez, com que as pessoas acabassem por se endividar; e se as pessoas se endividavam, o que acontecia perguntámos aos alunos, e o Daniel Dias refere que não consumiam os produtos.

De seguida referimos que houve uma produção em massa, os alunos não perceberam então explicámos que houve uma grande produção de produtos, e isso fazia a acumulação desses mesmos produtos, sem que as pessoas pudessem comprá-los.

Explicámos ainda que, com algumas melhorias na Europa, por exemplo com restabelecimento da produção de cereais, os países europeus deixaram de recorrer à compra de cereais norte-americanos, e isto levou à falência de muitos agricultores.

²⁴ Ver anexo 25.

²⁵ Vide anexo 26.

Demos aos alunos uma ponte para a crise americana de 29, referindo que algumas destas fragilidades vão provocar a crise de Wall Street, pois a dependência do mundo em relação aos E.U.A. era tão grande, que a maior parte dos países sentiu direta ou indiretamente esta crise nas suas economias.



Figura 18 – PWP: Concorrência Internacional

Para finalizar a aula, projetámos um PWP, como forma de resumo do que já tínhamos falado, e com vista, a análise, tendo que ver também, com a concorrência internacional, pois não só os E.U.A., mas também a Austrália, Nova Zelândia, e Canadá surgiam com economias emergentes a nível mundial, e que as medidas protecionistas dos vários estados levaram a que houvesse um clima de tensão entre as novas e velhas potências industriais.

Pedimos aos alunos para fazerem a pergunta 1 da pág. 39 do manual, que correspondia à organização industrial e da produção, que justificaram o desenvolvimento industrial dos E.U.A. Decidimos então na altura da correção chamar o Gonçalo (elemento perturbador) para responder à pergunta, como ele não fez, levou o caderno do Josemar e escreveu a resposta do colega no quadro. Esta foi a solução que arranjámos para pôr o aluno a fazer algo de útil, visto que nunca faz as tarefas pedidas. Conseguimos corrigir, instantes antes do toque final.

Fazendo uma análise das duas aulas, referir que analisámos muitos documentos, e estes como refere Monteiro (2017, p.248), servem de “elemento motivador e adequado a uma participação ativa e eficaz dos alunos, na aula”, sendo isto, o que aconteceu, pois os alunos participaram bastante e bem. Conseguimos também abordar temas atuais, que

a nosso ver numa aula de história é bastante importante, pois pode-se fazer uma ponte entre o passado e o futuro.

A receção dos alunos ao vídeo fez-se de uma maneira positiva, estes gostaram bastante achando piada ao Charlie Chaplin, os meios audiovisuais podem ser bastante importantes na captação e também na compreensão da matéria por parte dos alunos, sendo esta uma boa ferramenta que o professor pode usar na sala de aula, pois é didática, assim o meio audiovisual, quando “bem utilizado os níveis de concentração aumentam muitíssimo e os aspetos práticos são de assinalar” (...) “e será um bom instrumento didático” (Monteiro Miguel Corrêa, 2017. p.243).

Conseguimos ser menos expositivos nestas aulas, melhorando assim a prestação e indo ao encontro com o que nos tínhamos proposto, assim os alunos participaram mais na aula, sendo eles elementos ativos da mesma, havendo sempre interação entre alunos e professor, com as constantes perguntas feitas aos discentes e com a sua frequente participação nas tarefas propostas.

6ª Aula Lecionada: 28 de Outubro de 2019

Duração: 50 min.

Sumário: A Rússia czarista

No dia 28 de Outubro de 2019, a aula começou 10 min atrasada, sem os alunos terem culpa, isto porque perdi o barco no Cais do Sodré e quando cheguei ao terminal fluvial do Seixal, não tinha autocarro para me levar até à escola, por isso, tive que correr em tempo record para tentar chegar o mínimo atrasado possível. Telefonei à professora cooperante Adélia Prata, que com toda a simpatia (como já é habitual) disse para me acalmar e que ia encarregar-se de dar aos alunos o sumário, e analisar o doc. 4 (como estava na planificação), e que quando chegasse continuava com a aula. Quando cheguei a professora tinha acabado de ditar o sumário, pelo que felizmente os alunos não perderam muito tempo da aula.

Posto isto, pedimos aos alunos para analisar o doc. 4 da pág. 41 do manual, uma caricatura relativa às características da sociedade russa antes das revoluções. Aqui o objetivo era que os alunos reconhecessem esta pirâmide social do absolutismo, matéria que eles já deveriam saber. Os alunos não conseguiram chegar ao absolutismo, mas alguns referiram que era uma sociedade estratificada, em que o povo trabalhava para o czar, nobreza e clero. Perguntámos qual foi o país que estudaram onde o Absolutismo se destacou mais e que eles conheciam, depois de várias tentativas disseram acertadamente

França. De seguida pedimos para os discentes referirem que monarca francês se destacou como o expoente máximo do Absolutismo, o Daniel Pereira disse Luís XV, referimos que também ele tinha sido um monarca absolutista, mas que o principal rei absolutista foi o seu antecessor Luís XIV. Como havia frases russas, aproveitámos o facto de termos um aluno de nacionalidade ucraniana, para pedir a tradução (pois ele sabia russo), no entanto, o aluno não o fez.



(4) Caricatura relativa às características da sociedade russa antes da revolução. Tradução a partir de cima: nós reinamos; nós rezamos por ti; nós julgamos-te; nós defendemos-te; nós alimentamos-te; e tu trabalhas.

Figura 19 – Caricatura relativa às características da sociedade russa antes da revolução

Apresentámos um PWP, com a imagem do czar Nicolau II, e referimos que também este rei era absolutista, pois detinha em si todos os poderes, introduzindo o conceito de autocracia, explicando que é uma forma de governo na qual há um único detentor do poder que exerce uma autoridade absoluta em todos os níveis. Prossequimos referindo que no início do séc. XX no império russo existe um clima de instabilidade originado pela crise e atraso quer social quer económico do país, e que na Rússia há um governo, no entanto, os seus membros são escolhidos pelo czar.

Para reforçar a desigualdade social, projetámos uma imagem, em que se vê o povo a sustentar as classes privilegiadas, enquanto estas o chicoteiam, pedindo aos alunos para a analisarem, pedido que eles corretamente o fizeram. De seguida explicámos que a sociedade estava dividida entre uma aristocracia fundiária proprietária de terras, uma igreja ortodoxa (explicando o que era, pois os alunos não sabiam), que fazia uma propaganda a

favor do czar, e um campesinato e operariado que sobreviviam às duríssimas condições de vida.

Dissemos ainda que havia uma burguesia em ascensão, que apoiava uma reforma do governo, ao que o Daniel Pereira começou logo a falar no comunismo e socialismo, tendo que por um “travão”. Este aluno é o típico aluno que sabe muita coisa e claramente está à frente dos seus colegas e gosta de se sobrepor a eles.

Explicámos como era a Rússia economicamente, referimos a agricultura, que ocupava mais de 80% da população, vivendo esta em condições terríveis tirando poucos rendimentos da terra, com a agravante de terem que pagar impostos avultados. A atrasada economia rural via-se por exemplo, na utilização de utensílios muito rudimentares e antiquados.

Já na indústria, explicámos que começou muito tarde, só no final do séc. XIX, por isso, quer a burguesia, quer os operários antes da Primeira Guerra Mundial, eram grupos pouco relevantes e que os poucos operários que existiam eram explorados, trabalhando mais de 12 horas por dia, num ambiente onde ocorriam muitos acidentes. Dissemos que na Rússia não havia sindicatos, que os alunos prontamente responderam que serviam para proteger os trabalhadores. Comercialmente apenas referimos que com uma agricultura e uma indústria pouco desenvolvidas o comércio era pouco dinâmico.

Perguntámos à turma como o povo reagiu em relação às deficientes condições de vida. O André disse uma greve, e o Josemar completou com uma manifestação. Aceitando as duas respostas, pedimos para os alunos olharem para o doc. 5 da pág. 41. O documento retratava o massacre do Domingo Sangrento, que foi analisado pelo Daniel Pereira.



(5) A 19 de janeiro de 1905 as tropas do czar abriram fogo, matando dezenas de manifestantes que pediam melhores condições de vida. A notícia deste massacre, que ficou conhecido como «Domingo Sangrento», aumentou a instabilidade social com a eclosão de tumultos e greves por toda a Rússia.

Figura 20 - Imagem alusiva ao Domingo Sangrento

(3) O que pediam os trabalhadores?

«Nós, os operários da cidade de São Petersburgo, nossas mulheres, nossos filhos e nossos velhos pais inválidos, viemos a Vossa Majestade, procurar justiça e proteção. Caímos na miséria, oprimem-nos, sobrecarregam-nos de trabalho, insultam-nos [...]. Somos tratados como escravos, que devem aguentar pacientemente o seu amargo destino e calar! [...]

O nosso primeiro pedido era que os nossos patrões examinassem connosco as nossas necessidades; mas mesmo isso nos foi recusado, recusaram-nos o direito de falar das nossas necessidades, achando que a lei não nos reconhece esse direito.»

Petição dos Operários ao Czar, 1905

Figura 21 – Doc. da petição dos Operários ao Czar, 1905

Depois de o aluno ter analisado (e muito bem) o documento, acrescentámos que o povo saiu à rua pacificamente em Janeiro de 1905 na cidade de São Petersburgo, desesperados os milhares de camponeses e operários pretendem entregar ao czar Nicolau II, uma petição. Olhando para o doc. 3 da pág. 41 onde estava precisamente presente esta petição, pedimos a voluntários para ler, o Daniel Folgado, ofereceu-se. Após a leitura do texto, perguntámos o que o povo pedia nesta petição, o João, referiu que imploram pelos seus direitos como pessoas e como trabalhadores, e a Íris acrescentou, que pediam justiça e proteção contra os abusos dos patrões capitalistas. Ficámos surpreendidos pela intervenção do João (dando o reforço positivo) e obviamente satisfeitos, apenas acrescentámos que pediam justiça contra a opressão dos burocratas da administração que os mantinham na miséria.

Explicámos que quando a multidão chega ao Palácio de Inverno, as tropas do czar abrem fogo, e muitos inocentes morrem, incluindo crianças, este massacre ficou conhecido como o domingo sangrento, e que isto quebrou a pouca confiança que o povo tinha no czar abrindo caminho a uma sucessão de greves e manifestações.

Prosseguimos referindo que face a estes acontecimentos, o czar Nicolau II é obrigado então a fazer algumas concessões ao povo, referi as medidas concedidas pelo czar, com o auxílio do PWP, em que estava presente a autorização para a formação de partidos políticos e a criação da Duma. Perguntámos então aos alunos se sabiam o que era a Duma, como não sabiam, dissemos que era o parlamento russo, explicando que era uma assembleia onde se fazia crer que existia um regime mais liberal, e que assim Nicolau II fazia uma reforma do sistema político.

Pedimos a opinião dos alunos no que toca às condições do povo se tinham ou não melhorado, estes referiram que não, acrescentámos então, que ultrapassada a agitação popular, depressa o czar e a aristocracia continuaram a dominar politicamente.

Explicámos que a Duma de pouco ou nada serviu, isto porque era o czar que escolhia o governo que entendesse, era ele que decidia a paz ou a guerra, era ele próprio que fazia as leis sem consultar a Duma, e chegou a dissolver a Duma quando as decisões não lhe agradavam. Continuámos referindo que as classes populares depressa perceberam que tinham sido enganadas, pois não lhes viram garantidas as condições de trabalho, nem as condições políticas melhoraram.

Perguntámos à Marlym (pois num momento anterior tinha referido a guerra civil e revolução), então por que caminho é que o povo iria recorrer, e ela disse guerra civil, com isto dissemos que ia haver duas revoluções na Rússia, que iríamos ver na próxima aula.

De seguida pedimos para os alunos observarem para o manual nas páginas 40 e 41 e referirem que outro evento fez aumentar o descontentamento social, o Josemar referiu a guerra com o Japão, questionando o aluno, o porquê de haver um descontentamento da população russa no decorrer dessa guerra. O aluno disse que não sabia, e quem responde é a Íris dizendo que a Rússia sai humilhada, perdendo territórios, e foi obrigada a pedir empréstimos ao estrangeiro, para reequipar a sua marinha. Demos a resposta como certa, transpassando isso à aluna.

Dito isto, explicámos o acontecimento que foi a gota de água, que levou a Rússia à guerra interna, sendo que o Daniel Pereira antes da explicação refere que foi a Primeira Guerra Mundial, com isto, explicámos que essa participação na guerra acelerou uma Revolução, que à partida já era inevitável. Continuando com a explicação da participação da Rússia na guerra, referimos que como todos os países, também a Rússia pensou que

esta guerra se resolveria numa questão de meses, e que não fosse tão destruidora como acabou por ser. Referimos que a guerra até poderia ser bem vista, pois a Rússia tinha aliados fortes, o que dava mais esperança de uma vitória, mas que depressa a população percebeu que a Rússia não estava preparada para a guerra, nem militarmente, nem politicamente e nem industrialmente.

Finalizámos a parte explicativa da aula, dizendo que com o exército reduzido e pouco organizado, depressa chegaram as derrotas e as perdas territoriais do seu império do ocidente, o esforço dessa participação na economia russa, as sucessivas derrotas do exército e as enormes perdas humanas muitas causadas pela fome, aumentaram ainda mais a contestação popular contra o czar e encaminharam a Rússia para a revolução de 1917.

Antes de acabar a aula, pedimos aos alunos, para fazerem o exercício 1 da pág.41, que visava a caracterização política e económica da Rússia czarista, onde os alunos para além do que se explicou na aula, deveriam ler e estar atentos aos documentos observados durante a mesma, para assim fazerem a resposta. Os alunos aderiram bem ao exercício e completaram-no.

Houve um incidente enquanto estava a responder a dúvidas, parece que a Íris levantou o dedo do meio a um colega, eu como estava a circular pela sala para tirar dúvidas não vi, no entanto vários alunos se queixaram. Repreendemos imediatamente a aluna pois não são atitudes para se ter em lugar nenhum, muito menos em uma sala de aula, e ainda referimos que isso dá direito a falta disciplinar. A aluna pediu desculpa. Nisto toca para o fim da aula e não conseguimos corrigir a pergunta, dissemos aos alunos que corrigíamos na próxima aula e que quem não concluiu tinha oportunidade de o fazer em casa.

Ficámos contentes com esta aula no sentido em que os alunos estiveram concentrados, gostámos da intervenção de alguns alunos desestabilizadores, o caso do João Seixas e do Daniel Folgado, este que até já teve uma falta disciplinar logo no início do período.

Tenho que ter mais atenção, pois não posso chegar atrasado às aulas e fazer os alunos esperar, pois se os professores insistem tanto para que os alunos respeitem a assiduidade, os professores não podem dar o exemplo contrário. Outra situação que professor deve ter em atenção é o facto de quando está com um aluno a esclarecer dúvidas,

ter noção do que o resto da turma está a fazer, para evitar situações, como este caso da Íris.

7ª e 8ª Aulas Lecionadas: 30 de Outubro de 2019

Duração: 50 min. + 50 min.

Sumário: A Revolução Russa de 1917. A Implantação do Regime Comunista na Rússia

No dia 30 de Outubro de 2019, previamente a professora Adélia avisou que ia chegar um pouco mais tarde, mas para dar início à aula de forma natural. No entanto à hora do começo da aula, apenas uma aluna se encontrava na sala, os restantes alunos foram entrando, muito barulhentos e de forma pouco ordenada.

Percebendo que a professora Adélia não se encontrava na sala, os alunos pensavam que podiam estar à vontade e estar descontraídos. Foram chamados seriamente à atenção, havendo separações de lugares, os alunos ficaram um pouco admirados com esta minha atitude, pois não estavam acostumados a eu ser assim “mais agressivo”, mas a verdade é que resultou e conseguimos iniciar a aula. Depois de toda a agitação os alunos finalmente escreveram o sumário, que corresponde ao Domínio: *A Europa e o mundo no limiar do séc. XX*.

Começámos então a aula com a correção do exercício que tinha ficado por corrigir na aula anterior, relativamente à política e economia da Rússia czarista. Pedimos ao Daniel Dias para ler a sua resposta, a turma voltou outra vez ao mau comportamento e não se percebeu nada do que o Daniel leu. Pedimos então a quem estava a falar para ler a sua resposta, e os 4 distraídos não tinham feito ou completado o trabalho, depois de serem repreendidos, foram avisados que iriam ter falta e que senão quisessem estar ali iam ser convidados a saírem da sala de aula. Os alunos acalmaram-se e conseguimos prosseguir,

Entretanto com a professora Adélia na sala, os alunos acalmaram-se por completo, como já estávamos atrasados devido a estes distúrbios, apenas pedimos para 2 alunos lerem as suas respostas, não pedindo para escreverem no quadro, para conseguir avançar com a matéria, pois a aula é de 50 min e quase 20 já tinham passado.

Através de um PWP esquemático, analisámos juntos as causas da Revolução de Fevereiro de 1917, a turma reagiu bem, referindo alguns pontos-chave, como a entrada da Rússia na 1ª Guerra, que agravou a situação económica e social, aumentando assim os

preços e por sua vez houve cada vez menos alimentos, e isso levou ao descontentamento da população e a greves e manifestações.

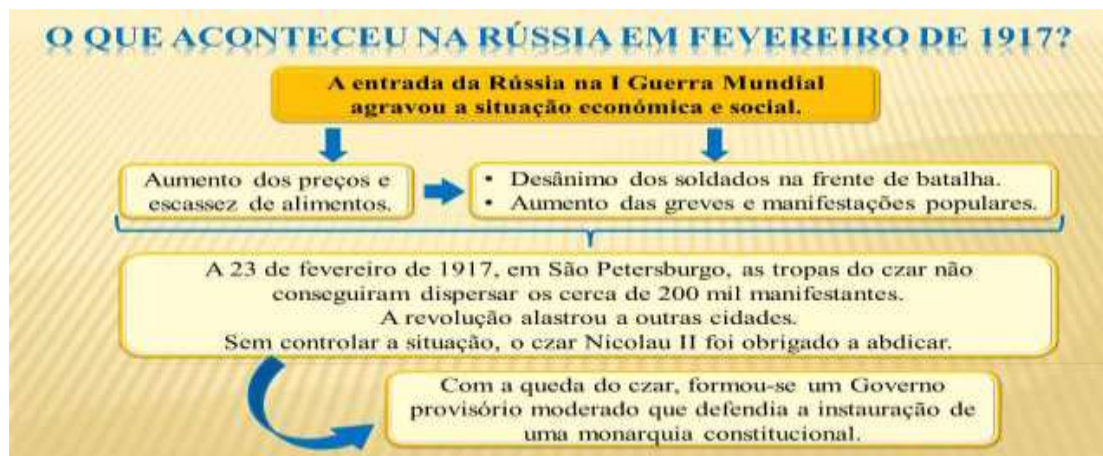


Figura 22 – PWP: As causas da Revolução de Fevereiro

Posto isto explicámos que, em fevereiro de 1917 inicia-se na cidade de Petrogrado, hoje Sampetersburgo, a revolução que ditou o fim do czarismo, e que ficou conhecida como a Revolução de Fevereiro, onde camponeses, operários e soldados que se recusavam a obedecer às ordens dos superiores e do czar, manifestavam-se debatendo propostas de mudança reunidos em soviets. Introduzimos e explicámos este conceito, referindo que eram assembleias populares. Dissemos que a Revolução de Fevereiro também ficou conhecida como a revolução burguesa, pois muitos dos participantes faziam parte da burguesia, referindo, que esta gente reivindicava o fim da fome, e das degradantes condições de vida e de trabalho.

Referimos que os manifestantes aproveitaram a ausência do czar Nicolau II, que tinha ido visitar as tropas na frente de batalha, para se unirem em protesto contra o poder político, enfrentaram as tropas do czar que informado do que estava a acontecer, pede para os militares acabarem com os tumultos, ordem que os soldados se recusaram, não disparando contra a multidão, e revoltando-se contra os seus superiores, juntando-se assim à população manifestante. Posto isto o czar foi obrigado a abdicar do poder, referimos que não tinha sucessores, pois o filho tinha uma doença e era frágil, e o irmão mais novo do czar ao ver as manifestações recusou-se a subir ao poder, acabando assim o regime czarista na Rússia que já durava desde o séc. XVI.

Continuámos explicando que os manifestantes queriam um regime liberal burguês e que o poder foi então assumido por um sistema de poder dual na Rússia, com a formação de um Governo Provisório, e o Soviete de Petrogrado. Sendo que o primeiro era liderado

por Lvov e depois por Kerensky, (mostrando fotos dos dois), este último que era um socialista moderado. O Soviete de Petrogrado era liderado por operários, soldados e intelectuais. Este Governo Provisório apesar de não conseguir entendimentos com o Soviete de Petrogrado, conseguiram chegar a acordos, e tomaram várias medidas para instaurar uma democracia parlamentar e aproximar a Rússia dos outros estados liberais.

Apresentámos um PWP²⁶ com as medidas do Governo Provisório, que analisámos juntamente com os alunos, perguntámos o que queria dizer amnistia, mas os alunos não conseguiram explicar o seu significado. Não lhes dando logo a resposta, mas sim pistas, para lá chegarem, conseguindo os alunos perceber que a palavra referia-se ao perdão aos presos políticos e exilados. Referimos que o objetivo deste Governo Provisório era organizar a vida pública na Rússia, manter a unidade do país e criar uma Assembleia Constituinte.

Prosseguimos com a explicação, sobre o governo, que teve medidas moderadas, aos olhos dos opositores que eram mais radicais, dissemos também que a opção de manter a Rússia na guerra e as dificuldades de gerir os graves problemas económicos existentes no país debilitaram a aceitação política do governo provisório, pois a pobreza e a fome que propagavam um pouco por todo o território eram uma realidade difícil de ignorar.

Foi nesta altura que falámos nas duas fações os mencheviques mais moderados que apoiavam o governo provisório, e os bolcheviques que eram mais radicais e apoiavam o Soviete de Petrogrado, escrevendo no quadro os respetivos nomes.

Finalizando a explicação da Revolução de Fevereiro e referindo os intervenientes, voltámo-nos para a Revolução de Outubro, começando por dizer que esta fez cair o Governo Provisório.

Dissemos que por toda a Rússia iam surgindo sovietes, que eram assembleias ou concelhos de operários e trabalhadores, que se opunham ao governo provisório maioritariamente burguês, e que estes operários faziam parte dos bolcheviques, a facção radical dos revoltosos russos, estando estes desiludidos com as medidas operadas até então e pretendiam uma revolução mais profunda que aquela que foi a Revolução de fevereiro.

²⁶ Ver anexo 29.

Perguntámos se todos sabiam o que era uma sociedade sem classes, a maioria disse que sim, pedimos a alguém que explicasse, esse foi o Daniel Pereira que respondeu e bem que não havia nobreza nem povo, eram todos iguais.

Pegando na palavra amnistia que momentos antes tínhamos abordado, referimos que houve um exilado político que regressou, e perguntámos aos alunos se sabiam quem era, como ninguém sabia, dissemos para olharem para o manual, e foi aí que o Josemar vendo a foto que lá estava, disse Vladimir Lenine.

Explicámos então que Lenine e Leon Trotsky lideraram a Revolução de Outubro, que se iniciou no dia 25 de Outubro, onde uma milícia de populares bolcheviques ocuparam o palácio de Inverno, e derrubaram o Governo Provisório de Kerenski.

Através de um PWP, analisámos com os alunos o porquê da eclosão da Revolução de Outubro, os discentes disseram que um dos principais motivos foi a permanência da Rússia na Guerra, que só agravava a crise económica, então perguntámos o que isso proporcionou, ao que responderam que houve uma diminuição do apoio ao Governo Provisório, e o aumento dos soviets que eram controlados pelos bolcheviques, continuaram referindo ainda que com a Revolução o Governo Provisório acabou, e quem ficou no poder foi Lenine.



Figura 23 – PWP: O eclodir da Revolução de Outubro

Então explicámos que com o Lenine no poder, há uma alteração de todo o sistema político e económico, dissemos que a medida mais urgente que ele tomou, foi a retirada da Rússia da 1ª Guerra. Pedimos para os alunos lembrarem qual o tratado assinado que fez a Rússia sair da guerra, e aí o Daniel Pereira disse e bem, o Tratado Brest-Litovsk.

Referimos assim que este tratado fez com que a Alemanha ficasse com vários territórios russos, o que levou à contestação dos mencheviques (que eles já não sabiam quem era), tendo que os lembrar, que eram os opositores dos bolcheviques que eram os apoiantes de Lenine que agora estava no poder.

Explicámos de seguida a ação do governo bolchevique, ambicionavam uma ditadura do proletariado e de uma sociedade sem classes, isto é, o comunismo, que era baseado nas ideias de Karl Marx. Dito isto, pedimos aos alunos para lerem o doc. 4²⁷ da pág. 43 do manual, a Íris ofereceu-se para ler, quando acabou pedimos para os alunos escreverem no caderno pelas suas próprias palavras, o que tinham entendido por ditadura do proletariado com a leitura do documento.

Este exercício foi complicado para os alunos, depois de ouvir algumas respostas erradas, decidimos explicar e elaborar uma resposta, para os alunos escreverem no caderno, dissemos então que a ditadura do proletariado era uma nova organização do poder, em que os oprimidos, eram os operários e os camponeses. Estes que assumiam o poder, tornando-se assim a classe dominante, acabando assim com o favorecimento que era dado aos ricos, fazendo com que o proletariado tivesse o controlo político. Assim acabavam com o capitalismo que favorecia os ricos, e implementavam o comunismo.

Após esta explicação toca para o intervalo, e acabam os primeiros 50 min da aula, mas não antes de eu os avisar para não chegarem atrasados, pois corriam o risco de levar falta.

Apesar dos constantes avisos, para os alunos chegarem cedo depois do intervalo de 5 min, de pouco ou nada valeram, pois chegaram mais uma vez com cerca de 10 min de atraso, e quando entraram fizeram-no de forma desordeira.

Depois de se acalmarem, recomeçámos a aula sobre a Implantação do Regime Comunista na Rússia. O Daniel Pereira faz uma pergunta sobre o facto da destruição do museu do Salazar. Ficámos bastante espantados com a pergunta, no entanto referimos,

²⁷ Ver anexo 30.

que o Estado Novo fez parte da história de Portugal, e que por isso não deveria de ser apagado da memória. Explicámos ainda que o museu poderia existir, desde que não seja para culto a Salazar, mas sim precisamente para lembrar às pessoas o que foi a ditadura portuguesa do Estado Novo. O aluno ainda disse que o Salazar deixou o país bem economicamente, referimos que nada pode justificar uma ditadura, e que Portugal ficou muito atrasado em relação aos outros países da Europa, pois tal como a Rússia (aproveitando e pegando na matéria da aula), não havia comércio externo e era tudo nacionalizado.

Referimos que com a saída da guerra, o novo governo centrou-se na nacionalização e na centralização da economia, para isto expropriou, os grandes proprietários e redistribuiu as suas terras pelos camponeses soviets, aboliu a propriedade privada, através de uma política de nacionalizações, que se estendeu à banca, ao comércio e a grandes empresas e integrou os operários na administração de fábricas também elas agora nacionalizadas.

Continuámos dizendo que houve muito descontentamento de vários setores da população russa, por isso, a política bolchevique desenvolveu-se num clima de governação pela força, enquanto procurava instaurar uma ditadura do proletariado, esta política ficou conhecida como comunismo de guerra. Pedimos aos alunos para escreverem este conceito no caderno, dizendo que foi uma estratégia que tinha o objetivo de organizar todas as forças produtivas do país, no sentido de combater os adversários internos, ou seja, os russos brancos e as tropas de ocupação estrangeira que se opunham ao regime de Lenine, como iríamos ver a seguir.

Pedimos aos alunos para analisarem o doc.1 do manual, onde é visível a miséria que se sentiu na Rússia entre 1921 e 1922. Os educandos referiram que no documento se percebia que foi uma altura em que o povo passou muitas necessidades devido à fome. Continuámos referindo que após a Revolução de Outubro, com o comando do governo bolchevique, gera-se um clima de instabilidade, o caráter radical das medidas decretadas pelo governo liderado por Lenine provocou uma intensa reação por parte de todos que perderam os seus bens. Explicámos que os setores mais conservadores da sociedade que foram os que perderam os seus bens, apoiados por alguns países estrangeiros formaram o exército branco que eram os mencheviques, que se opunham ao exército vermelho, os bolcheviques. Estando assim instalado um processo contrarrevolucionário, que acabou

por originar uma guerra civil que se prolongou por 2 anos provocando cerca de 12 milhões de mortos.

Os alunos confundiram-se muito entre os bolcheviques e os mencheviques, como sabíamos que o Daniel Pereira tinha percebido, pedimos-lhe para explicar à turma, o aluno explicou e os seus colegas disseram que tinham percebido, dissemos que esta matéria era um pouco mais complicada, e por isso, os alunos tinham que a estudar bem para o teste.

Prosseguimos referindo, que a Rússia encontrava-se então dividida, de um lado estão os apoiantes do anterior regime, os mencheviques e o seu exército branco, do outro lado encontram-se os defensores do socialismo os bolcheviques correspondentes ao exército vermelho.

Explicámos que a guerra civil provoca um agravamento financeiro no país, Lenine adota um conjunto de medidas extremamente radicais as quais se denominam comunismo de guerra, e que duraram até ao final da guerra civil. Projetámos um PWP com as medidas do comunismo de guerra²⁸ e pedimos aos alunos para o analisarem.

A Marlym disse que consistia em acabar com a propriedade privada, perguntámos o que isso queria dizer, a aluna referiu que as propriedades passavam a ser do estado, completámos dizendo, que eram então nacionalizadas, que era o estado que decidia o que se produzia, e que parte da produção agrícola deveria de ser entregue ao estado para alimentar o exército vermelho.

A aluna prosseguiu referindo, a proibição de todos os partidos políticos, à exceção do partido do governo e criar uma polícia política a Tcheca. Referimos que esta polícia era um corpo militar, perguntando à turma qual era a sua função, o Daniel Pereira refere que a função era eliminar qualquer oposição ao governo, completámos dizendo, que esta polícia perseguia, torturava e matava todos os adversários. Para finalizar também referimos que se criou a censura.

Como o PWP tinha imagens com legendas russas, tentámos de novo que o aluno de nacionalidade ucraniana, que não sabe bem falar português traduzisse aquelas letras em inglês, no entanto, o aluno só lia em russo e pouco traduziu.

²⁸ Ver anexo 32.

Em forma de resumo dissemos que o comunismo de guerra foram medidas que Lenine tomou para ajudar o exército vermelho a sair vitorioso, sendo uma estratégia que tinha o objetivo de organizar todas as forças produtivas do país, no sentido de combater os adversários internos, ou seja, os russos brancos e as tropas de ocupação estrangeira. Explicámos ainda o porquê dos países como o Reino Unido ou a França não concordarem com as políticas dos bolcheviques.

Questionámos então os alunos, sobre as reações ao comunismo de guerra por parte da população, o Jason apenas disse que a população não aceitou, completámos dizendo que o comunismo de guerra encontrou grande oposição por parte da população, que reduziu drasticamente a produção agrícola, destruindo as colheitas para não terem que as entregar ao estado, e os agricultores cultivavam apenas o necessário para consumo próprio. Isto levou a uma paralisação quase total da economia, demos o exemplo de ter aumentado imenso a inflação, que até deixou de haver moeda. Dissemos ainda que apesar do comunismo de guerra, os bolcheviques venceram a guerra civil em 1921 derrotando os mencheviques.

Pedimos a opinião dos alunos, sobre o facto de haver ou não, alguma medida que Lenine tenha tomado para conseguir remediar esta situação. O Daniel Pereira disse a NEP, perguntámos o que era a NEP, e ele respondeu que foi uma medida económica que veio depois do comunismo de guerra. Demos o reforço positivo, e completámos referindo que a ruína económica gerada pelo comunismo de guerra obrigou Lenine a mudar de estratégia, permitindo uma momentânea abertura à economia capitalista mais liberal. Assim começou o NEP, a Nova Política Económica em 1921.

Pedimos de seguida aos alunos para olharem para o doc.²⁹, da pág. 44 do manual onde estão dados da produção agrícola e industrial na Rússia nos anos de 1913, 1920 e 1925, e perguntámos se eles achavam que a NEP tinha resultado. Os alunos não conseguiram interpretar o documento. Então perguntámos sobre as respetivas datas, o André disse que era antes e depois da guerra civil.

Com isto perguntámos à turma o que nos transmitia o documento, se houve ou não uma maior produção agrícola e industrial. Os alunos conseguiram chegar à resposta dizendo que nos anos em que houve a guerra civil e enquanto foi implementado o comunismo de guerra, a produção agrícola e industrial baixou, e que desde que a NEP foi

²⁹ Ver nexo 33.

implementada houve uma melhoria na produção. Depois de termos dado o reforço positivo aos alunos, projetámos um PWP com as medidas da NEP, referindo que Lenine abre a porta à iniciativa privada tanto na exploração agrícola como na produção industrial, e que permitiu a entrada de capitais e de técnicos estrangeiros, autorizando também aos camponeses a venderem parte dos seus excedentes, ou seja, a livre iniciativa, com isto, o dinheiro voltava a circular na Rússia assim como os trabalhadores assalariados.



Figura 24 - PWP: As medidas da NEP

Finalizando esta parte da NEP, referimos que as suas medidas surtiram o efeito desejado, pois conseguiram recuperar a economia para os níveis que existiam antes da 1ª Guerra Mundial, e que esta nova política económica prolongou-se até 1928. Referimos também que surgiu um novo grupo constituído por camponeses ricos, os Kulaks e um novo grupo de homens de negócio os Nepmen.

Explicámos que estabilizada a situação política, Lenine em 1922 cria a nova constituição que oficializou a formação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, a URSS, dizendo que esta tornou-se numa extensa área unida pelo mesmo regime político e económico sendo o centro ideológico bolchevique do mundo. Dissemos ainda que com a morte de Lenine é Estaline que sobe ao poder, em 1924, fazendo com que a Rússia fosse a segunda economia mundial, e de uma ditadura do proletariado, passamos para uma ditadura totalitária.

Para finalizar a aula, fizemos ver aos alunos que o triunfo da Revolução Soviética espalhou-se pelo mundo, provocando uma onda revolucionária, em países como França,

Reino Unido e em Itália, onde houve uma grande agitação social, com várias greves e ocupação de fábricas. Pedimos aos alunos para nos dizerem em que países se viu a influência da Revolução Soviética, com base no manual, os alunos disseram Alemanha e China. Referimos que na Alemanha houve uma agitação maior, com uma revolução violenta, com o objetivo de estabelecer um governo socialista, no entanto, as forças do governo alemão conseguiram acabar com estes movimentos revolucionários. E na China a revolução soviética também teve fortes influências, em 1921 dá-se a fundação do Partido Comunista Chinês, que ainda hoje está no poder.

Posto isto pedimos para os alunos fazerem a pergunta 1 da pág. 45 do manual, que se referia à participação estrangeira durante a guerra civil russa. Os alunos cumpriram o exercício, tivemos apenas que chamar a atenção ao Gonçalo que estava a dormir, coisa que começa a ser frequente, e da Iris que estava distraída com o livro de ciências, pois a seguir iriam ter teste. O exercício foi corrigido no quadro.

Estas duas aulas foram bastante difíceis, pois não houve a colaboração dos alunos, principalmente na primeira, pois estavam muito desatentos, tivemos que interromper frequentemente para chamar a atenção. Tentamos sempre puxar pelos alunos, no entanto, são sempre os mesmos a intervir, quando fazemos uma pergunta a um aluno menos interventivo, respondem sempre a medo, ou simplesmente dizem que não sabem. Por isso, na correção das perguntas que fazemos no quadro, pedimos sempre a intervenção desses alunos mais introvertidos, para conseguirem assim participar na aula.

De referir que nestas aulas temos optado por fazer as correções em conjunto no quadro, dando oportunidade aos alunos para escreverem a sua resposta, com isto, pretendemos que os alunos comentem as respostas dos colegas, conseguindo envolver todos os alunos na correção, pois de forma geral os alunos participam. Conseguimos assim respostas mais completas, pois cada aluno contribuiu com a sua parte.

9ª Aula Lecionada: 4 de Novembro de 2019

Duração: 50 min.

Sumário: Os Loucos anos 20.

No dia 4 de Novembro de 2019, às 9 e 15, os alunos estavam à porta da sala, no entanto não entravam, pois a professora de Inglês demorou algum tempo a sair, e por isso, a aula não começou a horas, pois a docente já saiu depois do toque, o que fez com que alguns alunos saíssem de ao pé da sala e fossem passear, atrasando-se ainda mais. Já com

os alunos sentados e com a presença da professora cooperante Adélia Prata demos início à nona lição, começando como habitualmente por ditar o sumário.

Começámos por perguntar aos alunos, se o clima que se vivia antes da Primeira Guerra Mundial era positivo ou negativo, sendo as respostas divididas. Então explicámos que na viragem do séc. XIX para o séc. XX, viveu-se a Belle Époque, onde o crescimento económico conciliado com o crescimento industrial marcou este período. A burguesia em crescimento desde os primeiros tempos da industrialização, adquire protagonismo na sociedade, vive um quotidiano luxuoso e gosta de se exhibir em público, na rua, nas festas e em espetáculos, ao mesmo tempo que explicávamos, projetámos uma imagem³⁰, onde se pode ver a burguesia bem vestida.

Perguntámos então aos alunos quando é que este período da Belle Époque acabava, demorando algum tempo, acabaram por responder, na Primeira Guerra Mundial, com isto referimos que a guerra colocou em suspenso todo o clima positivo que se vivia, e perguntámos o porquê de utilizarmos a palavra suspenso, ao que os discentes responderam que o clima positivo tinha acabado, resposta errada, pois, não tinha acabado, apenas houve uma interrupção, voltando logo a seguir à guerra na década de 20.

Posto isto, pedimos aos alunos para olharem para o doc. 3³¹ da página 47 do manual, que tinha que ver com a sociedade do pós guerra. Em vez de perguntar quem queria ler, pedimos à Jéssica para ler, evitando ser sempre os mesmos a intervir, e dando lugar a esta aluna, que apesar de não ser das melhores é bastante esforçada. Depois de a aluna ler, os alunos perceberam então o porquê de termos dito a palavra suspenso, o Daniel Pereira referiu que depois da guerra este ambiente positivo voltou e com novas tecnologias.

Explicámos então, que entre finais do séc. XIX, e o após 1ª Guerra Mundial, sentiu-se uma diminuição das desigualdades sociais, perguntando o que isto queria dizer, os alunos disseram que aumentava a diferença entre ricos e pobres, o que é precisamente o contrário, pois a diferença entre ricos e pobres diminui. Continuámos a explicar que aparece uma classe social entre ricos e pobres, o Daniel Pereira disse que era a classe média, depois de dar o reforço positivo, dissemos que esta classe média era agora instruída, perguntando porquê, os alunos referem que tinham mais experiência. Tentámos

³⁰ Ver anexo 35.

³¹ Ver anexo 36.

puxar por eles, pois a resposta estava incompleta, e perguntámos como é que se obtém mais experiência, a Marlym então refere com a educação, nós completámos referindo, a democratização da escola, ficando esta aberta para todos, que também beneficiou da evolução nos métodos de ensino, com o avanço da ciência.

Demos alguns exemplos de profissões de classe média, como funcionários públicos, escriturários, pequenos comerciantes, professores entre outros que ganham um novo estatuto social. Referimos ainda que esta crescente de classes médias foi acompanhado de profundas alterações no código social e moral.

Anos	Medidas legislativas
1891	Pensões de reforma (Alemanha)
1900	Máximo de 11 horas diárias de trabalho (França)
1906	Máximo de 10 horas diárias de trabalho (França)
1911	Lei de seguros nacional (Reino Unido)
1911	Descanso semanal obrigatório ao domingo (Portugal)
1913	Lei dos acidentes de trabalho (Portugal)

(1) Legislação laboral na Europa (1891-1913).

Figura 25 - Doc. relativo à Legislação Laboral na Europa (1891-1913)

Pedimos de seguida aos alunos para analisarem o doc. 1 da pág. 46, referente à legislação laboral na Europa entre 1891-1913. Perguntámos o que se podia concluir ao ver o documento, o Josemar referiu que nota-se que houve uma melhoria para os trabalhadores pois o horário de trabalho foi reduzido na França, dissemos que a resposta estava certa, mas que havia ali mais coisas no documento que podíamos retirar. O André disse que em 1911 passou a ser obrigatório descanso semanal ao domingo em Portugal.

Perguntámos a que trabalhadores se refere o documento, ninguém respondeu, então referimos que eram os trabalhadores das fábricas, ou seja, a classe operária, que também viveu ela um período positivo, passando a beneficiar de melhores condições de vida e de trabalho, proporcionadas pela modernização industrial, e pelas lutas laborais dos sindicatos e dos partidos políticos. Pedimos então aos alunos para dizerem que conquistas importantes é que os movimentos sindicais fizeram, segundo o documento. Os alunos responderam que houve vitórias ao nível da regulação dos horários de trabalho e da proteção social, pedimos exemplos, e mais uma vez houve respostas positivas.

Continuámos a aula explicando que com o desenvolvimento da indústria, e do setor dos serviços, bem como, o desenvolvimento da tecnologia e ciência, que trouxe o desenvolvimento do setor terciário, levou ao crescimento da população urbana.

Os alunos foram questionados quanto ao poder de compra, se tinha aumentado ou diminuído, ninguém respondeu, pedimos para se lembrarem do que leram no doc.3. Com isto já conseguiram responder, dizendo que tinha aumentado, perguntámos ainda sobre as suas vantagens, ao que os alunos responderam, que tornou acessíveis as mais recentes inovações da época. Referimos então que a sociedade de consumo dá os primeiros passos, pedindo aos alunos exemplos, estes olhando para o doc. 3, referiram automóveis, máquinas de fotografar e rádio, ainda demos como exemplo os eletrodomésticos que transformaram a cozinha. Relembrámos que antes da guerra havia um período positivo, com a Belle Époque e depois da guerra, veio outra vez um clima de prosperidade, que se intensificou ainda mais, com o retomar da vida normal, a classe média continuou a frequentar as festas, e a exibir-se em público.

Mostrámos então duas imagens projetadas, contrastadas, numa víamos a guerra, e noutra um clima mais festivo. Perguntámos aos alunos o que eles podiam concluir com as imagens, o André disse que com a guerra houve muito sofrimento e mortes, e depois da guerra, houve mais alegria e festa. Depois de ser dado o reforço positivo, referimos que a Primeira Guerra Mundial e o Pós-Guerra eram mundos completamente diferentes, isto porque depois do sofrimento, lágrimas e morte, o sofrimento deu lugar a alegria e euforia, as lágrimas deram lugar a risos e gargalhadas e a morte dá lugar à vida.



Figura 26 – PWP: Contraste de imagens durante e depois da guerra

Continuámos a explicação dizendo que as transformações económicas e sociais decorrentes da 1ª Guerra Mundial, provocaram profundas mudanças nos valores sociais e morais, isto é, a guerra teve consequências no modo de vida, e na maneira de pensar e sentir da população. Dissemos que a destruição e a morte causadas pela guerra tinham posto em causa muitos dos valores humanos e a sociedade tentou arranjar meios para

apagar esta tragédia do seu dia-a-dia, por isso, houve o desejo de gozar mais a vida, deixando para trás a angústia e os desgostos sofridos durante o conflito, procurava-se agora viver intensamente cada dia, numa época que ficou conhecida como os *Roaring 20's*, ou os Loucos anos 20.

Perguntámos à turma o que é que as pessoas tinham a mais, com a redução de horários de trabalho, e o Jason disse mais tempo livre, acrescentámos que com esse tempo, homens e mulheres frequentam agora os cafés e os salões de baile, onde as noites são animadas pelos sons do recém-criado Jazz e onde se dança o Foxtrot e o Charleston, há por isso um grande desenvolvimento da vida noturna, com a procura dos cabarés, dos *nightclubs* e outras casas de espetáculo. Há uma oferta cada vez maior de locais, para se passar o tempo. Os alunos ficaram muito admirados quando referimos que foram os afro-americanos que inventaram o Jazz, ainda referimos que isto mostra que os negros foram muito importantes na cultura norte-americana.

Perguntámos aos alunos se sabiam quem era Louis Armstrong, que estava presente numa imagem no manual. Os alunos disseram que não, então fomos à plataforma Youtube para observarmos o vídeo da música *What a Worderful World*³², e mal a música começa os alunos conheceram-na e até começaram a cantar. Depois disto, mostrámos ainda um vídeo de duas senhoras a dançarem o Charleston³³, também na plataforma Youtube, onde a reação dos alunos foi bastante positiva, até demais, pois ficaram muito excitados.

Continuámos a aula depois dos alunos se acalmarem, explicando que a vida renovou-se sobretudo nas classes médias das cidades, e em particular junto da população feminina, e que uma das mudanças mais relevantes no início do séc. XX foi precisamente a condição da mulher na sociedade. Perguntámos porquê, os alunos não souberam responder, então perguntámos se as mulheres tinham direitos, a Iris disse que não, e nós completámos, referindo que durante séculos a mulher viveu confinada ao lar, concentrando-se na maternidade, estando sujeita ao seu marido, não tinha direito à propriedade dos seus bens, nem à tutela dos seus filhos, e nem acesso à educação. Mas que com a entrada no mercado de trabalho assalariado, nos finais do séc. XIX, as mulheres passam a ter um novo papel na sociedade e a conseguirem alguma autonomia financeira, contudo no início do séc. XX os direitos políticos e civis não lhe eram permitidos.

³² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CWzrABouyeE>

³³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pUpAcPAipDA&t=4s>

Abordámos os vários movimentos feministas, que lutaram pela igualdade dos direitos de trabalho, na sociedade e na política, nomeadamente nos E.U.A. e na Inglaterra. Introduzimos o conceito de sufragistas, referindo que eram pessoas (neste caso mulheres), que lutaram para ter voz na vida pública, como por exemplo lutar pelo direito ao voto.

Dissemos que estes movimentos encontraram uma forte resistência e perguntámos pela parte de quem, ao que a Marlym respondeu acertadamente dos governantes e da sociedade mais conservadora.

De seguida perguntámos qual foi o acontecimento, que já tínhamos abordado nas aulas, que levou a que o papel da mulher muda-se aos olhos da sociedade. Os alunos corretamente disseram a participação das mulheres na 1ª Guerra Mundial, devido aos homens serem mobilizados para a frente de batalha, e as mulheres ficarem com a responsabilidade de gerir a sua comunidade e sustentar as suas famílias, ocupando os postos de trabalho deixados vagos pelos homens, apenas acrescentámos, que isto contribuiu para uma mudança de mentalidade da sociedade e para a valorização da mulher.

Vimos alguns exemplos de sufragistas, projetando imagens, e destacando aqui Emmeline Pankhurst que em 1918 graças aos seus esforços, o direito ao voto é finalmente reconhecido às inglesas com mais de 30 anos. Também referimos o exemplo do caso português da luta pelo direito ao voto liderada por Carolina Beatriz Ângelo, sendo ela a primeira mulher portuguesa a votar.

Ainda trabalhámos com os alunos o conceito de emancipação feminina, referindo que emancipação era o ato de tornar livre ou independente. Então perguntámos o que queria dizer emancipação feminina, a turma em uníssono respondeu, que era as mulheres tornarem-se independentes e livres. Referimos então que esta emancipação feminina iria-se revelar nos outros aspetos da vida quotidiana, passando a analisar com os alunos o doc. 6 e 7, onde estavam presentes essas mudanças no quotidiano, a Iris refere que passaram a frequentar lugares de lazer, onde fumam e bebem álcool em público, já o André referiu que começaram a praticar desporto, e que estas atividades eram apenas os homens que faziam até ali, o Josemar refere que começaram a dançar Foxtrot e Charleston em bares noturnos, e viajavam sozinhas. Respostas boas, e por isso, coroadas com o reforço positivo.

Voltámos a projetar a imagem da Belle Époque e uma imagem com atrizes da época e pedimos aos alunos para referirem as diferenças entre as duas imagens, a Íris disse que nos anos 20, as mulheres vestem roupas mais práticas e mais reveladoras, e que as mulheres no início do século usavam roupa dos pés à cabeça. Referimos ainda que as mulheres deixam de usar o espartilho e passam a usar o soutien, usam o cabelo mais curto e cada vez mais é frequente ver mulheres a conduzir.

Nos minutos finais da aula, lemos o doc. 8³⁴, sobre a igualdade de géneros hoje em dia, e discutimos um pouco sobre este assunto. Concluímos que infelizmente há ainda hoje sociedades onde os direitos das mulheres não são reconhecidos, há países onde o simples facto de uma mulher querer estudar, dá direito à morte. Demos o exemplo das mulheres da Arábia Saudita que só este ano (2019) é que tiveram permissão para viajar sozinhas e que lhes foi permitido conduzir, e ainda vimos o exemplo de Malala Yousafzai, que venceu o Prémio Nobel da Paz, em 2014, pela sua luta pelo direito à educação das raparigas no Paquistão. Demos por terminada a aula, referindo que mesmo nos países ocidentais, há ainda desigualdades entre homens e mulheres, como por exemplo ao acesso em certas profissões e na igualdade do salário.

A aula ocorreu sem grandes problemas, mais uma vez usámos meios audiovisuais, que foram muito bem recebidos alunos, estes temas do 9º ano são excelentes para sensibilizar os alunos, visto que muitos não têm consciência que o simples facto de uma mulher em certos países querer estudar e ter direito ao conhecimento isso poderia ser a sua morte. Ficámos contentes, por ver os alunos a envolverem-se na aula.

10ª Aula Lecionada: 5 de Novembro de 2019

Duração: 50 min.

Sumário: A cultura de massas. Os progressos da ciência.

A aula do dia 5 de Novembro, não começou, com todos os alunos, pois houve como de costume atrasos, estes à medida que iam chegando pediam desculpa e sentavam-se de forma respeitosa.

Depois de todos escreverem o sumário ditado, iniciámos com uma pergunta, o porquê de a partir da década de 20 a cultura deixar de ser um privilégio de alguns para chegar a todos, (matéria da aula passada), os alunos responderam que houve um maior

³⁴ Ver anexo 37.

acesso ao ensino, e isso permitiu novos postos de trabalho e melhorou bastante as condições de vida da população.

Posto isto referimos que no período entre as duas guerras mundiais, a cultura deixa de ser acessível exclusivamente à elite burguesa da Belle Époque, para se estender a um número crescente de pessoas, surgindo assim o fenómeno de cultura de massas. Para isso contribuíram os avanços da técnica que criaram meios de comunicação em abundância, mas também uma população cada vez mais aberta a novas experiências. Com o crescimento da classe média a melhoria das condições de trabalho e a maior alfabetização, as pessoas estavam agora desejosas de cultura.

Perguntámos à turma que meios de comunicação eles conheciam, a primeira resposta que disseram foi a internet, seguiu-se de rádio, televisão e jornais. Então pegando na rádio, referimos que a rádio torna-se num poderoso meio de comunicação de massas, enquanto era projetado um PWP³⁵ com imagens de rádios desta década de 20. Pedimos aos alunos para dizerem o que as famílias ouviam na rádio, estes disseram música.

Continuámos dizendo que a música deixa de ser exclusiva da sala de espetáculos e “entra” agora na casa das pessoas, os alunos referiram que também ouviam as notícias, completámos, referindo que se começava a ouvir os primeiros discursos políticos, a publicidade, que também ganhava um grande protagonismo, pois havia novos produtos a sair do mercado, ainda referimos uma coisa muito em voga nesta altura, as radionovelas, que os alunos desconheciam.

Depois da rádio passámos para a imprensa, referindo que a imprensa cresceu nesta altura, cada vez mais os jornais e as revistas são lidos por diversas pessoas dos vários extratos sociais, e perguntámos porquê, os alunos responderam porque havia mais pessoas a saberem ler, referimos ainda, que para além disso, a sua linguagem era mais acessível.

No campo da leitura perguntámos o que é que ganha cada vez mais leitores, os alunos olharam para o manual e referiram os livros, pedimos exemplos, os discentes, referiram os romances policiais, da autora Agatha Christie presentes no doc. 1 da pág.50 do manual e ainda disseram a banda desenhada, também presente no manual na pág. 51 no doc. 7. Com isto questionámos aos alunos se conheciam a banda desenhada presente no documento, eles referiram que sim, a história em questão era o Tintin no Congo, e representa uma imagem onde o personagem principal está a dar uma aula a meninos

³⁵ Ver anexo 39.

congoleses, dizendo que lhes ia falar sobre o seu país a Bélgica. Pedimos a opinião dos alunos se isto fazia sentido, o facto de Tintin estar no Congo e dizer que o país daqueles meninos era a Bélgica. O Josemar disse que de certeza que o Congo era uma colónia da Bélgica nesta altura, demos prontamente o reforço positivo, dizendo que isto espelhava a mentalidade colonial da época.

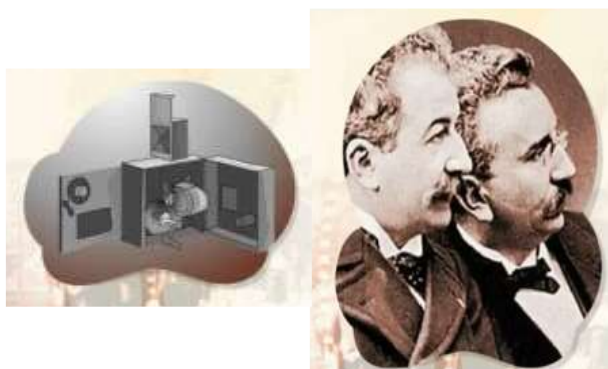


Figura 27 - PWP: Irmãos Lumière e o seu cinematógrafo inventaram o cinematógrafo. Dito isto referimos que, nasceu em França, mas ganha uma nova vida nos E.U.A..

De seguida falámos do cinema, perguntando aos alunos se sabiam qual era o país origem do cinema, a grande maioria disse E.U.A., resposta errada pois o país de origem do cinema foi a França. Sendo que teve grande contribuição dos irmãos Lumière, que

Explicámos que foi nesta altura que os filmes de animação se tornam populares, por exemplo as produções do Walt Disney. Perguntando qual era o mais popular boneco da Disney, os alunos mais uma vez responderam bem, dizendo *Mickey*, referimos o ano da sua criação, e reproduzimos um pequeno excerto do filme *Steamboat Willie*³⁶ de 1928, através da plataforma Youtube, explicando que antes de se chamar *Mickey Mouse*, o desenho animado tinha outro nome, no entanto, os alunos já tinham conhecimento disso e até disseram o nome, *Mortimer*.

Referimos que nesta altura, os filmes mais populares foram os dramas e os westerns, e que o cinema cria ídolos como Rudolfo Valentino; Ginger Rogers e Fred Astaire e talvez o mais famoso Charlie Chaplin, os seus filmes fizeram a transição do cinema mudo para o sonoro, à medida que explicávamos os alunos viam fotografias destes atores presentes no manual. Referimos que estes atores eram reconhecidos por todos e eram eles que ditavam as modas e incutiam novos hábitos e valores.

Para finalizar perguntámos aos alunos, o que é que começava a ter um lugar importante no divertimento, o Jason referiu o futebol, perguntámos de seguida, onde é que o futebol estava inserido, ninguém respondeu, por isso, referimos no desporto. Nos E.U.A. explicámos que eram popular o boxe, o basebol e o ténis, e na Europa as corridas

³⁶Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hxf-UHuGobI&t=94s>

de carros e o futebol. Dissemos algumas curiosidades, sobre o futebol, tais como, a sua origem, e quem tinha ganho o primeiro campeonato português.

Concluímos a parte da cultura de massas, referindo, que todos estes meios de comunicação e entretenimento eram os *mass media*, ou seja, eram os meios de comunicação das massas, isto é, do público vasto e diferente, pois estes *mass media* conseguiam ocupar-se de todos os gostos da população e graças a estas mudanças, a cultura chega agora a todos. Como forma de resumo, projetámos um PWP³⁷, onde estavam tópicos que caracterizam a cultura de massas, que os alunos muito bem analisaram.

Não restando nenhuma dúvida sobre a cultura de massas, perguntámos que progressos é que existiram mais, o Daniel Pereira disse progressos na ciência, então explicámos que o séc. XX foi marcado por extraordinários avanços científicos e técnicos. Nas duas primeiras décadas do século, a ciência e a técnica passaram progressivamente a estar ao serviço da sociedade, pois os seus progressos tiveram efeitos muito significativos na transformação da vida humana, sendo várias as descobertas científicas.

Vimos alguns cientistas mais conhecidos, nas várias matérias da ciência: Na física nuclear, demos destaque a Rutherford que revelou a estrutura do átomo e ao casal Pierre e Marie Curie, que descobrem a radioatividade, que irá mais tarde conduzir à descoberta da energia nuclear. Na física destacámos Max Planck, com a formulação da Teoria Quântica, e Albert Einstein com a teoria da relatividade, segundo a qual, o espaço e o tempo são variáveis, e também defendeu a equivalência entre a matéria e a energia, o que resultou na Teoria da Relatividade. Falámos ainda na Teoria do Big Bang desenvolvida por Friedmann e Lemaître formularam sobre a formação e expansão do Universo.

Abordámos ainda Freud, analisando o doc.3 da pág. 53, referimos que revelou que a mente humana não se limitava ao consciente, existindo 2 outros níveis que não eram controlados pelo homem, o subconsciente e o inconsciente, fundou assim a psicanálise, e conseguiu tratar doentes com transtornos mentais. Explicámos a imagem do iceberg presente no documento, várias vezes, pois os alunos não conseguiam entender, que o subconsciente e o inconsciente estavam colocados debaixo da água, pois o Homem não os consegue controlar.

³⁷ Ver anexo 40.

Vimos ainda os avanços na medicina, como por exemplo a introdução do microscópio eletrónico, que ajudou na investigação das células, na descoberta dos vírus, hormonas e vitaminas, permitindo assim novos medicamentos como a penicilina. Muitos destes progressos os alunos já os tinham abordado na disciplina de ciências e de física e química, por isso, os alunos participaram bastante.

Antes de a aula acabar começámos a ficha de trabalho³⁸ que aborda as matérias das últimas 2 aulas, os loucos anos 20, a emancipação feminina, a cultura de massas e os progressos da ciência. Enquanto os alunos faziam a ficha, tirávamos dúvidas, e a certificava-se se o trabalho proposto era feito, surgiram algumas dúvidas, pois alguns alunos não perceberam bem o que são os *mass media*, por isso, achámos melhor voltar aos PWP's e explicar para a turma outra vez.

A ficha foi concluída pelos alunos e corrigida coletivamente nos segundos 50 minutos depois do intervalo, o comportamento dos alunos durante o exercício foi em um modo geral positivo, tirando um ou outro caso, que depressa foi posto na ordem. Antes de terminarmos corrigimos no quadro as perguntas da ficha, aproveitando, para mais uma vez chamar alunos menos interventivos.

De destacar que ao longo das aulas, quando pedimos, para os alunos fazerem exercícios escritos, deixamos estes trabalharem em pares, pois acreditamos que os alunos trabalhando em conjunto se ajudem uns aos outros e haja uma melhor compreensão da matéria, como diz Monteiro (2017, p.142), “o grupo serve para os alunos adquirirem espírito solidário, cooperante e responsável”. Apesar deste caso não se tratar de grupo mas sim de pares, mas a nosso ver, o objetivo acaba por ser o mesmo, e ao longo das aulas vimos o quanto é benéfico os alunos trabalharem em conjunto.

11ª Aula Lecionada: 18 de Novembro de 2019

Duração: 50 min.

Sumário: Da crise da Monarquia Constitucional à Implantação da República

A aula do dia 18 de Novembro de 2019, foi uma aula especial, pois estiveram presentes o professor doutor Miguel Monteiro e as minhas colegas Rosário e Rita, assim como, a já habitual presença da professora cooperante Adélia Prata.

³⁸ Ver anexo 41.

Ao contrário das outras aulas, esta começou a horas, à hora do toque todos os alunos se encontravam na sala, já deveriam saber que ia ser uma aula em que ia ser observado, pois alguns alunos antes de a aula começar desejaram-me boa sorte. Com os alunos já todos sentados, apresentámos à turma o professor Miguel Monteiro e as minhas duas colegas do mestrado, posto isto, ditámos o sumário, e começámos a aula.

Perguntámos aos alunos a diferença entre a monarquia constitucional, e a monarquia absolutista, o Daniel Pereira respondeu que na primeira o poder era controlado pela constituição ou parlamento, e a segunda era o rei que detinha todos os poderes.

Depois de darmos o reforço positivo ao aluno, analisámos um PWP³⁹, com a situação económica e social portuguesa neste período. Explicámos que o rei D. Carlos começou a governar no final do séc. XIX em 1889, e na viragem do século, Portugal vivia numa grave crise, a nível económico, o nosso país estava endividado devido ao fontismo, conceito que nenhum aluno sabia, por isso, dissemos que foi um ambicioso programa de obras públicas, que foi essencialmente financiado por empréstimos estrangeiros.

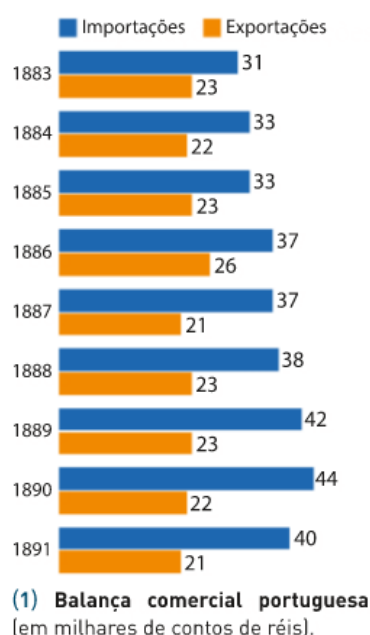


Figura 28 - Doc.: Balança comercial portuguesa

Continuámos a explicar que Portugal continuava também a ser um país maioritariamente agrícola, com a indústria pouco desenvolvida, havia falta de dinheiro para investir em máquinas modernas e a indústria ainda sentia a concorrência de produtos ingleses. Como consequência disto, perguntámos à turma como se encontrava a balança comercial portuguesa observando o doc.1 da pág.66, mais uma vez o Daniel Pereira responde que era deficitária, pois como se vê no doc.1 as importações eram maiores que as exportações. Questionámos o que isso obrigava o estado a fazer, o mesmo aluno refere acertadamente, contrair empréstimos ao estrangeiro.

Explicámos que na Europa nos anos de 1890 e 1892 viveu-se também um período de crise, em parte, devido ao banco de Londres que quase que faliu, perguntámos o porquê de esta crise de uma quase falência de um banco de Londres afetar a Europa, O Daniel Pereira mais uma vez responde, que nesta altura

³⁹ Ver anexo 43.

Londres era a principal cidade financeira, completámos referindo que isto provocou uma diminuição das exportações, como o vinho.

Dissemos que a quebra das receitas coloniais tinha trazido consigo a desvalorização da moeda e a inflação, a subida dos preços, e consequentemente assistiu-se à falência de bancos e empresas. Pedimos à turma para observar o doc.2 da pág. 66 perguntando o que isto tudo originou, a Marlym responde o aumento da dívida pública,

Anos	Dívida pública
1854	92 287
1870	261 176
1879	405 818
1889	525 779
1890	539 212
1899	614 621

(2) Evolução da dívida pública portuguesa (em contos de réis).

Figura 29 – Doc. relativo à dívida pública portuguesa

que aumentou desde 1854 a 1899. Continuámos o raciocínio da aluna, dizendo que se tentou combater esta situação, com o aumento de impostos, perguntando no que isto tudo tinha resultado, os alunos responderam a descontentamento das pessoas, e ao aumento do desemprego, explicámos então que este desemprego atingiu sobretudo o operariado e a classe média, agravando as condições de vida da população, levando a greves e manifestações.

Perguntámos aos alunos o que aconteceu no dia 11 de Janeiro de 1890, que fez agravar esta situação, o Daniel Pereira respondeu que a Inglaterra lançou o Ultimato Inglês, e vêem-se forçados em ceder à ordem britânica que exigia que Portugal abandonasse o plano do Mapa Cor-de-Rosa.

Depois da resposta certa do aluno continuámos a explicar que a cedência à ameaça britânica foi desastrosa para a imagem da monarquia, que já estava muito fragilizada, pois tínhamos que ver que o Mapa cor-de-rosa tinha na opinião pública grande apoio e era motivo de orgulho patriótico numa época em que poucas coisas faziam os portugueses sonhar. Assim com o Tratado de Londres de 1890, Portugal cede à pressão inglesa e abdica das suas pretensões presentes no Mapa cor-de-rosa, na realidade Portugal não tinha muitas alternativas, visto que uma guerra nesta altura com a Inglaterra seria desastrosa, uma derrota garantida. Enquanto abordámos este tema, projetámos uma imagem do Mapa Cor-de-rosa com a união das regiões entre Angola e Moçambique.

Com isto explicámos que o descrédito ao regime monárquico servia os interesses do Partido Republicano, que reunia cada vez mais seguidores, formado ainda no séc. XIX em 1876, pois tinha ideias novas. Analisámos essas ideias, com a ajuda da projecção de

um PWP⁴⁰, que referia os princípios defendidos pelo Partido Republicano, à medida que íamos vendo os tópicos, era pedido para os alunos os explicarem, por exemplo, a laicização do Estado que o Daniel Pereira referiu que era a separação da igreja e do estado, e que o estado rejeitava a influência da igreja, ao que acrescentámos, que os assuntos religiosos deviam pertencer à esfera privada de cada indivíduo e não à pública. Ou o liberalismo económico, onde o mesmo aluno referiu que era um princípio que defende a não-intervenção do Estado na economia.

Com isto referimos que o Partido Republicano aproveitou o descontentamento popular, para fazer uma propaganda contra o regime monárquico e escrever artigos de jornais, para influenciar a opinião pública, e que estas ideias foram bem vistas pela classe média e pelo operariado.

Abordámos o tema do rotativismo político, perguntando à turma o seu significado, ninguém respondeu, tentámos dar pistas aos alunos, para eles chegarem à resposta, o Josemar responde que rotativismo é ideia de rotação. Então voltámos a fazer a pergunta e o mesmo aluno responde que estavam os mesmos partidos no poder, completámos dizendo que havia uma alternância do governo dos dois grandes partidos, no caso português desta altura o partido Regenerador e o partido Progressista, e que era um sistema corrupto e incapaz de responder aos problemas do país.

Neste contexto do ultimato inglês, do aumento da influência do Partido Republicano e do esgotamento das soluções governativas dos dois principais partidos políticos, perguntámos o que estava tudo direccionado para acontecer, a Marlym disse uma revolução. Abordámos assim a tentativa de derrube do regime monárquico no Porto no dia 31 de Janeiro de 1891.

Explicámos que a maioria dos revoltosos eram soldados e sargentos, com poucos civis, e descrevemos os acontecimentos, referindo que a revolta não teve sucesso, no entanto, apesar de a revolta não ter sido bem-sucedida, mostrava já a clara ameaça que a coroa portuguesa enfrentava e alimentou os ânimos republicanos em todo o país durante vários anos.

Devido a esta situação, ao descontentamento da população, e também ao desgaste dos dois Partidos que alternavam no poder explicámos que o rei D. Carlos dissolveu o Parlamento para dar uma vida nova ao regime que todos reclamavam em 1906.

⁴⁰ Vide anexo 44.

Convidando para formar governo, João Franco, um político experiente. No entanto, a partir de maio de 1907, João Franco começou a governar de forma autoritária com o apoio do rei, o que provocou uma grande oposição tanto dos republicanos como dos restantes partidos.

Perguntámos à turma pelo que ficou marcada esta ditadura de João Franco que ficou conhecida como franquismo, o Daniel Pereira ia mais uma vez falar, dissemos que não queríamos que ele entresse, pois ele já tinha falado muito, e não deixava os outros falarem, para além disso, como o aluno responde muito rápido nem sequer deixa os colegas pensarem na resposta. O André referiu que numa ditadura há sempre censura da imprensa, dissemos que era um dos pontos, e perguntando-lhe o porquê, o aluno disse acertadamente porque os republicanos publicavam as suas ideias nos jornais.

Perguntámos se alguém queria intervir, a Íris disse muito bem a condenação de alguns presos políticos, acrescentámos, que esses políticos eram republicanos e eram condenados ao degredo, que é a pena para um castigo ou crime cometido que implica o afastamento por algum tempo ou por toda a vida, para um sítio longínquo, neste caso para as colónias.

Referimos que esta condenação ao degredo, viu-se quando a 28 de janeiro de 1908, é descoberta uma conspiração contra o governo e são presos mais de uma centena de políticos, entre os quais alguns conhecidos dirigentes republicanos, como António José de Almeida, Egas Moniz e Afonso Costa (à medida que íamos falando destas figuras, projetámos imagens das mesmas), acabando presos, quando o rei assina o decreto de 31 de Janeiro, que permitia a João Franco prender todos os conspiradores contra o regime monárquico. Dissemos ainda que a dureza das medidas tomadas por João Franco, acabaram por radicalizar a oposição, e as constantes críticas à família real agravaram a contestação social.

Com isto introduzimos o tema do regicídio, referindo que a 1 de Fevereiro de 1908, o rei D. Carlos, a sua mulher, a rainha D. Amélia, e os príncipes Luís Filipe e D. Manuel, regressavam de férias de Vila Viçosa, subiram num coche aberto, em direção ao Palácio das Necessidades e que a carruagem com a família real atravessou o Terreiro do Paço, onde foi atingida por disparos vindos da multidão, que se juntara para saudar o rei.

Explicámos ainda que o rei D. Carlos I morreu imediatamente, após ter sido alvejado, o príncipe herdeiro Luís Filipe morre momentos depois, e o seu irmão é apenas

atingido no braço. Abordámos os homicidas, dizendo que eram dois revolucionários, Alfredo Costa, membro da carbonária e Manuel Buiça professor primário que também pertencia à carbonária, estes dois foram logo mortos pela guarda real no momento.

Enquanto se explicou o regicídio observou-se o doc. 3 da pág. 69 uma gravura do acontecimento e a sua legenda.

De seguida apresentámos dois documentos⁴¹ projetados no PWP, com duas perspetivas diferentes sobre o regicídio, no doc. A, há uma clara ideologia republicana, e no doc. B, uma ideologia monárquica. Perguntámos aos alunos de que modo é que o doc. A apresenta as consequências do regicídio, e de que modo o autor do doc. B descreve o regicídio, e por fim, que explicações podem justificar que estes dois autores caracterizem o mesmo acontecimento de forma diferente. Os alunos com algum esforço souberam bem diferenciar as duas perspetivas, e perceberam o que defendiam os dois autores.

Explicámos que após o regicídio, o trono é então assumido pelo filho mais novo de D. Carlos, D. Manuel II com 18 anos de idade, como lhe faltava preparação para governar, teve dificuldades para repor a ordem. Apesar de ser mais liberal que o seu pai, não foi capaz de conter a fúria e o crescimento dos republicanos. Uma das primeiras medidas de D. Manuel II foi demitir João Franco, pois considerou-o o principal responsável do sucedido, assim o decreto que tinha sido assinado dia 31 de Janeiro ficou anulado e os presos políticos são libertados. No entanto a instabilidade política e a incapacidade governativa mantiveram-se. De seguida, pedimos aos alunos para analisarem a ilustração alusiva à Proclamação da República, com os principais locais e acontecimentos da Revolução do dia 5 de Outubro presente no manual na pág. 64, e à medida que os alunos iam dizendo os acontecimentos que viam, complementávamos com uma explicação.

⁴¹ Ver anexo 45.



Figura 30 - Ilustração de 1911 alusiva à proclamação da República Portuguesa

Explicámos que a 3 de Outubro de 1910 começou a preparar-se a revolta republicana, que já se avizinhava no contexto de instabilidade política, na noite de 3 de Outubro, onde nos Banhos de São Paulo, se estabeleceu o quartel-general. Já a Revolução Republicana em si, começou na madrugada de 4 para 5 de Outubro, aqui os revoltosos eram tanto militares, como civis e de várias classes sociais, este apoio dos populares foi muito importante para o sucesso da revolução. Perto da 1 hora da madrugada, militares e populares armados começaram a juntar-se na rotunda do Marquês de Pombal, dito pelos alunos depois de observaram a imagem, referindo que aqui houve confrontos armados entre os republicanos e forças monárquicas.

Explicámos que percebendo o que estava acontecer, as forças fiéis ao rei foram para o palácio das necessidades para protegerem D. Manuel II, os alunos continuaram dizendo que por volta das 11 horas da manhã no dia 4 de Outubro os navios de guerra *Adamastores* e *S. Rafael* bombardeavam o palácio. Completámos referindo que o rei D. Manuel II devido ao sucedido, teve que ser conduzido até Mafra, e que o apoio da marinha de guerra era fundamental, por isso, a ação destes dois navios foi um aspeto decisivo na evolução dos acontecimentos.

Os alunos continuaram a análise da imagem, referindo que na madrugada no dia 5 de Outubro a marinha desembarcou no terreiro do paço e subiu a rua do ouro concentrando-se em pontos importantes na cidade de Lisboa. Também foi assaltado o colégio dos jesuítas em Campolide, vários reitores padres e outros religiosos foram presos e depois transferidos para Caxias. Referimos que o governo monárquico não conseguiu

reunir tropas que dominassem os revoltosos, muito por culpa de membros da carbonária que destruíram os acessos à cidade como pontes, estradas e linhas férreas impedindo a entrada em Lisboa de reforços.

Visto os principais acontecimentos da revolta, referimos que às 9 horas da manhã do dia 5 de Outubro José Relvas e outros membros do Partido Republicano, proclamaram a república e a constituição de um governo provisório na varanda dos paços do concelho, projetando uma imagem no PWP⁴², e que o rei e a sua família saíram para a Ericeira, onde embarcaram no iate real D. Amélia rumo a Gibraltar, dias depois foram transportados para Londres.

Explicámos que Machado Santos é chamado o pai da revolução, pois teve um papel importante no movimento, sendo ele que conseguiu convencer as forças monárquicas a renderem-se.

Para terminar a parte explicativa, dissemos que a monarquia constitucional acabaria por cair, e a 5 de Outubro de 1910, é implementada a República portuguesa. A proclamação da república pôs fim a 800 anos de monarquia em Portugal, imediatamente os republicanos nomearam um governo provisório presidido por Teófilo de Braga que ficou encarregue de dirigir o país até à realização de eleições e aprovação de uma nova constituição.

Antes de terminar a aula, projetámos uma cronologia⁴³ desde 1890 até 1910 com uma legenda, e pedimos aos alunos para escreverem no caderno os principais acontecimentos que abordámos na aula. No entanto já faltavam poucos minutos para tocar e os alunos já não tiveram tempo de concluir. Toca para o intervalo, e dá-se a despedida, algo emotiva dos alunos, agradei aos alunos por me terem acompanhado estes dois anos, e eles retribuíram as palavras.

Como análise a esta última aula, podemos dizer que a dinâmica da aula correu como previsto, os alunos portaram-se excelentemente, sendo bastante solidários. Tivemos alguma pena pelo facto de não haver mais alunos a intervir, pois praticamente foram sempre os mesmos.

⁴² Ver anexo 46.

⁴³ Vide anexo 47.

Houve um aluno que perguntou se a rádio já existia nesta altura, eu fiquei um pouco atrapalhado, pois não sabia a resposta, mas depois acabei por lhe dizer que sim, contudo não tinha a certeza da minha resposta e o melhor a fazer nestas situações é dizer que não se sabe, e ir pesquisar, depois com a certeza da informação referi-la, numa próxima aula esclarecendo assim a dúvida.

Tal como as outras aulas fizemos uma aula bastante dialogada, fazendo perguntas aos alunos, para eles refletirem sobre a matéria, e potenciarem a sua oralidade, indo ao encontro de Santos Leonor e Pinto Jorge, (s.d., p.514), que refere que “perguntas que incentivem a reflexão são potenciadoras de aprendizagem”. No decorrer das aulas notou-se a participação dos alunos, que contribuía para as aulas com as suas opiniões, o que gerava uma troca de ideias, tornando mais completas as respostas dos alunos, assim como as próprias aulas.

Considerações Finais

Nesta última parte, pretendemos fazer uma reflexão daquilo que foi o Mestrado de Ensino, sendo o presente relatório precisamente o fruto de todo o percurso ao longo dos 4 semestres que compõem o Mestrado, das aprendizagens que tivemos quer na Faculdade de Letras, quer no Instituto da Educação, e da nossa ação na Escola Básica dos 2º e 3º ciclo Dr. António Augusto Louro.

No primeiro semestre deste Mestrado, no ano letivo de 2018/2019, iniciámos o nosso percurso, onde fizemos o nosso primeiro Relatório na unidade curricular de “Ensino da História – Teoria e Métodos”, aqui o nosso objetivo era refletir sobre o nosso primeiro contacto com a escola, a sua realidade e com a professora cooperante Adélia, que desde o primeiro momento nos recebeu amavelmente e nos tranquilizou, fazendo com que a tensão e o receio que existia ao entrarmos pela primeira vez no portão vermelho da escola desaparecessem. Nesta fase começámos também a escolher as turmas para as primeiras lecionações que iríamos fazer no segundo semestre.

Foi precisamente neste segundo semestre, que começámos a lecionar as nossas primeiras aulas, já com as turmas por nós escolhidas. Sendo o objetivo do segundo Relatório que fizemos a reflexão destas mesmas aulas, nelas foi nos possível começar a experimentar algumas das teorias da aprendizagem que começávamos a aprender na Faculdade de Letras nas Unidades curriculares com o professor doutor Miguel Corrêa Monteiro e do professor doutor João Couvaneiro, e no Instituto da Educação, aprendizagens importantíssimas, que nos fizeram perceber a realidade escolar.

É de salientar que a professora Adélia Prata sempre deu aos mestrandos total liberdade na escolha das temáticas que iriam ser lecionadas nas aulas, assim como os métodos utilizados. Estavam previstas 5 aulas de 90 min, mas infelizmente, com o falecimento de um familiar da professora cooperante, não foi possível concluirmos as aulas todas, pelo que apenas lecionámos 3 aulas. Salientamos a solidariedade do professor doutor Miguel Monteiro, com isto, nem eu nem a minha colega Rita Patrício saímos prejudicados, pelo facto, de termos lecionado menos aulas que os nossos colegas do Mestrado. Referir que esta primeira experiência como professor foi positiva e muito gratificante, pois posso dizer que cumpri um sonho.

Com o terceiro semestre, a responsabilidade era maior, pois já não havia espaço para cometer erros, que eventualmente poderíamos ter cometido no passado, nesta altura,

já deveríamos ter definido o caminho por onde deveríamos seguir, para tudo ir ao encontro do Relatório final do quarto semestre. Foi neste terceiro semestre que a nossa colega Rosário se juntou a mim e à Rita no núcleo de estágio, fortalecendo assim o nosso grupo, pois foi possível nas reuniões que fizemos com a professora Adélia Prata, debatermos ideias, aprendendo assim em conjunto. Salientamos que o trabalho entre mim e as minhas colegas ocorreu sem nenhum percalço.

Se no semestre anterior não lecionámos as aulas previstas, neste terceiro semestre já o conseguimos fazer, lecionando ao todo 11 aulas de 50 min. Mais uma vez foi de uma enorme experiência e enriquecimento ter acompanhado os alunos, pois não é apenas o professor que ensina os alunos, estes também podem dar algo a aprender ao professor, tendo sido o caso. Sentiu-se a evolução tida a cada aula, muito devido às correções e aos conselhos da professora Adélia Prata.

Foi no terceiro semestre, que começámos a pensar que tema deveríamos escolher para o Relatório final no quarto semestre. Olhando para o percurso feito nestes dois anos de Mestrado, houve sempre espaço nas nossas aulas para falarmos e debatermos temas que acabam por sensibilizar os alunos, tendo isto em vista, fazia sentido ser uma dessas matérias que iríamos escolher como tema.

Decidimos então, abordar o quotidiano dos soldados nas trincheiras, que foi uma matéria que os alunos e o mestrando mais gostaram, sendo este o tema do presente Relatório. Conseguimos dar assim aos alunos uma visão mais extensa daquilo que foi viver numa trincheira, dando o exemplo prático do CEP, que o manual escolar apenas fazia menção num documento.

Para finalizar podemos afirmar que o balanço destes dois anos de Mestrado apesar de alguns altos e baixos, são positivos, cresci muito como pessoa, tive aqui aprendizagens que vão ficar para a vida, conhecer a realidade dos alunos fez-me abrir os meus horizontes e tornar-me melhor pessoa. Por fim quero agradecer à professora Adélia, e ao professor doutor Miguel Monteiro, pois foram peças fundamentais deste percurso.

Bibliografia/Obras citadas

- Alves Luís Alberto Marques (2009). *A função social da História*. Faculdade de Letras, Universidade do Porto. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/7245.pdf>.
- Araújo, Francisco M. (s.d.). “Método, Autoridade e Sangue-Frio”: o Pragmatismo Médico no Corpo Expedicionário Português. In: Carriço Alexandre (Coord.). *Portugal na Grande Guerra*. Instituto da Defesa Nacional IDN. Imprensa Nacional – Casa da moeda, SA. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/14682.pdf>.
- Brun, André (2014). *A malta das trincheiras – Migalhadas da Grande Guerra: 1917-1918*. SPA e Guerra e Paz, S.A.12.
- Carvalho, Carolina e Conboy, Joseph (2013). Desenvolvimento cognitivo e da linguagem. In: Veiga, Feliciano H. (Coord.). *Psicologia da Educação, teoria, investigação e aplicação, envolvimento dos alunos na escola* (pp. 69-93). Climepsi editores.
- Ferreira, David [s.d.] “Grande Guerra”. In: Dirigido por Joel Serrão (Coord.). *Dicionário de História de Portugal*. Livraria Figueirinhas. Vol. III. Lisboa.
- Fino, Carlos Nogueira (2001). Vygotsky e a zona de desenvolvimento proximal (ZDP): Três implicações pedagógicas. In: *Revista Portuguesa de Educação* Vol. 14, nº 2. Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho. Disponível em: <http://www3.uma.pt/carlosfino/publicacoes/11.pdf>.
- Janes, José Cristiano Mendes (2017). *Temas de história contemporânea: A utilização didática do documento no ensino-aprendizagem da História*. Tese de Mestrado em ensino da História, terceiro ciclo e ensino secundário. Instituto da educação - Universidade de Lisboa. Lisboa.
- Lagartixa, Custódia; Sardinha, Helena; Gomes, José e Lopes, Paulo Catarino (2015). *Hora H 9* (1ª edição). Raiz Editora.
- Lagartixa, Custódia; Sardinha, Helena; Gomes, José e Lopes, Paulo Catarino (2015). *Hora H 9- Caderno de atividades*. Raiz Editora.
- Maia, Cristina e Brandão, Isabel Paulos (2010). *Viva a História! 9* (1ª edição). Porto Editora.

Marques, Isabel Pestana (2016). *Das trincheiras, com saudade – a vida quotidiana dos militares portugueses na Primeira Guerra Mundial* (3ª edição). A Esfera dos Livros.

Monteiro, Miguel Corrêa (1987). *A Ilha Pedagógica*. Plátano editora.

Monteiro, Miguel Corrêa (2017). Cap. 8 O Ensino da História. In Veiga, Feliciano H. (Coord.) *O Ensino na Escola de Hoje – Teoria, Investigação e aplicação*. Lisboa.

Prats, Joaquín (2006). *Teaching History in context of Social Sciences: fundamental principles*. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/286690740/Ensinar-Historia-Ciencias-Sociais-Principios-Basicos>.

Proença, M. C. (1992). *História, educação e didática da História*. Lisboa: Universidade Aberta.

Proença, Maria Cândida (2015). *Uma História concisa de Portugal*. Círculo de Leitores. Lisboa.

Projeto Educativo 2018/2021. Uma escola Promotora de Sucesso. Disponível em: <http://www.ebaal.com/portal/index.php/documentos/projeto-educativo-2018-21.html>.

Santos, Leonor e Pinto Jorge (2017). Cap. 16 Ensino de Conteúdos Escolares: A Avaliação como Fator Estruturante In Veiga, Feliciano H. (Coord.) *O Ensino na Escola de Hoje – Teoria, Investigação e aplicação*. Lisboa.

Teixeira, Nuno Severiano (2017). A república e a grande guerra. In. Nuno Severiano Teixeira (Coord.). *História Militar de Portugal*. A esfera dos livros. Lisboa.

Telo, António, (s.d.). Um Enquadramento Global para uma Guerra Global. In: Carriço Alexandre (Coord.). *Portugal na Grande Guerra*. Instituto da Defesa Nacional IDN. Imprensa Nacional – Casa da moeda, SA. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/14682.pdf>.

Anexos

Anexo 1 - Questionário Anónimo feito à turma 9º A

Este questionário é anónimo e realiza-se no âmbito do Mestrado em Ensino de História servindo apenas para a recolha de informações, que ajudem a caracterizar a turma do 9º A.

Nas opções de escolha múltipla, coloca um X na tua opção.

1. Sexo:

☐ Feminino

☐ Masculino

2. Qual a tua idade?

☐ Inferior ou igual 14

☐ 15

☐ 16

☐ 17

☐ Superior ou igual 18

3. Quem é o teu encarregado de educação?

☐ Pai

☐ Mãe

☐ Outro

4. Qual é a profissão do teu encarregado de educação?

5. Qual é o grau de escolaridade dos teus pais?

Pai: _____

Mãe: _____

6. Tens quantos irmãos?

☐ 0

☐ 1

☐ 2

☐ 3

☐ 4

☐ Superior ou igual 5

7. Com quem vives?

☐ Pai

☐ Mãe

- ☐ Irmãos
- ☐ Avós
- ☐ Outros

8. Como vais para a escola?

- ☐ A pé
- ☐ Carro
- ☐ Autocarro
- ☐ Bicicleta
- ☐ Outro

9. Em média quanto tempo demoras a chegar à escola?

- ☐ Inferior 30 minutos
- ☐ Entre 30 minutos e 1 hora
- ☐ Superior 1 hora

10. Já repetiste algum ano?

- ☐ Sim
- ☐ Não

11. Se respondeste sim à pergunta anterior, quantos anos já repetiste?

- ☐ 0
- ☐ 1
- ☐ 2
- ☐ Superior ou igual 3

12. Pretendes ingressar no ensino superior?

- ☐ Sim
- ☐ Não

13. Ao longo destes 3 anos últimos anos (7º, 8º e 9º ano) qual é o teu tema favorito na disciplina de história?

14. Quais os teus passatempos favoritos?

Obrigado pela tua participação!



Anexo 2 – Planificação 1ª Aula

Escola dos 2.º e 3.º Ciclos Dr. António Augusto Louro - Disciplina de História 2018-2019 Prof. Marco Lourenço



Domínio: A Europa e o mundo no limiar do séc.						
Subdomínio: Apogeu e declínio da influência europeia						
Data	7/10/2019	Turma	9º E	Aulas N.º		
Sumário	Os antecedentes e as causas da Primeira Guerra Mundial				Observações:	
Conceitos	Nacionalismo; Pangermanismo; Pan-eslavismo; Paz Armada					
Metas Curriculares: Conteúdos		Estratégias de aprendizagem			Recursos	Avaliação
<p>Conhecer e compreender as causas e o desenrolar da 1.ªGrande Guerra.</p> <p>Descritor:</p> <p>1- Relacionar a rivalidade económica e colonial entre as grandes potências industriais com a agudização das tensões nacionalistas.</p> <p>2- Explicar o porquê do atentado do arquiduque Francisco Fernando e relacionar este acontecimento com o início da guerra.</p>		Explicar as tensões/rivalidades entre as grandes potências europeias, fazendo alusão à Conferência de Berlim.			PWP- Quais foram os antecedentes da Primeira Guerra Mundial	Registo tanto do interesse como no diálogo participação e empenho nas tarefas propostas
		Referir as rivalidades económicas e as tensões nacionalistas/independentistas através de um PWP, juntamente com a participação dos alunos.				
		Visualização de um mapa através de PWP com os vários povos eslavos pertencentes ao Império Austro-Húngaro.				
		Analisar o mapa da política de alianças militares na véspera da guerra, com a projeção de um PWP e observando o mapa da pág. 20, com a participação dos alunos, para que estes consigam identificar a que bloco de alianças os países pertenciam.				
		Explicar no que consistiu a corrida ao armamento e a Paz Armada.				
		Apontar as razões do atentado para com o arquiduque Francisco Duarte, apelando à participação dos alunos para que estes relacionem o atentado com o nacionalismo.			PWP e doc. 4 - Mapa da política de alianças na véspera da guerra	Registo da capacidade para aplicar e integrar as aprendizagens
		Realização por parte dos alunos da pergunta 3 da pág. 21 do manual, com vista à análise do doc. 5.				
					Manual pág. 20 e 21	

Anexo 3 – PWP: Rivalidades Económicas e Tensões Nacionalista

RIVALIDADES ECONÓMICAS

As principais potências europeias pretendiam colonizar mais regiões que fornecessem matérias-primas para as suas indústrias e para onde pudessem também vender os seus produtos industriais.



TENSÕES NACIONALISTAS/INDEPENDENTISTAS

- A França exige à Alemanha a devolução da Alsácia e da Lorena.
- A Sérvia entra em disputa com o Império Austro-Húngaro.
- Desejo de independência de vários povos integrados em impérios, caso dos polacos, finlandeses, checos, croatas, sérvios da Bósnia, etc.



Anexo 4 - Mapa: Política de alianças militares



Anexo 5 - Doc.: Rivalidade anglo-germânica

A rivalidade anglo-germânica

«Nós fornecíamos outrora as nossas armas ao mundo inteiro. [...] Hoje, a maior parte dos governos meteram-se a fabricá-los [...]. Os botões, que vendíamos a toda a Europa, chegam-nos hoje da Alemanha. O fio de ferro alemão vende-se hoje nas nossas lojas de Birmingham [...]. Nas nossas colônias, a concorrência estrangeira, as alfândegas e as más colheitas atuam igualmente contra nós. A Alemanha tornou o caminho dos nossos mercados, o endereço dos nossos clientes e, vendo os nossos lucros, falsificou as nossas marcas [...].»

Queixas de membros das câmaras de comércio de Birmingham e de Sheffield constantes dos relatórios da Comissão de Inquérito à baixa do comércio britânico, 1885-86



Anexo 6 – Planificação 2ª Aula

Escola dos 2.º e 3.º Ciclos Dr. António Augusto Louro - Disciplina de História 2018-2019 Prof. Marco Lourenço



Domínio: A Europa e o mundo no limiar do séc. XX						
Subdomínio: Apogeu e declínio da influência europeia						
Data	14/10/2019	Turma	9º A	Aulas N.º		Observações:
Sumário	As várias fases e frentes da Primeira Guerra Mundial					
Conceitos	Guerra de Movimentos; Guerra de Trincheiras; Guerra económica					
Metas Curriculares: Conteúdos		Estratégias de aprendizagem			Recursos	Avaliação
Conhecer e compreender as diferentes fases e frentes causas da 1.ªGrande Guerra. Descritor: 1- Relacionar as 3 frentes cronologicamente com as 3 fases da Primeira Guerra Mundial 2- Explicar a entrada dos E.U.A. e a saída da Rússia do conflito		Recordar resumidamente as causas da 1ª Guerra Mundial, com a ajuda dos alunos. Analisar com os alunos um mapa relativamente às 3 frentes da 1ª Guerra Mundial. Referir a primeira frente da 1ª Guerra Mundial, analisando no mapa as principais batalhas de 1914 em ambas as frentes. Apontar a segunda frente do conflito, através da visualização de imagens das trincheiras, das armas utilizadas e do dia-a-dia dos soldados neste período da guerra. Explicar o porquê da guerra ter um carácter mundial a partir de 1915, com a ajuda de um mapa vendo alguns territórios extraeuropeus que foram palcos de guerra. Referir as batalhas mais importantes do ano de 1916 (Jutlândia, Verdum e Somme). Apontar as razões da saída da Rússia da guerra. Explicar a entrada dos E.U.A. na Grande Guerra e a consequente vitória dos aliados.			PWP- 1ª Guerra Mundial: as frentes do conflito e doc. PWP - 1.ª FASE: Guerra de movimentos (1914) PWP -2.ª FASE: Guerra das trincheiras (1915-1917) PWP – Novo armamento PWP – Trincheira completa Manual pág. 22, 23 e 27	Registo tanto do interesse como no diálogo, participação e empenho nas tarefas propostas Registo da capacidade para aplicar e integrar as aprendizagens

Existiam outras trincheiras na refaguada, onde se localizavam os abrigos subterrâneos usados como hospitais, postos de comando ou depósitos. Algumas chegavam a ter mais de 10 metros de profundidade e dispunham de eletricidade e linhas telefônicas. Para conquistar uma trincheira inimiga era preciso atravessar a «terra de ninguém»*, enlameada e cheia de crateras de bombas e cadáveres de soldados, com uma extensão variável de algumas centenas de metros.

Anexo 9 – PWP: Soldados dentro de uma trincheira



Anexo 10 – PWP: Imagem da doença pé de trincheira



Anexo 11 – PWP: soldado num abrigo



Anexo 12 - Doc.: O dia-a-dia dos soldados portugueses na frente de batalha em França



(6) O dia a dia dos soldados portugueses na frente de batalha em França.

A – A trincheira era um espaço de desconforto, dor e desespero; **B** – Carregamento de munições de artilharia; **C** – As tropas consumiam rações de combate frias, o que aumentava o desânimo dos soldados; **D** – A correspondência para a família contribuía para quebrar o isolamento e atenuar a saudade.



Anexo 13 – Planificação 3ª Aula

Escola dos 2.º e 3.º Ciclos Dr. António Augusto Louro - Disciplina de História 2018-2019 Prof. Marco Lourenço



Domínio: A Europa e o mundo no limiar do séc.						
Subdomínio: Apogeu e declínio da influência europeia						
Data	21/10/2019	Turma	9º A	Aulas N.º		
Sumário	As transformações geopolíticas europeias no pós-guerra. A Sociedade das Nações				Observações:	
Conceitos	Democracia Parlamentar; Tratado de Versalhes; Sociedade das Nações					
Metas Curriculares: Conteúdos		Estratégias de aprendizagem			Recursos	Avaliação
Identificar as transformações geopolíticas europeias no pós 1ª Guerra Mundial.		Explicar aos alunos as resoluções da Conferência de Paz, nomeadamente o Tratado de Versalhes.			-PWP- As principais condições impostas pelo Tratado de Versalhes.	Registo tanto do interesse como no diálogo, participação e empenho nas tarefas propostas
Descritor:		Referir as imposições do Tratado de Versalhes à Alemanha, através de um PWP com um mapa, para que os alunos consigam:				
1- Explicar como as medidas impostas pelos Tratados de Paz condicionaram a evolução política da Europa.		<ul style="list-style-type: none">Perceber as cláusulas tanto militares como económicas impostas neste tratadoPerceber que territórios foram cedidos a outros países.			-PWP-Mapa Perdas territoriais da Alemanha	Registo da capacidade para aplicar e integrar as aprendizagens
2 – Conhecer o mapa geopolítico da Europa no término da 1ª Guerra Mundial.		Apontar os outros tratados que foram assinados, usando um PWP com um mapa para que os alunos consigam:			PWP- Mapa geopolítico europeu.	
3- Identificar os objetivos da Sociedade das Nações.		<ul style="list-style-type: none">Identificar os impérios desmembradosReconhecer o novo mapa geopolítico, com o aparecimento de novos países.			-Manual- pp. 21 e 33 a 35.	
		Explicar o que levou à criação das SDN e os seus objetivos.				
		Analisar com os alunos a falta de eficácia para a paz da SDN.				

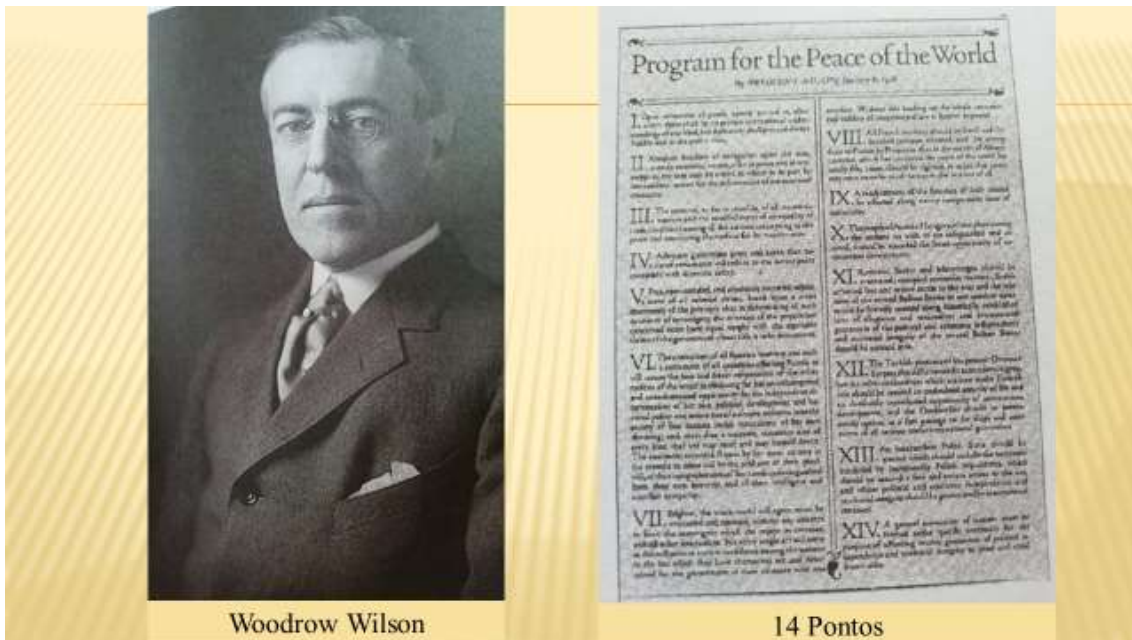
Anexo 14 – Doc.: Quadro que regista a assinatura do tratado de Versalhes

O tratado de Versalhes



(1) Este quadro da autoria de William Orpen, regista o momento da assinatura do tratado de Versalhes pelos representantes da Alemanha. [1] Presentes na cerimónia, além dos delegados dos países vencedores, estão o presidente dos EUA, Woodrow Wilson [2], o primeiro-ministro francês, Clémenceau [3], e o primeiro-ministro do Reino Unido, Lloyd George [4]. Portugal fez-se representar por Afonso Costa [5].

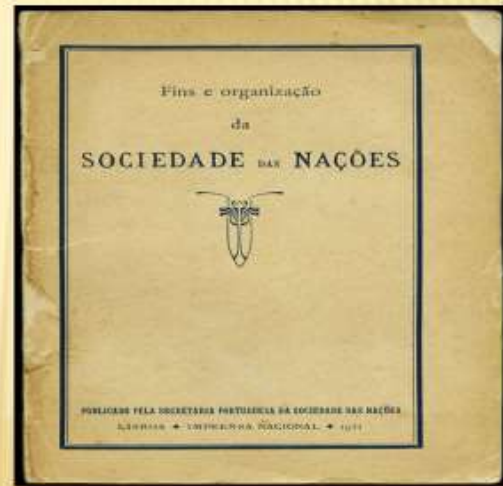
Anexo 15 – PWP: Os 14 pontos de Woodrow Wilson



Anexo 16 – PWP: Objetivos da Sociedade das Nações

OBJETIVOS DA SOCIEDADE DAS NAÇÕES

- ✖ Manter relações internacionais abertas;
- ✖ Redução de material de guerra;
- ✖ Respeitar o direito internacional e os tratados
- ✖ Defender os direitos dos trabalhadores
- ✖ Preocupou-se com questões de saúde.





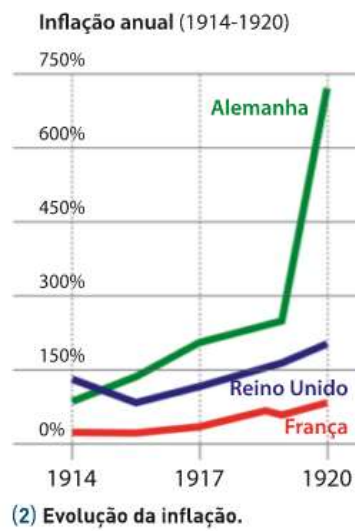
Anexo 17 – Planificação 4ª Aula

Escola dos 2.º e 3.º Ciclos Dr. António Augusto Louro - Disciplina de História 2018-2019 Prof. Marco Lourenço



Domínio: A Europa e o mundo no limiar do séc. XX.						
Subdomínio: As transformações políticas, económicas, sociais e culturais do após guerra						
Data	23/10/2019	Turma	9º A	Aulas N.º		
Sumário	A economia e sociedade no pós-guerra. A hegemonia dos E.U.A.				Observações:	
Conceitos	Inflação; Economia de guerra					
Metas Curriculares: Conteúdos		Estratégias de aprendizagem			Recursos	Avaliação
Identificar as transformações económicas e sociais no pós 1ª Guerra Mundial.		Correção com os alunos do trabalho de casa, o exercício 2 da pág. 35			-PWP- Destruição da Guerra.	Interesse dos alunos bem como a sua participação oral.
Descritor:		Explicar aos alunos como era a economia dos anos 20, analisando com os alunos o doc. 2 da pág. 36, com o auxílio de imagens através do PWP.				
1- Caracterizar as transformações económicas e sociais europeias no pós-guerra.		Referir as transformações sociais após guerra, analisando com os alunos o doc. 7 a pintura de Otto Dix da pag.37, e usando também esta pintura para relaciona-la com o doc. 3 da pág.36.			-PWP- Condições sociais do após guerra.	Capacidade para aplicar e integrar as aprendizagens nas perguntas do manual.
2 – Conhecer a ascensão e a hegemonia economia dos E.U.A.		Explicar a hegemonia e afirmação dos E.U.A. através da análise com os alunos do doc.4, 5 e 6 da pág. 37.				
		Realização por parte dos alunos da pergunta 1 da pág. 35 do manual, com vista à análise dos docs.1, 2 e 4.			-Manual- pp. 36 e 37.	

Anexo 18 - Doc.: Evolução da Inflação



Anexo 19 – PWP: Crianças empilham marcos alemães 1923



Anexo 20 - Doc.: Efeitos da guerra na situação económica da Europa e na dos EUA

(4) Quais foram os efeitos da guerra na situação económica da Europa e na dos EUA?

«Quando se pensa nas consequências da I Guerra Mundial [...] pode perguntar-se se a estrela da Europa não empalideceu e se [...] não começou para ela uma crise vital que pressagia a decadência. [...]

Durante a guerra, os EUA fizeram enormes financiamentos aos países da Entente. Daí resultou que a sua balança comercial demonstrasse uma grande superioridade das exportações. Durante os 51 meses de guerra, o excedente das exportações sobre as importações atingiu 10,9 milhares de milhão de dólares [...]. Esta poderosa corrente de exportações teve por consequência um enorme afluxo de ouro.

No início de 1919, o *stock* de ouro dos EUA era de cerca de 3 biliões de dólares, ou seja, mais ou menos um terço do *stock* mundial.

[...] Os EUA tornaram-se os credores do mundo. A guerra fez dos americanos os grandes senhores do capital.»

A. Demangeon, *O declínio da Europa*, 1920

Anexo 21 - Doc.: Desenvolvimento económico e financeiro dos EUA

Produção de ferro fundido e petróleo (milhões de toneladas)

	1913	1920
Ferro	31	36
Petróleo	33	62

Investimentos externos dos EUA (biliões de dólares)

1913	1921
3,5	6,5

Reservas de ouro dos EUA (biliões de dólares)

1913	1921
0,7	2,5

(5) O desenvolvimento económico e financeiro dos EUA.

Anexo 22 – Doc: Produção das potências europeias antes e após a I Guerra Mundial

Países	Trigo (milhões de quilos)		Ferro (milhões de toneladas)		Produção industrial (em % da produção mundial)	
	1913	1920	1913	1920	1913	1920
Reino Unido	3,5	?	10	8	14,0	9,4
Alemanha	46	22	17	7	15,7	11,6
França	64	7	5	3	6,4	6,6

(6) Produção das potências europeias antes e após a I Guerra Mundial.



Anexo 23 – Planificação 5ª Aula

Escola dos 2.º e 3.º Ciclos Dr. António Augusto Louro - Disciplina de História 2018-2019 Prof. Marco Lourenço

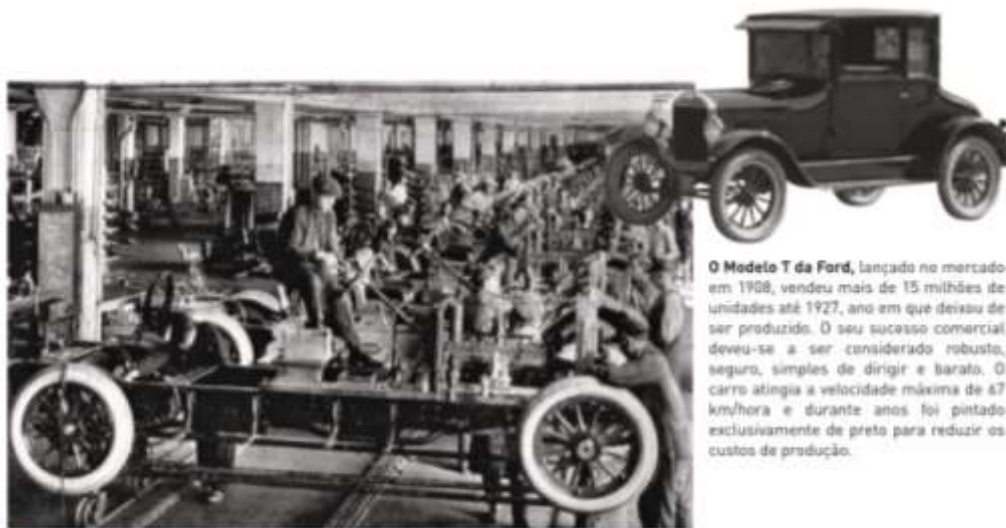


Domínio: A Europa e o mundo no limiar do séc. XX.							
Subdomínio: As transformações políticas, económicas, sociais e culturais do após guerra							
Data	22/10/2019	Turma	9º A	Aulas N.º		Observações:	
Sumário	A economia nos anos 20. Os novos métodos de produção de organização do trabalho.						
Conceitos	Taylorismo; Fordismo; Estandarização da produção						
Metas Curriculares: Conteúdos		Estratégias de aprendizagem				Recursos	Avaliação
Conhecer e compreender a economia dos anos 20.		Explicar aos alunos os fundamentos do taylorismo.				-PWP- O Taylorismo.	Interesse dos alunos bem como a sua participação oral.
Descritor:		Referir aos alunos como Henry Ford aplicou o taylorismo na indústria automóvel, com o auxílio dos docs. 3 e 5.					
1- Identificar as características da economia, nomeadamente os novos métodos de produção e a sua instabilidade.		Visionamento de um vídeo através da plataforma Youtube de Charlie Chaplin, para os alunos entenderem como funcionava a linha de montagem.				-PWP- O Fordismo	Capacidade para aplicar e integrar as aprendizagens nas perguntas do manual
		Identificar as debilidades da economia dos E.U.A. nos anos 20.				-PWP- Novas emergências económicas	
		Referir a concorrência internacional, com a emergência de novas economias industriais.					
2- Referir a ascensão de novas economias industriais e a adoção de medidas protecionistas.		Realização por parte dos alunos da pergunta 1 da pág. 38 do manual.				Manual pág. 38 e 39	

Anexo 24 – PWP: Taylorismo



Anexo 25 - Doc.: Linha de montagem



[3] Com a linha de montagem limitavam-se ao mínimo as deslocações e os movimentos dos operários e a Ford tinha condições de fabricar um carro a cada 98 minutos.

Anexo 26 - Doc.: Operário a trabalhar na construção do Empire State Building



(5) Operário a colocar rebites durante a construção do *Empire State Building*, um arranha-céus de 102 andares, com mais de 400 metros de altura. Construído em tempo recorde, 410 dias, com recurso a uma rede de vigas horizontais de aço, é um dos exemplos do avanço e desenvolvimento da indústria norte-americana da construção civil.



Anexo 27 – Planificação 6ª Aula

Escola dos 2.º e 3.º Ciclos Dr. António Augusto Louro - Disciplina de História 2018-2019 Prof. Marco Lourenço



Domínio: A Europa e o mundo no limiar do séc. XX.						
Subdomínio: As transformações políticas, económicas, sociais e culturais do após-guerra.						
Data	28/10/2019	Turma	9º A	Aulas N.º		
Sumário	A Rússia czarista				Observações:	
Conceitos	Autocracia; Czar; Duma					
Metas Curriculares: Conteúdos		Estratégias de aprendizagem			Recursos	Avaliação
Conhecer e compreender a Rússia czarista.		Analisar o documento 4 com os alunos, para que os alunos caracterizem a sociedade russa antes da revolução.			PWP- A política, sociedade e economia na Rússia czarista.	Interesse dos alunos bem como a sua participação oral.
Descritor:		Referir, os na economia, falando da agricultura, da indústria e do comércio, com o auxílio do PWP.				
1- Identificar as características políticas, económicas e sociais do czarismo russo.		Explicar o Domingo Sangrento de 1905, analisando com os alunos os documentos 3 e 5 do manual, para que os alunos consigam perceber as causas da manifestação e o desenrolar da mesma.			PWP- A petição dos operários ao czar.	Capacidade para aplicar e integrar as aprendizagens nas perguntas do manual
2- Relacionar como a participação da Rússia na Primeira Guerra Mundial agravou as tensões sociais e políticas já existentes		Explicar o porquê do aparecimento da Duma e no que consistiu, com o auxílio do PWP.				
		Apontar a guerra contra o Japão como mais um fator que agravou a situação social e económica da Rússia, analisando com os alunos o doc. 2.			PWP- Concessões do czar.	
		Identificar a Primeira Guerra Mundial como a gota de água final para o caminho da Revolução de 1917.				
		Realização por parte dos alunos da pergunta 1 da pág. 41 do manual, com vista à análise do doc. 1.			Manual pág. 40 e 41	



Anexo 28 - Planificação 7ª Aula

Escola dos 2.º e 3.º Ciclos Dr. António Augusto Louro - Disciplina de História 2018-2019 Prof. Marco Lourenço



Domínio: A Europa e o mundo no limiar do séc. XX.						
Subdomínio: As transformações políticas, económicas, sociais e culturais do após-guerra.						
Data	30/10/2019	Turma	9º A	Aulas N.º		
Sumário	As Revoluções Russas de 1917				Observações:	
Conceitos	Soviete; Bolchevique e Ditadura do Proletariado					
Metas Curriculares: Conteúdos		Estratégias de aprendizagem			Recursos	Avaliação
Conhecer e compreender as revoluções de 1917		Correção da pergunta 1 da pág. 41 do manual, iniciada na aula passada.			PWP- O que aconteceu à Rússia em Fevereiro de 1917? PWP- Medidas do Governo Provisório. PWP- Comunismo. Manual pág. 42 e 43.	Interesse dos alunos bem como a sua participação oral Capacidade para aplicar e integrar as aprendizagens nas perguntas do manual.
Descritor:		Analisar com os alunos as causas que levaram à Revolução de Fevereiro, através de um PWP, para que estes percebam o porquê da revolução.				
1- Relacionar e caracterizar a Revolução de Fevereiro como revolução burguesa.		Explicar os acontecimentos da Revolução de Fevereiro de 1917, caracterizando os princípios liberais da Revolução, com o aparecimento do governo provisório.				
2- Caracterizar a Revolução de Outubro com a subida de Lenine e o estabelecimento com a ditadura do proletariado.		Referir as medidas do governo provisório com o auxílio de um PWP.				
		Explicar as causas e o desenrolar da Revolução de Outubro, relacionando com a chefia de Lenine, com o aparecimento de soviets e a consequente queda do Governo Provisório				
		Analisar com os alunos o doc.4, para que os alunos consigam por palavras suas designar a ditadura do proletariado.				

Anexo 29 – PWP: Medidas do Governo Provisório

MEDIDAS DO GOVERNO PROVISÓRIO



- Abolição da pena de morte
- Amnistia para os presos políticos e exilados
- Abolição das diferenças relacionadas com a etnia e a religião
- Convocação de uma assembleia constituinte

Anexo 30 - Doc.: Ditadura do Proletariado

(4) Como era entendida por Lenine a ditadura do proletariado?

«A marcha para a frente, quer dizer, em direção ao comunismo, faz-se passando pela ditadura do proletariado, e ela não pode fazer-se de outro modo, porque não há outras classes nem outros meios que possam quebrar a resistência dos capitalistas exploradores.

Ora, a ditadura do proletariado, quer dizer, a organização dos oprimidos em classe dominante, para punir os opressores, não pode limitar-se a uma ampliação da democracia. Ao mesmo tempo que produz uma ampliação da democracia, que se torna pela primeira vez a democracia dos pobres, a do povo e não mais apenas dos ricos, a ditadura do proletariado traz uma série de restrições à liberdade dos opressores, dos exploradores, dos capitalistas.»

Lenine, O Estado e a Revolução, 1917



Anexo 31 – Planificação 8ª Aula

Escola dos 2.º e 3.º Ciclos Dr. António Augusto Louro - Disciplina de História 2018-2019 Prof. Marco Lourenço



Domínio: A Europa e o mundo no limiar do séc. XX.						
Subdomínio: As transformações políticas, económicas, sociais e culturais do após-guerra.						
Data	30/10/2019	Turma	9º A	Aulas N.º		
Sumário	A implantação do Regime Comunista na Rússia				Observações:	
Conceitos	Comunismo de Guerra; Kulaks; Nepmen; NEP					
Metas Curriculares: Conteúdos		Estratégias de aprendizagem			Recursos	Avaliação
Conhecer e compreender a implantação do Regime Comunista na Rússia.		Analisar o clima de instabilidade na Rússia depois da Revolução de Outubro, com a análise do doc.1., juntamente com um PWP para que os alunos percebam o que levou à guerra civil e quais as forças que se opunham.			PWP- Guerra Civil 1918-1921	Interesse dos alunos bem como a sua participação oral.
Descritor:		Explicar o que foi o comunismo de guerra, bem como as suas medidas, com o auxílio de um PWP.				
1- Descrever as principais etapas de implantação do regime comunista entre 1917 e 1924 (Guerra Civil, Comunismo de Guerra, NEP, formação da URSS).		Relacionar o impacto que o comunismo de guerra teve na economia russa com o surgimento da NEP, analisando o doc.2, com os alunos para que estes consigam entender as melhorias que houve com esta nova medida económica.			PWP- O Comunismo de Guerra	Capacidade para aplicar e integrar as aprendizagens nas perguntas do manual
2- Avaliar o impacto da Revolução Bolchevique na Europa Ocidental e no mundo em geral		Identificar o aparecimento dos Kulaks e dos Nepmen, após as medidas da NEP.			PWP- NEP	
		Referir a formação da URSS.			Manual pág. 44 e 45	
		Analisar os documentos 3 e 6, de modo a que os alunos percebam o impacto que a Revolução Bolchevique teve na Europa e em países como a China.				
		Realização por parte dos alunos da pergunta 1 da pág. 45 do manual, com vista à análise do doc. 4.				

Anexo 32 – PWP: Medidas do Comunismo de Guerra

COMUNISMO DE GUERRA

- Acabar com a propriedade privada
- Proibir todos os partidos políticos, à exceção do partido do governo
- Criar uma polícia política, a Tcheka
- Criar a censura e perseguir, torturar e matar os adversários políticos

Elementos
torturam um
A máscara do capitalismo



Anexo 33 - Doc.: Produção agrícola e industrial da Rússia

Produtos	1913	1920	1925
Carvão	34	8	18
Ferro fundido	4	0,1	1,5
Petróleo bruto	9	4	7
Trigo	279	-	55
Algodão	2	0,1	2

Dados em milhões de toneladas, salvo o algodão e o trigo (estes em milhões de quintais métricos - 1 quintal métrico = 100 kg)

(2) Produção agrícola e industrial na Rússia/URSS.



Anexo 34 – Planificação 9ª Aula

Escola dos 2.º e 3.º Ciclos Dr. António Augusto Louro - Disciplina de História 2018-2019 Prof. Marco Lourenço



Domínio: A Europa e o mundo no limiar do séc. XX.					
Subdomínio: As transformações políticas, económicas, sociais e culturais do após-guerra.					
Data	4/11/2019	Turma	9º A	Aulas N.º	
Sumário	Os loucos anos 20			Observações:	
Conceitos	Jazz; Charleston; Sufragista; Emancipação				
Metas Curriculares: Conteúdos		Estratégias de aprendizagem		Recursos	Avaliação
<p>Conhecer e compreender as transformações socioculturais das primeiras décadas do século XX.</p> <p>Descritor:</p> <p>1- Relacionar e caracterizar o período antecedente e procedente da I Guerra Mundial.</p> <p>2- Relacionar a crescente emancipação feminina, com a I Guerra Mundial, problematizando com temáticas atuais.</p>		<p>Debater com a turma, as condições de vida da sociedade no período antes e depois da I Guerra Mundial, com o auxílio do doc.3 da pág. 47 do manual.</p> <p>Caracterizar o crescimento e o peso das classes médias, com o auxílio de um PWP.</p> <p>Analisar com os alunos, a melhoria das condições de vida e de trabalho dos operários, recorrendo ao doc. 1 da pág. 46.</p> <p>Explicar como as transformações económicas e sociais decorrentes da I Guerra Mundial, provocaram profundas mudanças nos valores sociais e morais dos países industrializados identificando esta época como os loucos anos 20.</p> <p>Visionamento através da plataforma Youtube, de dois vídeos, um de Louis Armstrong e outro de Charleston, para que os alunos consigam identificar o Jazz e a dança, como novas formas de lazer da população.</p> <p>Identificar a emancipação feminina, questionando os alunos sobre os efeitos da guerra ao nível da emancipação da mulher e da mudança de estilo de vida das mesmas, com o auxílio de um PWP.</p> <p>Analisar o doc.8 da pág. 49, debater com os alunos as questões da igualdade de género na atualidade.</p>		<p>PWP- Belle Époque.</p> <p>PWP- Movimentos Sindicais.</p> <p>PWP- Loucos anos 20.</p> <p>PWP- Emancipação Feminina.</p> <p>Manual pág. 46 a 49.</p>	<p>Interesse dos alunos bem como a sua participação oral</p>

Anexo 35 – PWP: Burguesia no tempo da Belle Époque



Jean Béraud, *Depois da missa na igreja americana de Sainte-Trinité, Paris, c. de 1900*

Anexo 36 - Doc.: Mudanças na sociedade do após guerra

(3) O que mudou na sociedade do após guerra?

«A guerra mundial trouxe grandes mudanças. [...] Os costumes mudaram. A mulher começa a ter um papel muito mais importante na sociedade.

Os progressos tecnológicos são imensos. A aviação passa a ter um papel importante com o estabelecimento das linhas aéreas regulares. A indústria automóvel começa a expandir-se. O acesso a estes e outros bens que a sociedade de consumo apresenta ao cidadão torna-se mais fácil através da venda a prestações, que se generaliza a partir dos anos 30. A eletrificação, a rádio, a vulgarização de caloríferos, frigoríficos, máquinas fotográficas, etc. dão novo tom a toda uma época.»

L. Bañuelos, «O mundo após a I Guerra Mundial», in *Grande História*, 2006

Anexo 37 - Doc.: Desafios do nosso tempo em matéria de igualdade de géneros

(8) Quais são os desafios do nosso tempo em matéria de igualdade de géneros?

«Na União Europeia, as mulheres ainda ganham, em média, 18% menos do que os homens por cada hora de trabalho. Têm menos recursos durante a sua vida ativa e, na reforma, enfrentam mais dificuldades para aceder a financiamento, sendo, por isso, mais afetadas do que os homens por todas as formas de pobreza, incluindo a pobreza no trabalho.

Reafirmamos o nosso empenhamento numa mobilização vigorosa de todos os instrumentos, tanto legislativos como não legislativos, para colmatar a disparidade de remuneração entre mulheres e homens.»

Declaração da Comissão Europeia por ocasião da celebração do Dia Internacional da Mulher., 2010



Anexo 38 – Planificação 10ª Aula

Escola dos 2.º e 3.º Ciclos Dr. António Augusto Louro - Disciplina de História 2018-2019 Prof. Marco Lourenço



Domínio: A Europa e o mundo no limiar do séc. XX.						
Subdomínio: As transformações políticas, económicas, sociais e culturais do após-guerra.						
Data	05/11/2019	Turma	9º A	Aulas N.º		
Sumário	A cultura de massas. Os progressos da ciência				Observações:	
Conceitos	Mass Media; Cultura de Massas					
Metas Curriculares: Conteúdos		Estratégias de aprendizagem			Recursos	Avaliação
Conhecer e compreender a cultura de massas, relacionando-a como uma melhoria nas condições de vida da população.		Debater com a turma, o porquê da cultura passar a ser um privilégio de todos, e não apenas de alguns, explicando o que é a cultura de massas.			PWP- Os <i>mass media</i> .	Interesse dos alunos bem como a sua participação oral.
Descritor:		Caracterizar os vários <i>mass media</i> , usando como auxílio os documentos presentes no manual das páginas 50 e 51 e o PWP, e com o visionamento de um pequeno vídeo do Steamboat Willie o primeiro filme de animação sincronizado. Fazer a caracterização apelando a participação dos alunos para os identificarem, nomeadamente:				
3- Identificar os vários <i>mass media</i> que contribuíram para a diversificação dos meios de comunicação		<ul style="list-style-type: none">• a rádio,• a imprensa,• o cinema• desporto,			PWP- Os progressos científicos do séc. XX.	Manual pág. 50 a 53.
4- Conhecer os progressos científicos que ocorreram nas primeiras décadas do séc. XX.		Referir alguns exemplos dos progressos científicos e dos seus respetivos autores, que se verificaram nas primeiras décadas do séc. XX, através da análise do doc. 1 e 3 e da projeção de PWP, com alguns desses exemplos.				
		Realização por parte dos alunos de uma ficha de trabalho correspondente ao tema as transformações socioculturais das primeiras décadas do século XX.				
		Correção da ficha de trabalho com a participação dos alunos.				

Anexo 39 – PWP: Rádios da década de 20



Família reunida a ouvir rádio, c. 1920



Um dos primeiros rádios portáteis, 1924

Anexo 40 – PWP: Caracterização da Cultura de Massas



Cultura de Massas

- Acessível a todos
- Linguagem simples
- Momentos de evasão
- Promoção de valores
- Homogeneização de comportamentos e de gostos

Anexo 41 – Ficha de trabalho



REPÚBLICA
PORTUGUESA

EDUCAÇÃO

Escola dos 2º e 3º Ciclos Dr. António Augusto Louro

Nome: _____ N.º: _____

1. Lê e observa o documento.

Doc.1.

“A prosperidade crescente foi a característica principal deste período (anos 20). Um índice desse facto foi a renda *per capita*¹ que aumentou (...). Outro índice², mais visível, foi a grande corrida à construção civil construção que transformou a silhueta³ das cidades americanas. Os automóveis, por sua vez, começaram a encher as estradas. Frigoríficos, fogões e rádios também se tornaram comuns nos anos 20. Todas essas coisas, que haviam sido artigos de luxo, baixaram de preço, enquanto os salários subiram (...).

Foi a era do *Charleston*, do *Jazz*, do saxofone, dos concursos de dança, das estrelas de cinema”.

J.M. Roberts, *História do Século XX* 1996

Legenda:

¹*per capita* = por cabeça/por pessoa

²índice = Indicador

³silhueta = imagem/imagem de perfil

1.1 Refere, de acordo com o autor do texto, alguns sinais de prosperidade dos anos 20.

1.2 Indica alguns novos bens de consumo referidos no documento 1.

1.3 O que possibilitou este aumento do consumo?

1.4 Observa o doc.1 da ficha e o doc.5 da página 47 e **relaciona** os efeitos da guerra com a alteração de mentalidades e costumes na época retratada nos documentos.

2. Analisa o documento 2 da página 48 do manual.

2.1 Explica de acordo com o documento, porque é que a I Guerra Mundial foi decisiva para o desenvolvimento do processo de emancipação feminina.

2.2 Identifica as novas atitudes adotadas por algumas mulheres nos anos 20.

3. Analisa o documento.

Doc. 2.

“Os cinemas enchem-se, com um público cada vez maior, rendido ao fascínio da Sétima Arte. Começam também, “os dias da rádio”.

Os Jogos Olímpicos da era moderna tinham surgido no final do século XIX (1896) e o desporto tornava-se progressivamente um ritual coletivo. E a “cultura de massas” começa a despontar. (...)

Os concertos musicais, os bailados e a ópera continuam reservados às elites; em contrapartida, o *music hall*¹, muito em voga², atingia um maior público. O disco e a grafonola acabariam por popularizar a canção”.

N. Severiano Teixeira, “Da Belle Époque à era do jazz band”, in História Contemporânea de Portugal, 1990

Legenda:

¹*music hall* = teatro musical

²voga = que está em destaque/moda

3.1 Indica os *mass media* referidos pelo autor do documento.

3.2 Explica a importância do surgimento da rádio nas primeiras décadas do século XX.

4. Escolhe um progresso científico que se verificou no século XX (presente no manual), referindo quem o desenvolveu e quais foram os seus contributos no domínio da ciência.



Anexo 42 – Planificação 11ª Aula

Escola dos 2.º e 3.º Ciclos Dr. António Augusto Louro - Disciplina de História 2018-2019 Prof. Marco Lourenço

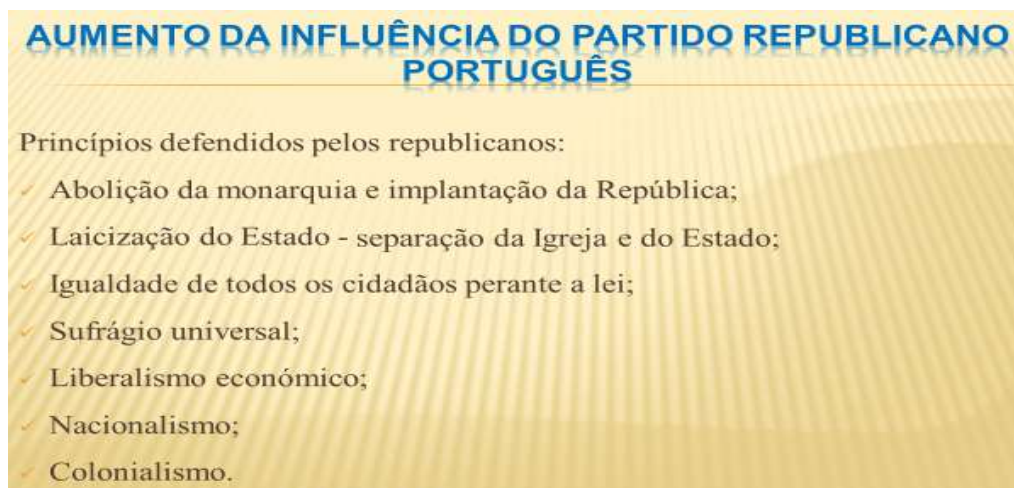


Domínio: A Europa e o mundo no limiar do séc. XX.							
Subdomínio: Portugal da 1ª República à Ditadura Militar.							
Data	18/11/2019	Turma	9º A	Aulas N.º		Observações:	
Sumário	Da crise da Monarquia Constitucional à Implantação da República						
Conceitos	Monarquia Constitucional; Rotativismo;						
Metas Curriculares: Conteúdos		Estratégias de aprendizagem				Recursos	Avaliação
Conhecer, compreender e relacionar a crise e queda da Monarquia Constitucional com a Implantação da República.		Caracterizar e relacionar a economia com o agravamento das condições sociais de Portugal nos finais do séc. XIX, com o auxílio do PWP, e com a análise por parte dos alunos dos documentos 1 e 2, da pág. 66 do manual.				PWP- Características económicas e sociais portuguesas nos finais do séc. XIX	Interesse dos alunos bem como a sua participação oral.
Descritor:		Relacionar o Ultimato Inglês e o crescimento do Partido Republicano, com o descrédito do regime monárquico.				PWP- O Ultimato Inglês	
1- Relacionar a situação económica, financeira e social de Portugal nos finais do séc. XIX.		Descrever sucintamente a Revolta de 31 de Janeiro de 1891 no Porto.				PWP- Princípios defendidos pelos republicanos	Capacidade para aplicar e integrar as aprendizagens.
2- Avaliar o impacto do Ultimato inglês e o aumento da influência do partido republicano, no descrédito monárquico.		Relacionar a ditadura de João Franco, com as causas do regicídio.				PWP- diferentes perspetivas sobre o regicídio	
3- Identificar aspetos que contribuíram para a queda da monarquia constitucional, realçando a ditadura de João Franco.		Análise dos alunos de dois documentos referentes ao regicídio, com duas perspetivas diferentes do sucedido, com o auxílio do PWP.				PWP- A revolução republicana	
4- Descrever sucintamente os acontecimentos do dia 5 de Outubro.		Enunciar e analisar com os alunos os principais locais e acontecimentos da Revolução que deu origem à Implantação da República em Portugal, através do PWP, e da imagem da pág. 64 do manual.				Manual pág. 64, 66-69.	

Anexo 43 – PWP: Situação económica e social portuguesa nos finais séc. XIX



Anexo 44 – PWP: Ideias republicanas



Anexo 45 – PWP: Duas perspetivas sobre o regicídio

DIFERENTES PERSPETIVAS SOBRE O REGICÍDIO

A

Os partidos políticos, em vez de se unirem, guerreavam-se. Não havia ordem nem autoridade. [...] D. Carlos, atendendo a esta confusão política, chamou ao poder o conselheiro João Franco que, dissolvendo o Parlamento, começou a governar em ditadura. [...] Deu-se então [...] o assassinato de D. Carlos e do príncipe herdeiro D. Luís Filipe [...]. Este ato pode considerar-se heroico porque pôs fim à ditadura.

Agostinho de Moura e Eusébio Queirós, *História da Pátria para o Ensino Primário*, 1912



O regicídio segundo o diário francês *Le Petit Journal*

B

Deu-se então um crime monstruoso: o assassinato de D. Carlos e do príncipe herdeiro, D. Luís Filipe, no Terreiro do Paço quando, no dia 1 de fevereiro de 1908, regressavam de Vila Viçosa com a família real. Em virtude deste lamentável acontecimento, subiu ao trono D. Manuel, filho segundo de D. Carlos.

Tomás de Barros, *Sumário de História de Portugal*, para a 4.ª classe, Ed. Educação Nacional, Porto, 1948

Anexo 46 – PWP: Proclamação da República

A IMPLANTAÇÃO DA REPÚBLICA EM PORTUGAL



A 5 de outubro, com o apoio popular, a revolução triunfa e pela manhã é proclamada a República da varanda da Câmara Municipal de Lisboa.

Anexo 47 - PWP: Cronologia da queda da República à Implantação da República

